



Trindade Coelho

In Illo Tempore

Edições

Vercial

ÍNDICE

A Festa das Latas
Resurrexit non est hic!
O Saraiva das Forças
Lopes ou Bettencourt?
Poetas balneares
O Orfeão Académico
Baltasar, o letárgico!
D. Felicidade
A Niveleida
O Lusitano e o Anda à Roda
A campanha do Zé Pereira
A sebenta
Na aula do Chaves
O *Velho!*
As fogueiras do S. João
A Casaqueida
«Um homem não é de pau»!
A récita dos quintanistas
Alho, alho, alho!
A «Cabra!»
O Bolson das contas lisas
«À tabua!»
«Viu bem?»
Os *voluntários...* da Economia!
O grande Damásio
Miserere nobis!
Leão Rei dos Animais
Sanches, o *Comilão*

A FESTA DAS LATAS

No tempo em que eu andava em Coimbra, andava lá também a estudar Direito um rapaz chamado *Pássaro*. Ele não se chamava *Pássaro*. *Pássaro* pusemos-lhe nós, porque, além de ser alegre como um pintassilgo e vivo como um pardal, usava o cabelo não sei de que modo, que parecia que lhe punha duas asas atrás das orelhas, e que a cabeça lhe ia a voar!

Ele não se zangava que lhe chamassem *Pássaro* e até gostava: e como alcinha que se ponha em Coimbra pega como se fosse visgo – desde o Gamões, que era lá em Coimbra o *Trinca-Fortes*, até ao falecido Alves da Fonseca, chamado o *Chato José do Cão* por andar sempre com um cão atrás dele e ter um nariz muito chato, ou ao outro a quem, por ter só metade do bigode, pegaram a chamar *Gode*, e ainda outro o *Sete Falinhas*, por se desfazer em fífias quando falava – ninguém lhe chamava de outra maneira: «*Ó Pássaro*, isto!», «*Ó Pássaro*, aquilo!»

A pontos que o rapaz adicionou a alcinha ao apelido, como fizeram outros (o Pirré, por exemplo, a quem chamavam assim por ser pequenino e que passou depois a assinar-se *Pirrait*); e, não contente em adicionar a alcinha ao apelido, arranjou não sei que firma ao lado do nome, que era um pássaro de asas abertas – a levantar voo!

Para a troça, era o que se chamava um vivo demónio! Piada que ele atirasse a um pobre caloiro, fazia o efeito de uma ventosa: repuxava logo à cara do triste quanto sangue tinha no corpo! E como lhe não falhava nunca a inspiração, e tinha olho para adivinhar um *peludo*, era o terror dos novatos e dos caloiros, e não havia ninguém que se batesse com ele – à Porta Férrea, nos Gerais, na rua ou em qualquer café!

Onde chegasse o *Pássaro* era pois risota pegada; e como

a graça dele era comunicativa e ateava à roda as gargalhadas de todos, novato que lhe caísse diante ficava-lhe nas mãos em carne viva! Mas como era um *artista* na chalaça e muito bom rapaz, a chalaça nunca lhe saía pesada, ao contrário do que se dava com outros – e por isso todos lhe queriam bem, incluindo até as próprias *vítimas*! Depois, era uma graça natural, essa graça do *Pássaro*, e parece que lhe espirrava dos olhos, dos gestos, das feições – e tinha uma voz que era um regalo ouvi-la! Só encavacou uma vez em toda a sua vida! Foi quando um novato que ele troçava, no meio de uma roda que lhe fazia coro, lhe disse assim com a voz a tremer:

– Ora ainda bem! Ao menos o senhor sempre tem graça!

Entupiu e foi-se embora! Nunca lhe passara pela cabeça que tinha graça!

Nas assembleias gerais, então, fazia as delícias da Academia! Em vendo acalorada a discussão, daquelas discussões que se armavam no Teatro Académico, cheias de vento e de fogo de palha, ou metia um aparte que fazia rir todo o mundo e entupia às vezes o orador, ou pedia a palavra *para um requerimento*. E mesmo que não fosse «para um requerimento», a ordem da inscrição alterava-se logo para ele ter a palavra – porque a Academia, em peso, erguia-se nos bicos dos pés:

– Fale o *Pássaro*!

– Tem a palavra o *Pássaro*!

– Caluda, que vai falar o *Pássaro*!

Na assembleia geral para se tratar do centenário de Pombal, lembro-me que pediu a palavra quando os estudantes de Teologia, acaudilhados pelo Silvano da *Ordem*, e de rixa velha, faziam à má cara obstrucionismo, para impedir a ideia de ir avanti.

– Tem a palavra o Sr. Pinto *Pássaro*! – diz do palco o presidente.

Discurso do *Pássaro*:

– Eu é só para isto, Sr. Presidente: para propor um padrenosso com uma ave-maria... por alma do Sr. Marquês de Pombal!

Nas aulas era o demónio com ele! Bilhete que escrevesse, em prosa ou em verso, levando em cima o «*Passe*» do estilo, ou «*Leia e passe*», era uma cócega pelas bancadas – e à tona das cabeças baixas dos rapazes que se perdiam de riso, só aflorava então a cabeça do *Pássaro*, muito sério, fitando o lente, que preleccionava...

...Ora foi na aula do Chaves, nem mais nem menos, que o *Pássaro*, rasgando uma folha em branco da Novíssima Reforma Judiciária, fez no 4.º ano o programa das latas, o célebre programa das latas, que é hoje raríssimo, e uma das peças clássicas da boémia de Coimbra – tão afamado como o *Palito Métrico*! Apanhado, o programa foi impresso; e impresso, não houve ninguém que o não comprasse no dia seguinte, à Porta Férrea, por um vintém – pois que de mais a mais tinha oportunidade: as aulas de Direito fechavam-se nesse dia, e à noite, como era da tradição, a rapaziada tinha de sair pelas ruas de Coimbra – naquela extraordinária inferneira chamada a *Festa das Latas*, em que cada um, incluindo os novatos, que nesse dia ficam *emancipados* e já podem sair de noite sem protecção, arrasta atrás de si as latas que pôde ir juntando durante o ano, ou as que comprou na «feira das latas» aos garotos, que vendem uma banheira velha por um pataco e três cântaros de «folha» por um vintém!

Essa é a tremenda noite de Coimbra, em que ninguém prega olho – troça aos estudantes das outras Faculdades, que ainda têm aulas no dia seguinte –, e que uma vez obrigou a fugir não sei que inglês *touriste*, que berrava, de mala na mão, a correr para o caminho-de-ferro:

– Doidos! Doidos! Doidos varridos!

Mas eis aqui o tal programa das latas, copiado do exemplar puído que ainda conservo, e que não daria por dinheiro nenhum:

AUX LATES, CITOYENS!

(EPISTOLA AD JURISTAS)

EU, D. CHINFRIM-BANZÉ, por graça da rapaziada amiga e de Sua Majestade Imperial a Arruaça, inspector da Troça, chanceler-mor do Pagode, cavaleiro professo da nobilíssima Ordem da Bolsa Vazia, Grã-Cruz da Piada Fina e do vinho do Pancada, sócio de mérito e efectivo de várias associações de Prego e Dependura, tanto nacionais como estrangeiras, condecorado com medalha de ouro das campanhas do Canelão e Corte de Cabelo, admirador lamecha encartado do sopeirame da Alta e director síndico-em-chefe da pantagruélica festividade das Latas, etc., etc., etc.

Considerando que deve ser para nós de supremo, supino e desenfreado júbilo o glorioso dia de 20 de Maio, consagrado a ser o fecho, o ponto final, da nossa árdua peregrinação através dos livros e dos Gerais, podendo alfim descansar no oásis suavíssimo das férias;

Considerando que para nós emudeceram os sons horrissono-agudos da Cabra, essa fúria metálica que a mão grifenha do Demónio arrancou do mais profundo das profundas do Inferno para nossa constante tortura;

Considerando que foi subjugada... por este ano, essa hidra de cem cabeças e quinze páginas, ídolo querido do Pacheco¹, espectro implacável que nos persegue, filoxera que nos suga a saúde e a bolsa com

¹ O Pacheco era um cego muito gordo, dono duma litografia da Rua das cozinhas, onde se imprimiam as sebatas.

sangrias de sete tostões mensais – e que estamos emancipados da tutela dos maçudos alfarrábios dos praxistas;

Considerando que, na génese funicular-propérica da humanidade e na evolução histórico-calaica dos tempos, esta festividade teve sempre da parte dos nossos antepassados o preito respeitoso do barulho, entusiasmo e camoecas – soberba trilogia que sintetiza todo o viver académico;

Considerando que o mirífico instrumento estrídulo, o latofone, é o título irrefragável do direito de precedência de troça, que, segundo a mais apurada orientação moderna positiva, pertence unicamente aos juristas, que são, sem ofensa, a flor, a nata e o creme da juventude que suspira pelos louros viridentes de Minerva;

Considerando que deve ser elevado à dupla categoria de instituição social e de instrumento de suplício o citado invento, por ser o mais adequado meio de transmissão do gáudio jurídico-juvenil ao tímpano apopléctico-febril dos que labutam eternamente agrilhoados ao X e ao polinómio, e dos que estudam as qualidades soporíferas, destilantes e cáusticas do chá de tília e do sinapismo Rigollot;

Atendendo ao que me foi representado, e ouvido o Conselho Supremo, hei por bem determinar o seguinte:

Que no domingo 21, à noite, se reúnam no Largo da Feira todas as corporações, altos dignitários, o povo da Academia, admitido à solenidade, ornados das respectivas insígnias e vestidos a capricho pela tesoura mágico-diamantina do Paixão² para formar o préstito latofónico, que percorrerá as ruas do estilo e que será

² O Paixão era um alfaiate de bigode e pêra, muito regenerador, que havia na Rua Larga, perto da Universidade, e que embirrava de morte que lhe pedissem o *diamante*: «Ó Paixão, dá cá o diamante!» Quando ouvia isto, perdia a cabeça!

organizado do seguinte teor, feitio, forma e jeito:

Abrirão a marcha quatro batedores, montados em jumentos ajaezados com luxo na forma prescrita nas Ordenações do Reino; em seguida um arauto, empunhando uma bandeira vermelha, tendo no centro uma enorme esfera branca com o dístico «*Ad majorem ponti gloriam*».

E logo a filarmónica dos charameleiros e flautistas³ da Academia, atroando os ares com a fantasia marcial estrepitosa, sobre motivos do fado corrido, do maestro Reinação.

Em segundo lugar, uma bandeira negra coberta de crepes com a legenda:

*Ai adeus acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado...*

guiando o carro alegórico da Sebenta, em figura de mulher desgrehada e suja.

Um grupo orfeónico entoará o responsório: *Sic transit imperium Sebentarum!*

Em terceiro lugar, os personagens reais da Boémia e da Pândega Pacata, cercados dum troço de briosos, dedilhando maviosas guitarras, e, em seguida, o corpo cerrado, compacto, dos alabardeiros de Sua Majestade Imperial a Arruaça, sobraçando mocas e arrastando latofones monumentais, atroadores.

Em quarto lugar, o carro simbólico da Cábula, vestida de escarlate, fazendo fígas ao Estudo e à Aplicação em forma de esqueletos mirrados; no primeiro plano, à direita, as figuras graves, meditativas, carrancudas, do Código Civil, do Processo, da

³ Chamam-se *flautistas* os estudantes que não são *ursos*. *Ursos* são os classificados – com *distinção*, «*accessit*», *prémio* ou *partido*. O flautista passa nos actos *Nemine discrepant* – e ainda com o seu R, isto é, *simpliciter*.

Novíssima Reforma, algemadas e guardadas à vista por um grupo de caceteiros; e no segundo plano, à esquerda, chorando o seu vergonhoso ostracismo, os vultos legendários de Correia Teles, Pegas e Lobão, empunhando poeirentos in-fólios.

O préstito será esclarecido pela luz candente-resinosa dos archotes; nas arcadas atmosféricas reboarão gritos sediciosos, vermelhos: *Viva o ponto! Abaixo os livros!*, e na lucidez estrelada do azul cerúleo-indefinido curvetearão em danças macabras, doidas, os arabescos luminosos dos foguetes (estilo fino).

O préstito, depois de serpentear pelas ruas da cidade, bem como quando uma descomunal bicha solitária, reverterá ao ponto de partida e dispersará ao rufar de vibrantes tambores, flautas e oboés.

Por essa ocasião subirá às regiões da Lua um balão de bojo hidrópico, tendo em caracteres graúdos o dístico *Sic itur ad ferias!*

Determino, por último, que seja obrigatória a carraspana e que fique revogada a legislação em contrário.

Pelo que, mando a todos os juristas que este virem que tenham entendido e queiram executar tão inteiramente como nele se contém as disposições deste pseudo-humorístico programa, sob pena de serem havidos, para todos os efeitos, réus confessos de sensaboria e mau gosto.

Dada no Olimpo, na véspera do glorioso dia 21 de Maio do ano 1882.

Lugar do selo grande armas latoidáceas. – D. CHINFRIM-BANZÉ – (*com rubrica e guarda*).⁴

⁴ Inteiramente gizado nos mesmos moldes, este programa, que também tem graça:

AOS JURISTAS

IRMÃOS DA CONFRARIA DAS LATADAS

*E Reitor da irmandade das Latadas:
Pra maior esplendor da procissão
Mando que este ano sejam observadas
As regras que em seguida escritas vão:*

*Em primeiro lugar a Academia
Ceará mais cedinho neste dia.*

*De modo que na Feira às nove em ponto
Tudo esteja disposto, armado e pronto.*

*Quando houver povilêu suficiente
Parte o préstito logo em-continente.*

*As ruas que percorre no trajecto
Vão em prosa no fundo do prospecto.*

*E tudo muito sério, sem desordem.
Há-de então desfilar por esta ordem:*

*– Vai na frente, com certo intervalo,
O grã'Jaime⁵ montado num cavalo.*

*E uma audaz guarnição pretoriana
Com broquéis de cortiça e armas de cana.*

Depois alguns irmãos com barretinas

A respeito da procissão das Latas no dia 27 de Maio de 1887

*Eu, Estrondo Algazarra Borracheira,
Com grau de bacharel na «Bela Orgia»,
Mestre da filarmónica «Zé-P'reira»,
Lente efectivo de cabulogia.*

⁵ Era o Jaime guitarrista, um de Nisa, que tocava guitarra na perfeição.

Vão tocando canudos e buzinas.

*Em seguida haverá, de papelão,
Um 'standarte com certa inscrição.*

*Dos lados marcharão os guarda-costas
Com as mocas direitas e bem postas.*

*(Se apar'cer pela rua algum caloiro
Cortar-lhe-ão o gentil cabelo loiro.)*

*Vai um pálio depois, de lençóis feito.
Levado por pessoas de respeito;*

*E debaixo um ratão de mitra e beca
Empunhando com jeito uma caneca.*

*O régio pregador do primeiro ano
Vai pregando um sermão a S. Magano:*

*Leva ao lado o Chaguitas⁶ ou o Fogaça⁷
A tocar-lhe ao ouvido uma cabaça.*

*Vão também com o traje dos anjinhos
Os novatos mais belos e tenrinhos.*

*Um conduz tábua velha ao peito
Como emblema das aulas de Direito.*

*Mais atrás como símb'lo da sebenta
Leva um outro uma chave ferrugenta.*

⁶ Mário Pinheiro Chagas, agora advogado em Lisboa.

⁷ António Fogaça, o poeta das *Orações do Amor*, que faleceu sendo estudante.

*Pra levar a tesoura do Paixão⁸
Vai um anjo maior: vai o Simão.*

*O Papá e a Mamã, muito abraçados.
Vão falando dos seus amores passados,*

*– Segue então toda a música Zé-P'reira
Disposta tal e qual desta maneira:*

*Um músico no centro a tocar bombo
C'uma croa e um manto régio ao lombo.*

*Em redor mais alguns de capacetes
Com tambor's, cornetins e clarinetes.*

*(Também neste lugar tem cabimento
O chocalho ou qualquer outro instrumento.)*

*Outros d'opas ou hábitos de frades
Com matracas de várias qualidades.*

*E da música para complemento
Vai de latas no couce um regimento.*

Itinerário: Feira dos Estudantes, Rua dos Penedos, Castelo, Ruas da Trindade, S. João, das Covas, Correio, Portagem, Calçada, Sofia, Terreiro da Erva, Ruas Direita, da Louça, dos Sapateiros, Praça velha, Arco de Almedina, Ruas das Fangas, do Correio, dos Coutinhos, da Esperança, Couraça dos Apóstolos, Beco das Flores, Rua da Matemática e Feira dos Estudantes.

O Reitor – Estrondo Algazarra Borracheira

⁸ O célebre alfaiate da Rua Larga, regenerador, de bigode e pêra e grande falador.

«RESURREXIT NON EST HIC!»

No tempo em que João de Deus andava em Coimbra, havia na Lusa Atenas, que é terra de mulheres bonitas, duas senhoras muito formosas, que eram irmãs – uma chamada Raquel e a outra Cândida. A Raquel, principalmente, diz que era uma divindade; e a mocidade da Academia, sobretudo os poetas, bebiam os ares por ela! Não era branca nem morena; tinha uma cor de bronze, de uma suavidade encantadora, nariz grego, e então uns olhos extraordinários, aveludados, muito brilhantes e pestanudos, que eram a perdição da rapaziada! Os pretendentes eram assim – aos cardumes... E cabeça de rapaz sobre a qual esses olhos admiráveis pousassem por um instante, mesmo casualmente, era cabeça perdida; porque entrava logo de andar à roda, como se fosse uma ventoinha, e o menos que lhe acontecia era rebentar numa catadupa de versos – que nem sempre, diga-se a verdade, eram condignos da inspiradora...

Ora o João de Deus pertencia à ala dos namorados dessa divindade, se bem que nunca lhe falasse; e tanto, que a majestosa Raquel ficou sendo para ele uma espécie de Musa, como para o Camões a Catarina, para o Dante a Beatriz, a Laura para o Petrarca, para Miguel Ângelo Vitória Colonna, etc., etc. Fez-lhe muitos versos, e aquela poesia *A Vida*, que a não há mais linda em todo o mundo; e fez-lhe depois, quando ela morreu, aquela elegia que tem o seu nome – *Raquel* –, uma das melhores coisas que o génio humano tem produzido, e que João de Deus, por sinal, improvisou numa tourada, alheio, vário, absorto, estranho ao mais formidável chinfrim que se tem desencadeado numa praça de touros! Soubera a notícia da morte quando ia para lá; chegou e amodorrrou-se a um canto: e quando se deu fê que a praça de touros tinha desabado, revolvida, de baixo para cima, pelo furacão da rapaziada, foi

dar com ele o João Vilhena, o seu fiel Achates, no mesmo lugar onde o deixara, e que por milagre tinha escapado! Pegou-lhe por um braço e levou-o dali, como se estivesse doido ou a dormir...

– Anda, João! Vamos...

Não vira nada; não ouvira coisa nenhuma; desabara a praça e ele a sonhar! Mas depois, chegado a casa, ditou dum jacto a soberba elegia, que o João Vilhena, absorto diante de tal maravilha, escreveu sem o perturbar, com os olhos vidrados de lágrimas...

*Despe o luto da tua soledade
E vem junto de mim, lírio esquecido
Do orvalho do céu!
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E se és, mulher, irmã dos que hão sofrido,
Mulher, sou irmão teu*

.....

Até ao fim!

Ora, mas até me parece que foi por causa dessa mulher, da sublime e divina Raquel, que João de Deus nunca atremou com a vida de Coimbra, levando a formar-se dez anos – «tantos quantos durou o cerco de Tróia», como ele dizia!

Segundo a melhor versão, que era ainda a dele, João de Deus chegou de Messines a Coimbra em Março de 1849. Não levava exame nenhum, porque só tinha aprendido latim com um padre do Algarve, e não sabia mais nada! Mas, passado um mês, ei-lo que faz no liceu de Coimbra o seu exame de instrução primária, onde lhe perguntaram o padre-nosso, e, na primeira época de exames, não está lá com meias-medidas: faz duma assentada os preparatórios todos, e em Outubro entra para a Universidade – matriculado no 1.º ano de Direito! No

fim do ano lectivo, em Junho, pouco mais ou menos, de 1850, foi a acto e ficou bem, e pôs-se logo a andar para férias – mas sem tenções de voltar para Coimbra! Aquilo aborrecia-o, a vida de Coimbra, e não sabia para que servia aquilo – livros, lições, professores, actos, banalidades!

No fim das férias disse ao pai que não queria voltar para a Universidade, e portanto ficou-se em Messines, na pânia, sem pensar em coisa nenhuma! O pai dizia-lhe assim às vezes:

– Ora esta vida não te aborrece, ó João?!

Ele encolhia os ombros. Nem lhe aborrecia, nem deixava de lhe aborrecer. Não reparava nisso. Entretinha-se a tomar o sol, ficava-se às vezes a ver o mar, e parece que já fazia o seu verso de quando em quando, mas nem aparava um lápis para os escrever!

Vinha-lhe o pai com a mesma cantiga, de quando em quando:

– O João, mas tu não te aborreces disto?!...

– Não senhor!

Mas uma vez reparou que era a pergunta que já lhe aborrecia – e como não tinha mais que fazer, pôs-se uma noite a arranjar a mala...

– Tu para onde vais? – perguntou-lhe o pai.

– Para Coimbra.

E voltou para Coimbra!

Sem saber como nem como não, fez o 2.º ano e ficou bem! Fez o 3.º ano e ficou bem! Mas ao chegar ao 4.º – esbarrou! Sem querer, deu quarenta e três faltas, mais três do que as precisas para perder o ano irremediavelmente!⁹

⁹ Na Universidade, com uma dúzia de faltas não justificadas já se perde o ano; mas com quarenta justificadas não se perde. Nunca entendi isto! E se as faltas são dadas pelo lente, pode não haver aulas um ano inteiro, que o ano não se perde! E *chinês*, mas é assim!

Este sistema das faltas é como o das lições. Se um estudante dá duas lições boas, embora não saiba nada, tem a *frequência feita* e o ano

Andava uma vez muito cabisbaixo para os lados de Santo António dos Olivais, quando deu com ele um rapaz também estudante, sobrinho do visconde de Lordelo, que era lente dele.

– Tu que andas aqui a fazer, ó João? – perguntou-lhe o rapaz. – Perdeste alguma coisa?

– Perdi o ano. Ando a ver se o encontro – respondeu-lhe o João.

O outro ofereceu-se:

– Homem, se tu queres, eu digo a meu tio que te abone as faltas, quando se reunir a congregação!

– Como queiras. O ano foi o que sabes. O Rodrigo (era o Rodrigo da Fonseca, então ministro do Reino) até mandou dizer para a Universidade que não apertassem nos actos este ano – e eu assim talvez passasse! Mas o diabo são as faltas!

– Deixa! Eu falo a meu tio.

Mas as coisas complicaram-se! Aquele visconde, que regia Direito Comercial, não exigia dos rapazes grande aplicação, mas queria-os muito sérios dentro da aula, ou ao menos que fingissem de sérios...

Por desgraça, um dos discípulos do visconde, um Folhadela do Porto, era um cábula como não havia segundo! Não estudava palavra, nem estava com cerimónias: entrava com o bedel quando o bedel ia marcar as faltas e saía logo atrás do bedel! Isto todos os dias, infalivelmente, sem falhar um! O

seguro: passa, porque o acto é uma «formalidade»; mas se dá uma lição má, embora saiba e tenha estudado to que depende às vezes do humor do lente e outras vezes do humor do rapaz, ou de qualquer tola banalidade!) já tem a *frequência tremida* e o *ano arriscado*!

Ora, tudo isto remediava-se bem: o lente não chamava à lição, e nem se marcava faltas – e, no fim do ano, quem soubesse passava e quem não soubesse ficava reprovado, e no acto é que se veria isso. Mais nada, e, quando muito, durante o ano, dar-se a palavra a quem a pedisse.

Acabava a *tutela* constante e deprimente do lente sobre o discípulo, e este havia de convencer-se de que só o estudo e o saber lhe podiam valer, e aprendia portanto a ser homem mais cedo – e sem *empenhos*...

visconde fazia vista grossa; mas, lá por dentro, azoava com a história, e tinha-a ferrada de não deixar ir o rapaz a acto no fim do ano!

Chega-se, pois, o dia da congregação, e começa-se a discutir no douto sínédrio se o Folhadela havia de ir a acto ou não havia de ir.

Diz o visconde:

– Não vai! Esse estudante não tem frequência na minha aula!

Objecção do Dr. Ruas, que protegia o rapaz:

– Isso, colega, não quer dizer nada! Pode o rapaz fazer bom acto!

Mas o visconde, na sua:

– Não vai! Voto contra!

E votou contra – e o Folhadela ficou excluído.

Mas chega-se a vez do João de Deus

– Esse estudante – acudiu logo o visconde – tem quarenta e três faltas, é verdade, mas é inteligente e há-de fazer bom acto.

Voz do Ruas, que estava picado:

– Oponho-me! Quarenta e três faltas: perdeu o ano!

– Mas... – ia a insistir o visconde.

– Não há *mas* nem meio *mas*! – objectou o outro, muito casmurro. – Quarenta e três faltas: perdeu o ano!

E pronto! Lá perdeu o ano o João de Deus, por causa do teimoso do Ruas!¹⁰ Mas embezerrou e não foi para Messines!

¹⁰ Este Ruas é o mesmo a quem o João Lobo de Moura fez esta quadra:

*No cérebro de mestre Ruas
Nem sombra de ideia medra:
Não é, porém, de admirar
Pois que as ruas são de pedra!*

Embrulhado no balandrau, deixou-se ficar por Coimbra durante as férias, à matroca.

...Até que, no fim das férias, ei-lo outra vez na Universidade, repetindo o 4.º ano, e em Junho seguinte deram-lhe o grau!

– *Quid petis?*

– *Gradum bachalauri.*

E o João de Deus, esse aludiu a ele nos seguintes versos, feitos contra um lente chamado D. Frederico, que tinha a mania de não dar feriados, ainda que lhos pedissem, para não sofrer descontos nos vencimentos (cada feriado, 16 tostões!):

*O nosso Ruas
Inda não é tão roaz como parece,
Porque se compadece
Cá da rapaziada postulante;
Mas o tratante
Do Frederico
Quer só feder de rico
Juntando aos 16 tostões, aos trinta,
Inda que nos engane, inda que nos minta!*

E a outro lente, o Nuno, que te pôs a provar uma vez a existência de Deus, também o João fez esta quadra:

*Ora a provar que há Deus, Nuno, isso é teima!
Pois há alguma ovelha no rebanho
Que não saiba que só a mão supremo
Criava um animal desse tamanho!*

Ainda a outro lente, o Dr. Hora, que ficou muito atrapalhado, ele e a sua pouca ciência, com um edital ou ordem da Reitoria, que obrigava os lentes a preleccionar uma hora, quando ele, coitado, só tinha corda para meia, e era fraco também do corpo; mas que meteu os pés pelas mãos para explicar aos rapazes que, não obstante a ordem do reitor, continuaria a preleccionar só meia hora, e depois chamaria à lição, e depois preleccionaria outra meia hora – a esse fez João de Deus os seguintes versos, comentando a *arengo* ao homem:

E lá trepou o João de Deus ao púlpito da presidência, ajoelhou-se, pôs as mãos, e o doutor de capelo – que era o Ruas! – encaixou-lhe a borla pela cabeça abaixo, dizendo-lhe como é da praxe:

– *Auctoritate qua fungor, ego confero tibi gradum bachalauri, in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.*

E o João de Deus, de cabeça de padre à roda do pescoço, calção e meias pretas debaixo da capa e batina esfrangalhadas:

– *Deinde restat mihi agere gratias per tot tantisque beneficiis erga me colactis...* – ou como quem diz: «Muito obrigado por tantos favores!»

Bem! Mas estava enfim bacharel o João de Deus! Ora quem chegava a bacharel também se formava: mas este argumento, que para outro seria decisivo para o fazer andar para diante mais um ano, a ele deu-lhe para o contrário!

– Agora, meu pai, é que é tolice voltar para Coimbra! Cá estou eu bacharel, e se me não formo é porque não quero, e ninguém dirá que é porque não posso!

O pai ainda lhe objectou:

– Pois agora é que é, homem! Por mais um ano, não te vale a pena não ter as cartas!

Ora, as cartas! Metia-lhe nojo isso das cartas! Para que diabo queria ele isso? Ora!¹¹

Diz que é fraco e que só ora

Como outrora, meia hora?!

Homessa! Essa agora!

Ele não diz que só ora

Meia hora;

O que ele diz é que ora

Como outrora, meia hora,

Depois chama, depois ora

Meia hora, e faz uma hora!

¹¹ Do próprio capelo, e dos doutores de capelo, fazia ele o seu juízo:

E sem mais quê nem pra quê, deixa-se ficar em casa... quatro anos!

O pai já lhe não vinha com a cantiga: «Então, João, isto não te aborrece?» Deixava-o!

Mas uma irmã que tinha e que ainda é viva, essa é que tais escarcéus armava lá em casa, que o pobre João, corrido, pegou em si e abalou para Coimbra!

Mas para se formar?! Isso sim! Para tudo, menos para isso! E assim o disse, logo que chegou a Coimbra, ao seu íntimo Manuel Viana:

– Eu formar-me, ó Manuel? Deus me livre!

Mas o Manuel Viana larga-lhe esta:

– Pois, amigo, se te formas, formo-me! Se te não formas, não me formo também!

– O quê?! – perguntou-lhe, aterrado, o João de Deus.

E o outro, secamente:

– Isto!

– Bem, pois então arranja lá *isso*!

Isso era a matrícula! Matriculou-se o Manuel Viana, e matriculou-se também o João de Deus – e ei-lo alfim no 5.º

*Toca a capelo, vou vê-lo
E vejo de todo a cor
Não doutores de capelo,
Mas capelos de doutor.*

As cores dos capelos são estas: *branco*, Teologia; *vermelho*, Direito; *amarelo*, Medicina; *azul*, Filosofia; e *azul e bronco*, Matemática. Dantes ainda havia o capelo *verde*, que era da Faculdade de Cânones (Direito Canónico); e isto faz-me lembrar aquele livro de um classificado, saído há pouco, que tratando exclusivamente da *Enfiteuse*, e portanto do *foro* ou *cânon*, que é prestação que o foreiro paga ao senhorio, diz assim, a p. 75, nota: «Era tal a importância do estudo do Direito Enfitêutico outrora, que na nossa Universidade existiu por muito tempo a Faculdade chamada de *Cânones*.»

Parece inventado, mas é o que lá está!

ano!

Mas estudar é que nem palavra, e os lentes bem o sabiam, porque o não chamavam! Uma vez o Barjona, que regia Direito Penal, ainda lhe disse à porta da aula:

– O João, vê lá quando queres que te chame

– Deixa! Eu te direi. (Tinham sido discípulos.)

Mas como nunca lho disse, nunca o chamou!

Até que, *post tot tantosque labores*, o João de Deus viu-se um dia bacharel formado – como eu e como toda a gente!

Era no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1859! Ótimo! Mas agora é que vem a história! Em certo ano, morava o

João de Deus na Couraça dos Apóstolos com o João Vilhena, que andava em Direito, um Correia, teólogo do Alentejo, grande bebedor que já morreu, e uma criada velha e viúva, a Jacinta, a quem chamavam, por ser muito viva e desembaraçada, *Madame Electricidade*.¹²

¹² Desta *república* do João de Deus fazia também parte um brasileiro chamado Olinta, que era pelos modos um grande boémio, que tudo o que tinha metia-o no *prego*, fosse por que dinheiro fosse! Foi a este Olinta que João de Deus fez o seguinte soneto, que parece do Bocage!

*Baldo ao naipe o novato Lúcio Olinta
Bem quer matricular-se, mas que monta?
Se aquela bola de cabeça tonta
Em estando ao jogo está na sua quinta!*

*«Raspe-me essas patetas, vá, Jacinta,
(Diz ele à moça). Veja se se apronta,
E empenhe o que aí há. Lance-lhe a conta:
Metade do valor, e o juro a trinta.»*

*Jacinta leva a trouxa a uma alma santa...
Expõe-lhe o caso... E como quem se esquentava
Responde-lhe o agiota: «Enrole o manta,*

Ora defronte do João de Deus, à entrada do Beco das Flores¹³, onde todas as manhãs apareciam no chão *boninas* novas, como chamava o Camilo a certas indecências que por ali se faziam, morava então o Sanches da Gama, que era ainda estudante. Era já o *bon vivant* que sempre foi: beijo sensual, ventre que tinha suas parecenças com o de Falstaff, um namorador de primeira ordem e um comedor então de primeiríssima! Poetava. Foi ele que fez a letra para o *Hino Académico*, em competência briosa com outro estudante, um Zusarte, cuja letra foi rejeitada pelo autor da Música, o célebre Medeiros, que toda a vida se matriculou no 2.º ano por gostar muito da capa e batina e não se dar mal com a Química, tendo

Não me convém a menos de sessenta.

E isto que lhe digo, e se se espanta

Faça-lhe a conta bem: perco quarenta.»

¹³ Este Beco das Flores faz-me lembrar agora uma alcunha que o José Maria Rodrigues, hoje lente de Teologia e reitor do liceu de Lisboa, pôs a um rapaz do Minho chamado Sousa, muito cascudo, que tem agora *açougue* nos Arcos, porque os dos Arcos chamam «açougue» ao escritório dos advogados, e o Sousa formou-se em Direito, e é agora advogado nos Arcos.

Morava o minhoto no Beco das Flores, ainda era caloiro; e depois de jantar, todas as tardes, costumava aparecer pela *república* do José Maria Rodrigues, que era então na Rua da Matemática; e o José Maria, que por dizer alguma coisa lhe perguntava sempre: «Então? Que há de novo lá pelo Beco?», entrou a notar que a pergunta afinava o caloiro, porque o caloiro envergonhava-se de morar num beco, e queria por força que dissessem «Rua»! Não foi preciso mais nada; o José Maria nunca mais lhe tornou a chamar senão *Zé do Beco*, e atrás dele os outros todos – e a alcunha pegou!

Ainda me lembro que, uma vez, foi à *república* do José Maria, por engano, um queijo muito bom que era para o Dr. Eduardo Nunes, ao tempo lente de Teologia e agora arcebispo de Évora; e que o queijo, condenado a ser comido por se ter ido meter numa casa alheia, foi saboreado também pelo *Zé do Beco* – mas este *debaixo de um chapéu-de-chuva!*

O José Maria tivera artes de convencer o caloiro de que o queijo, *para saber bem* (principalmente um queijo daqueles!), era assim que se devia comer – como se fosse na rua e chovesse a potes!

inventado também, nas Matemáticas, uma trissecção do ângulo muito patusca! O Medeiros, que tocava rabeca na perfeição, preferiu a letra do Sanches da Gama, por parte de cunhados que já então eram – mas depois, era de ouvir o Zusarte, muito cáustico, dizer a todos que não entendia *aquilo*:

– Vejam vocês:

*Do trabalho sedento na lide
Doce esp'rança nos vem afagar.*

E comentava:

– Que diabo quer dizer *sedento*?! – E virava a pergunta pelo forro: – *Sedento*, que diabo quer dizer?!

E embirrava também com o segundo verso, por o Sanches lhe ter comido um *e* na palavra *esperança*, acrescentando que lhe não comera todas as letras porque, em suma, esperanças eram esperanças, e só chouriços realidades!

No mais da letra desfazia também o Zusarte, muito picado!

Poetava, pois, também, o Sanches da Gama; e metera-se-lhe na cabeça, porque poetava, render pelos produtos do estro a beldade da divina Raquel! Era a inspiradora daquele Falstaff, essa mulher etérea! Das relações da família, ia muito lá a casa, o Sanches da Gama, principalmente às vésperas de feriado. Mas gostava, para as intermitências, de arranjar o seu pé de por lá aparecer um dia por outro. Arranjou-lhe um álbum, por conseguinte; e oferecido o álbum à formosa Raquel, ei-lo de porta em porta a colher da Academia letrada – versos, música, desenhos, qualquer coisa; e cada coisa que arranjava, eram duas visitas: uma quando ia levar o álbum, outra quando ia outra vez por ele para o levar a outros!

Estava como queria!...

Até que deixou o álbum, uma vez, em casa do João de

Deus, para o João de Deus escrever nele também! Mas como o João não era para pressas, e o Sanches queria aquele *pé* para ir ver a Raquel, não se passava uma hora que se lhe não pusesse a gritar lá da janela:

– Ó João?! Então esse álbum?!

– Deixa! – dizia-lhe o João de Deus.

Mas o outro é que o não deixava – e dia e noite era a mesma perlanda:

– Ó João! Então vem o álbum, ou não vem?!

Até que tanto moeu, tanto maçou, que o João de Deus disse-lhe uma vez:

– Olha! Vem por ele!

Foi logo, de três escanchadas!

– Mas isto não está acabado! – exclamou o Sanches, mirando no álbum o esboço dum Cristo. – Está bonito, mas falta acabá-lo!

– *A cavalo* o Cristo! – calemburizou o João de Deus, admirado de que o outro não percebesse que era de um esboço que se tratava, e de mais nada... – Leva-o, anda! Isso que aí está é o que é!

Mas passados dias, usufruído em três ou quatro visitas à linda Raquel o esboço do Cristo morto, eis que o Sanches da Gama volta com o álbum ao João de Deus e depõe-lho em cima da cama:

– É pra o acabares, ó João! Aqui te fica! Mas vê lá agora se ainda o demoras

– Não! Deixa.

Mas ainda o Sanches da Gama não tinha atravessado a rua, já o João de Deus o chamava de cima:

– Ouves? Podes vir, que está pronto.

– Pronto o quê?!

– O desenho. Então que há-de ser?!

Atravessa outra vez a rua o Sanches da Gama, sobe as

escadas do João de Deus, e entra-lhe no quarto.

– Toma; leva!

Abre o álbum na folha do desenho o Sanches da Gama, e fica atónito! Em vez do esboço do Cristo, que o João de Deus apagara com uma borracha, leu o seguinte ao fundo da página – e que é a legenda do Santo Sepulcro, que diz que o Cristo já não está ali... *porque ressuscitou:*

RESURREXIT NON EST HIC

O «SARAIVA DAS FORÇAS»

No tempo em que eu fui para Coimbra, andava já lá a estudar Direito, ou pelo menos a frequentá-lo, um rapaz do Minho chamado Saraiva, que era uma verdadeira celebridade! O Saraiva era mostrado aos novatos como se fosse um fenómeno, ou algum ente sobrenatural:

– Olha! Lá vai o Saraiva!

– Que Saraiva?!...

– Um que tem muita força! O estudante de mais força que anda em Coimbra!

– Oh!!!

E vinham logo as façanhas umas atrás das outras, e já o demónio do Saraiva cheirava a lenda, como o Hércules da Mitologia!

Demais a mais, como passava o tempo a inventar pirraças e, depois de as inventar, a pô-las em prática, no fim do ano tinha já o costume de ficar reprovado, ou então de não ir a acto; e por isso nem ele se lembrava já – tão longe isso ia! – de quando tinha entrado para a Universidade!

Andava ainda no 1.º ano, mas era como se andasse no 4.º ou no 5.º, porque já protegia! Ao lado dele ou adiante dele, os novatos entravam a Porta Férrea tão seguros e afoitos como se levassem na cabeça a pasta de um quintanista; e, nas vésperas de feriado, de noite, protegia-os aos cinco e aos seis ao mesmo tempo, e não havia trupe que o desacatasse!

– Estão protegidos! – dizia Saraiva intrepidamente.

E lá passava com a caravana pelo meio da trupe, como um leão que metesse um rebanho por uma alcateia, de propósito para arrelhar os lobos!

Como tinha muito destas generosidades, era querido de todos; e não constava afinal que lhe desse a valentia para piores

façanhas – nem em Braga, onde lavara os preparatórios à má cara, e passara já por valentão, nem em Coimbra!

Demais a mais, não alardeava forças nem contava proezas; e até quando se metia a proteger sem lhe competir, fazia-o porque se supunha com *autoridade*, e não por ostentação. Lá o andar no 1.º ano não o impedia de ter já no 2.º, regendo cadeira como lentes, sujeitos que haviam sido no 1.º seus condiscípulos – e isso, entendia ele, alguns foros lhe havia de dar.

E se lhos não dava, tomava-os ele!

Além disso, era muito alegre. Às vezes estava a gente em casa a estudar, alta noite, e, de repente, quando menos se esperava, sentia na rua uma gargalhada, como se fosse um galo a cucuritar! Era o Saraiva que andava a fazer das suas, e que rematava alguma pirraça com essas casquinadas em falsete, muito agudas, que eram só dele e de mais ninguém!

Como além de valente era muito ágil, saltava de um pulo à altura de uma janela, fincava uma das mãos no parapeito, aguentava-se a peso muito firme, e com a outra abria a vidraça; depois, trepava e escoava-se lá para dentro, muito subtil, e daí a bocado lá surdia outra vez à porta da rua, trazendo debaixo do braço, como os outros, os livros da aula, algum tonel cheio de vinho, e nas mãos, se calhava, o que topava na despensa: presunto, a meada dos chouriços, a réstia de alhos e de cebolas e, às vezes, se os donos de casa andavam por fora, o bragal e a roupa das camas!

Uma vez deu-lhe na cabeça para levar da Rua da Trindade, onde eu morava, quanto calçado apanhou à mão às portas dos quartos, pela madrugada; e encanastrada a sapataria, foi-se com aquilo tudo para a Rua Larga, a formar em quadrado, à roda do monumento a Camões, o seu grande regimento de *solípedes*, como ele dizia – comandado, heroicamente, por um par de botas à Frederico, armado das

competentes esporas!

Pela manhã, está claro, cada um teve de ir descalço à Rua Larga, pelo calçado que lhe pertencia! Mas como estava tudo fora de ordem, uma bota aqui, outra em Cascos de Rolha, aqui um sapato e outro não se sabia onde, o Saraiva, que morava perto, não despegava de buzinar da varanda uma trompa de caça, arremedando a trombeta final, e fazendo, como ele dizia, *o ensaio geral do Dia do Juízo!*

Outra vez, na sala de bilhar do Clube Académico, falavam os rapazes de valentias, e o Saraiva não dizia palavra... Senão quando, os dois que jogavam no bilhar *monstro*, um bilharão que lá havia do tamanho de uma fragata, começaram, por desfastio, a debicar com ele: «que qualquer dos Punas (dois pretalhões muito valentes que lá havia, filhos dum régulo, o João e o Vicente) o amarfanhavam só com um sopapo»!

O Saraiva largou uma risadinha das suas e encolheu os ombros.

– Não?! – desafiavam-no os dois. – Pois aposta-se!

– Aposta-se o quê! – fez o Saraiva com desprezo. E, enquanto o Diabo esfrega um olho, mete-se de joelhos debaixo do bilhar; levanta-o a peso com o costado; equilibra-o; e diz lá debaixo com toda a frescata: – Juguem, seus grandes asnos!

Mas outra vez estava também no Clube Académico quando se ouve na rua o estrupido de dois cavalos, que pararam de repente defronte da porta.

– Ó Saraiva! – gritam ao mesmo tempo os dois cavaleiros, um dos quais era o *Cara Fatal*, um caloirão como umas casas, com grandes prosápias de valentão, e que, de um coice que apanhara em pequeno, tinha na cara um costurão enorme que lhe arregoava de alto a baixo, e o outro um rapaz também pimpão, chamado Lousa, que era repetente de Matemática.

Correram uns poucos às janelas do Clube.

– Ó Saraiva! – desafiaram eles. – Se está aí, que salte pra cá! Foi logo uma ovação estrondosa – e correram uns poucos a chamar o Saraiva e a perguntar-lhe se não aceitava o repto.

Chega o Saraiva à janela com toda a frescata, e diz assim a rir-se para os dois:

– Olhai que, se lá vou, vocês amargam-nas...

Apuparam-no! – «Que se queria alguma coisa que saísse!

– Era agora!»

O Saraiva ainda se riu mais.

– Ai os diabos! Mas vocês falam a sério, ou isso é a brincar?

– A sério! – gritaram os dois do meio da rua. – Cá fora é que se tiram as chibanças!

– Ai é?! Então esperem lá vocês!

Mas, palavras não eram ditas, como se lhe afuzilasse dos olhos algum corisco, e o corisco espantasse num repente os dois cavalos – ah, pernas! –, largam ambos numa carreira desapoderada, e tomam para os lados da Rua dos Estudos; da Rua dos Estudos sobre o Museu; do Museu, à esquerda, por ali abaixo – nem os dois sabiam para onde!

Dá a fugir detrás deles o Saraiva; prevê-lhes o itinerário; corta por atalhos para lhes sair à frente; e ao fundo da Couraça dos Apóstolos, ao pé do Arco do Colégio Novo, agarra pelo freio o cavalo do Lousa; prega com o rapaz no meio do chão; dum pulo salta para o selim; e, mais veloz do que um pampa, larga a correr no encalço do outro que tomara para os lados da Baixa! Corta a Baixa como um relâmpago, e quando lobriga o *Cara Fatal*, já o vê a atravessar a ponte, mais rápido do que uma lebre

– Ah! Cão!

Entesta para esse lado cada vez mais rápido, e como o *Cara Fatal*, passado o Mondego, lhe tomasse a dianteira sobre o Almengue, vai-lhe no encalço como se fora um galgo, e às

duas por três – zás! –, fila pelo rabo o cavalo do outro, que já não há esporas que o façam voar, e presto, sem se desmontar, agarra pela gola o *Cara Fatal*, e, cosendo ao dele o seu cavalo, e tomando-lhe as rédeas de um safanão, saca da tesoura, de pontas aguçadas, e ali mesmo, à luz do Sol, diante do panorama atônito de Coimbra –*zec! zec! zec!* –, rapa, de três tesouradas, o cabelo ao *Cara Fatal*!

Ora, com uma pertinácia destas, o Saraiva está de ver que sempre se formou, e tomava até capelo, se quisesse! Mas não quis. Formado, foi para a terra, advogar. E uma vez que eu viajava no Minho, vi à beira de uma estrada, sobre milharais espigados, um poste com uma tabuleta, e na tabuleta este letreiro, com uma mãozinha a apontar para o norte:

AQUI
ADVOGA-SE

Explicou-me o cocheiro que além atrás duns cômodos ficava o escritório do Sr. Dr. Saraiva – advogado!

– E ele ganha as questões? – perguntei eu.

– Todas! As partes contrárias tomam-lhe medo!

Ora mas o caso que tenho para contar ainda é outro, e foi também em Coimbra, numa festa da Rainha Santa. Para ver melhor a procissão, o Saraiva entendeu por bem trepar para cima dum carro, e pôs-se de pé no tejadilho, a um canto do Largo de Sansão; como via tudo muito bem, lobrigou um tipo qualquer, meio lapónio, que estava em baixo de chapéu na cabeça.

– Psiu! O seu lapão! Tire lá o penante desse toutiço! – ordenou-lhe o Saraiva de cima do carro.

O outro foi como se não ouvisse, e torna o Saraiva do tejadilho:

– Já lhe disse que tire o chapéu, ó seu urso!

Mas o *urso* respondeu-lhe torto e carregou mais o penante pela cabeça abaixo.

– Ai sim?! – diz-lhe o Saraiva. – Pois então logo falaremos!

Mas o tal, que era repontão, pôs os braços em asa e desafiou-o – de chapéu às três pancadas:

– É já, se quer!

O Saraiva não se fez rogado. Desceu-se com muito bons modos e do seu vagar; chegou-se ao patego muito pausado; e disse-lhe assim:

– Vá lá adiante. E escolha o sítio.

O patego foi o que quis ouvir. Abre caminho pelo povilêu; toma apressado por umas ruelas esconsas; e o Saraiva, sempre muito sério, lá vai atrás do lapónio. Mas, já aborrecido da caminhada, eis que depara com um polícia não sei onde, e, segurando o patego por um braço, a pontos que lhe caiu de joelhos, vira-se para o polícia e diz-lhe assim, já o patego estando de mãos postas: -

– Olhe este urso, ó 33! Mas leve-mo lá pró chilindró, ande, que quer por força que lhe parta a cara!

Outra vez, na aula do Pita, já no 5.º ano, foi chamado à lição e estava em branco! Tratava-se dos deveres dos párocos, em Direito Eclesiástico Português; e, porque não sabia nem patavina, desata numa grande berrata contra os padres do Minho – dizendo que tinham todos amásias!

O Pita, que também era padre, começou a doer-se com a descomponenda; e como o Saraiva tinha um irmão que era abade no Minho, interrompe-o para lhe lembrar o irmão – «que era um sacerdote muito exemplar (diz o Pita), como ele, Saraiva, devia saber»...

Réplica do Saraiva, que tinha medo de se ver obrigado a «entrar na matéria» e não queria largar o nariz-de-cera:

– Sim senhor! Sim senhor! Tudo isso é muito bonito, mas

a cantiga não a fiz eu:

*Não há amor como o primeiro
Nem lenha como a de azinho
Nem filhos como os de padre
Que chamam ao pai padrinho!*¹⁴

¹⁴ Este Pita, que ainda hoje é lente do 5.º ano, tinha muito o costume de estar sempre a ver as horas, provavelmente porque lhe pesava a carga. Mas uma vez, no meu 5.º ano, passou uns dias sem tirar o relógio; e como isso fosse caso notável, o Alfredo da Cunha fez-lhe estes versos, que passaram na aula de mão em mão:

*Dão-se alvissaras, e boas,
A quem descubra porque é
Que já as horas o Pita
No seu relógio não vê:
Dizem muitos, e eu não nego
Nem o vou também jurar,
Que o relógio pôs no prego,
E que o Pita anda a apitar.*

Mas uma vez que ele *o trouxe à corda*, isto é, não o chamou à lição durante muito tempo, e o mesmo, e ao mesmo tempo, lhe fez o Lopes Praça, que regia Prática do Processo, o Alfredo da Cunha desabafou assim, perante os que estranhavam vê-lo tão magro, de ter de estudas para as duas cadeiras:

*Perguntais-me como passo?!
Eu passo como uma passa
Maçada a martelo e maço
– Ou melhor, a Pita e Praça!*

E outra vez, que receava ser chamado a uma lição maçadora, saiu-se com esta versalhada de rimas difíceis – em *aça, eça, iça, oça e uça*:

*A Santo António da Praça
Fiz eu hoje uma promessa
De lhe rezar uma missa,*

LOPES OU BETTENCOURT?

Num tempo que já vai muito longe, havia lá em Coimbra uma *república* de trasmontanos, tudo rapaziada alegre: o padre José Luís Alves Feijó, que foi depois bispo de Bragança; os dois Guerras, de Freixo de Espada à Cinta: o Manuel e o Francisco; o Gomes Lajes, que era também de Freixo; o Bernardo Teixeira Leite Velho, de Mogadouro, que foi advogado para o Brasil, e lá está ainda, e que era um pândego de marca; e então o José Bernardino Teixeira de Abreu, que morreu, com perto de oitenta anos, a advogar em Mogadouro.

Como era de muito longe, e naquele tempo só se Viajava em cima dum macho, uma bela manhã largava a caravana para Coimbra, ficando a família a chorar de saudades!

– Adeus! Adeus! Tomai cuidado por esses caminhos! Vede lá agora se vos meteis em perigos! Adeus! Adeus! Bem encaminhados!

Mas como os alforges iam atacados de merenda e os

*Ou de lhe dar uma coça
Em mortal escaramuça,
Se, ou a sério, ou por chalaça,
Lhe desse lá na cabeça,
Cheia de leis e justiça,
Chamar-me hoje a esta troça
Que a minha paciência aguça.*

Ao Lopes Praça, que preleccionava sem despegas com os olhos fechados; e parecia um fio de azeite, muito mole, sobre uma resma de mata-borrão, fez esta quadra o Francisco Bastos, um boémio, que era brasileiro e já morreu:

*O Lopes Praça a falar
Em Direito, sem sabor,
Parece um sino a dobrar
Por alma dum maçador!*

bolsos recheados de pintos, seguia entre gargalhadas a caravana – enquanto os lenços das mães ficavam a acenar lá das varandas, e os das irmãs, e os das primas:

– Até pró ano! Até pró ano!

Chegados a Coimbra, depois duma semana de peripécias, e às vezes mais¹⁵, arranchavam na mesma casa; e a vida seguia em comum por esse ano fora até que vinham as férias grandes, e lá iam eles outra vez de longada, por montes e vales, sem merenda e quase sem pintos – para o remanso dos «pátrios lares»!

Mas em Coimbra, pelos modos, os rapazes comiam mal: caro e mal cozinhado! O José Bernardino sobretudo, que foi sempre de bons petiscos, não aturava aquelas criadas, e muito menos os *gaspachos* que lhe serviam; e deliberou, por isso, levar da terra um cozinheiro! Feita a proposta aos mais

¹⁵ Estas peripécias são o objecto do *Palito Métrico* – em latim macarrónico! Lá diz o *Argumentum*: «Describitur jornata cujusdam Calouri venientis ad Coimbram, et inde regressus ad suum casalem» – e principia assim:

*Forté ad Coimbram venil de monte Novatus,
Ut matriculetur. Nomen, si rité recordor,
Jan-Fernandes erat. Patres misere, suorum
Ut post formatus Doctor foret honra parentum.
Partitur é patris casa, valedicit amiguis;
Et buscat stradam, nostram quae guiat ad urbem.
Cumque ignota videt, passat quacumque, bisonhas
Omnia miratur; montes, et flumina pasmat.
Seque Arreiro virans, perguntat; at ille
Contat inauditas, illum empulhando, patranhas,
Encaixat quandoque petas, quandoque sucrem
Monstrat, ut hic mediam mandet venire canadam.*

Este arreiro que embrulha o caloiro com patranhas, é o tal que em certo ponto da jornada faz appear do macho o pobre-diabo e lhe diz, escarranchando-se na albarda muito regalado:

– Nos quoque gens sumus, et quoque cavalgare sabemus!

companheiros e aceita por todos, lá vai um dia atrás da malta, arvorado em cozinheiro da trupe, o bom do Bernardino Lopes – ainda rapaz, mas muito *peludo*!

Ora naquele tempo, e ainda no meu, uma *república* não era só de quem lá morava dentro. Mais ou menos, era de todos, e a toda a hora! Basta dizer que a porta de uma *república* nunca por lá se fechou de dia ou de noite; nem lá dentro, as portas dos quartos; nem dentro dos quartos, os baús; nem dentro dos baús, os mealheiros, se os havia! Aquela, demais a mais, era um modelo de franqueza, por ser de transmontanos autênticos! Chamavam da rua ou batiam à escada?

– Entre quem é!

E se estavam à mesa, o cumprimento era logo este:

– Sente-se e coma!

Tal e qual como na *província*!

Ora o cozinheiro, está claro, era o Bernardino! E como em breve corresse pregão de que para petiscos não havia segundo, às duas por três era uma romaria lá para casa, porque lhe queriam todos ver a cara – e tirar-lhe a *prova* às habilidades!

Mas, como tinha uma cara chapada de patego, e demais a mais era desconfiado, o verdadeiro *petisco* saiu-se ele!

Fervia a troça!

Uma Vez diz-lhe um assim:

– Tu como te chamas?

– Bernardino Lopes, um seu criado. -

– Ora, *Lopes*! Isso pode lá ser?! Isso nunca foi nome de gente! E preciso mudar esse nome, ouviste?! – acudiu o outro, e os mais com ele.

– Mas já meu pai era Lopes – alegou o rapaz com muito má sombra.

– Pior! – tornaram em coro os outros todos.

– E o meu avô, plos modos...

– Pior! Pior! – tornou o coro.

– E os meus tios, que também se chamam Lopes! – dizia o Bernardino já a remorder-se.

– Mau! – diz-lhe então um. – Mas teu pai que barba tinha?

– Nenhuma. Barba rapada.

– E teus tios?

– Um, barba toda, e outro, suíças.

– Ora aí tens! Pois vai lá tu agora rapar os queixos, e ao mesmo tempo deixar barbas, ou suíças, se és capaz! Pode lá ser?! Pois com o nome é a mesma coisa: cada qual é o nome que tem!

E tanto porfiaram, tanto teimaram, que o rapaz condescendeu, e ficou a chamar-se... Bettencourt! (*Bettencourt* não lembra ao diabo!)

E começaram logo as experiências:

– Ó Lopes!

O rapaz... – moita!

– Lopes!

Moita...

– O Bettencourt!

– Meu senhor!

Pronto! Estava na conta!

Mas dali por diante ninguém passava à porta que não chamasse da rua:

– Ó Lopes!

E se o Lopes, apanhado de surpresa, respondia à chamada, eram logo da rua os impropérios:

– Ó animal! Então és Lopes ou és Bettencourt?!

E se, pelo contrário, respondia à crisma, ainda os da rua se não calavam:

– Ó animal! Então és Bettencourt ou és Lopes?!

De modo que entrou o rapaz a afinar com o caso e a dar,

como lá se diz, um *cascarrão*!

Ao pé do Teatro de D. Luís houve depois um burro que bastava que lhe batessem na aldrava da porta para zurrar como se estivesse danado – e o Bernardino, esse, bastava também que lhe batessem à porta para ir logo tudo da janela abaixo: calhaus de que se munira, os ladrilhos do fogão, os ossos, as colheres, as chocolateiras, e até uma vez a panela do caldo!

Acabou-se! Não estava mais na mão do rapaz! E tão furioso ficou doutra vez, que meteu a fatiota num lenço grande, enfiou o lenço num grande pau, e foi sentar-se à porta da rua – esperando que «os amos» voltassem das aulas.

– Tu aqui?!

– Pra saber se querem alguma coisa, porque hoje mesmo abalo pra terra!

– Tu?!

– Sim senhor! É de caminho!

– Bem, sobe! Vamos a contas.

– A mim bonda-me um pinto.

– Pois bem, sobe.

Subiu o Bernardino, atrás dos amos a fungarem de riso.

– Mas tu então não te afazes? – ainda lhe perguntou o *bolsa*, que era o Feijó.

– Não é não me avezar. Mas é que eu... (*hesitação, e depois desesperado*) ou bem que sou Lopes, ou que sou Bettencourt!

Fez-lhe o Feijó um sermão e missa cantada, acolitado pelos outros todos: «que se não importasse; que se risse; que deixasse lá os rapazes; que até eram todos muito amigos dele; que não desse sorte, e já o largavam!»

– Logo que não dê sorte, verás que te largam! – insistiu o futuro bispo.

Teimou o Bernardino; objectou; recalcitou! Mas por fim resolveu-se a ficar – com a promessa de *esfolar um*:

– Oh, se esfolo! E quero pra aqui um pinto, que é pra mercar uma navalha!

– Homem! Vê lá o que vais fazer! Isso agora é muito sério! Se te hás-de meter em trabalhos, o melhor então é ires-te embora! – disseram-lhe todos.

Mas o Bernardino, limpando os olhos à trouxa do fato, desafogou a sua grande mágoa:

– É que não há maior desgraça, meus amos, do que não saber a gente como é que se chama! -

– Ó bruto! – inda lhe disse o Bernardo Teixeira. – És Bettencourt, grande animal! Pois que dúvida tens que és Bettencourt?!

Bom, ficou. Lá o foram acomodando como puderam, e caso é que daí a meses já estava outro: chamassem-lhe Lopes ou Bettencourt, para ele era a mesma coisa! Já não se importava!

Ora mas o Bernardino era o rei dos criados! Além de muito bom cozinheiro, era fiel como um cão, e «amigo dos amos prà vida e prà morte» – como ele dizia.

Não sabia ler nem escrever. Mas todas as noites, depois da ceia, apresentava-se no quarto do *bolsa* a dar contas, e dava-as sempre por um papel – como se tivesse ali diante, escrito com todas as letras, o rol das despesas:

– Uma galinha – dizia ele –, um cruzado.

Ia-se a ver e tinha no papel uma galinha muito mal pintada; e logo adiante, numas garatujas que só ele entendia (mas que tinham sempre um valor certo), a quantia que tinha custado! O vinho era uma *garrafa*; o azeite uma *azeiteira*; as batatas não sei o quê; e a carne... dois grandes *chifres*!

Tudo assim!

Fez-se, pois, muito estimado, o Bernardino; e os rapazes, quando iam de férias, levavam-no sempre na companhia deles – e já na terra lhe chamavam *o Doutor*, porque demais a mais

aparecia sempre muito bem andaimado, com os fatos usados, as botas, e até os chapéus de toda a trupe! Depois, dera-lhe para *bem-falante*, e estava sempre a meter patranhas!

– Ó *Doutor!*, conta lá aquela que vos aconteceu na serra do Marão, quando de noite vos saíram os lobos!

O *Doutor* não se fazia rogado; e, tela história adiante, ia metendo a torto e a direito quantos palavrões arrevesados apanhara a dente durante o ano, muito amolgados e estropiados!

Mas este bom do Bernardino deu por último num grande borracho! Hora vaga que apanhasse, lá ia ele para o Luís Tomé, que era um taberneiro que havia aos Arcos, e vinha de lá sempre a cair!

Os amos ralhavam-lhe; fazia-lhe práticas o futuro bispo – mas era o mesmo que nada! Uma vez chegou a dizer ao Bernardo Teixeira, a cair de torto:

– O senhor não se forma em Direito?! Pois eu cá formo-me em *Torto!*

Passaram a guardar-lhe as soldadas, à cautela, deixando-o sem vintém! Mas tão bom freguês tinha sido do Luís Tomé, que o Luís Tomé entrou a dar-lhe de graça todo o vinho, porque o Bernardino era a *alegria* da taberna; e frequentadores havia que já não entravam se não estava lá dentro o bom do rapaz:

– Está por cá o *Bettencourt*? Se não está, então vou-me embora!

A última borracheira, a da *formatura*, essa então foi de *caixão à cova!* Tão cerrada, que tiveram de o levar em braços para a *república*, e, no dia seguinte, ainda tonto, lá abalou com os amos para Trás-os-Montes – todos *formados!*...

Mas na terra, coitado, veio-lhe a nostalgia de Coimbra! E para que a nostalgia o não afogasse, afogava-a ele a toda a hora – despejando-lhe em cima quartilhos de vinho!

Quase não fez mais nada senão beber, e morreu velho e de borracho! Mas ainda à hora da morte, como lhe perguntassem: «Que é lógica?», respondeu, já meio morto, lembrando-se ainda do Luís Tomé:

*É o direito natural,
O do certo, certo é,
Quem quiser beber de balde
Vá à taberna do Tomé.*

POETAS BALNEARES

No tempo em que eu andava em Coimbra, já os rapazes que frequentavam a Universidade costumavam passar na Figueira, à volta das férias grandes, os primeiros quinze dias do mês de Outubro.

Iam a Coimbra à matrícula geral, que é logo no princípio do mês; e depois, uns de barco, outros na mala-posta, lá seguiam todos para aquela praia, à espera que se abrissem as aulas.

A Figueira tinha suas vantagens sobre as outras praias. Além de ficar perto de Coimbra, e ser muito animada, era uma ótima estação de aclimação para os que tinham de ir, como nós, invernar à Lusa Atenas! Ali se encontrava já o verdadeiro *futrica*; ali se viam outra vez as caras dos lentes; ali se defrontava já com bedéis e verdeais; ali, finalmente, começavam as tricanas o seu *réu-réu*:

– Um vintenzinho, Sr. Doutor? Dá um vintenzinho pra café?

A bem dizer, portanto, aquilo era já Coimbra! Ou cheirava tanto a Coimbra, que é como se fosse!

Como trazíamos todos dinheirinho fresco, eram quinze dias regaladíssimos! Ia-se para o melhor hotel, que era então o do Reis, à borda do rio; passavam-se os dias nos cafés; ia-se à caça ou à pesca uma vez por outra; namorava-se à grande, de dia e de noite; faziam-se burricadas monstros até Buarcos; lá vinha às vezes o seu piquenique; botava-se *crónica* em algum jornal¹⁶ – e de manhã, na praia, era uma arruaça por aquelas

¹⁶ Lembro-me que a minha primeira *crónica* foi escrita na Figueira para o *Diário Ilustrado*; e que fiquei muito espantado quando tive uma carta do Pedro Correia, que era o director, a oferecer-me o jornal, que até hoje não deixou de me visitar um único dia – e a pedir-me com uma grande bondade, e com palavras que eu não merecia, que continuasse! Usei e

barracas!

À noite – Clube!

Ora no Clube, por esse tempo, ainda havia a mania das recitações! O romantismo já tinha passado de moda, é verdade; mas lá aparecia sempre um retardatário – poeta balnear à caça de noiva –, que alimentava o fogo sagrado das comoções, recitando com voz desgrenhada – voz de comover sogras! – os versos mais desgrenhados!

Fervia a troça nas salas contínuas, é claro, enquanto as velhas choramingavam; e, no fim, uma comissão de estudantes ia felicitar o «bardo» pelo se «triunfo» – gabando-lhe muito a versalhada!

– Bravo, sim senhor! Isso é que é estro!

As senhoras gostavam muito daquilo, e as meninas, principalmente as casadoiras; mas uma vez, como as meninas fisessem, a troça, encheram-se de ânimo não sei quantas, e vieram, por pirraça, ter connosco para que recitássemos!

Cada um desculpou-se; alguns largaram a fugir – não sei como, umas poucas agarraram-se a mim!

– Há-de recitar! Há-de recitar!

– Mas, minhas senhoras, nunca fiz versos... Não sei... Não sou poeta...

– Ora não fez! – Ora não sabe! – Ora não é poeta! – Há-de recitar! – Há-de recitar!

Pensando que me largariam, desculpei-me que só sabia...
A Morte de D. João!

Mas elas exultaram:

– *A Morte de D. João!* Pois há-de ser *A Morte de D. João!*

– Oh, minhas senhoras, mas... (Eu queria-lhes dizer que

abusei da condescendência do Pedro Correia, que eu conheci mais tarde e era o melhor e o mais gentil dos homens: de Coimbra escrevi no *Ilustrado* as *Crónicas de Coimbra*, e ainda do Alentejo, depois, as *Cartas Alentejanas*.

era forte!)

– Não há *mas!* Temos ouvido que é muito bonita, essa *Morte de D. João!* E do Soares de Passos, não é?

– Sim, muito bonita... E do Junqueiro. Mas... quero dizer... porém... – E desfechava-lhes as adversativas, a ver se me percebiam: mas... porém ... todavia...

Qual?! Estava filado!

Sem saber como, achei-me no varandim da orquestra, ao lado de um rabecão enorme! Eu suava! «E agora? Esta só pelos demónios!» Já o director de sala, em casaca e gravata branca, batia as três palmas fáticas: – «Um cavalheiro que vai recitar!» As senhoras assumiam, risonhas, um ar de galantaria e benevolência, enquanto, ao pé da porta, os homens cerravam grupo, com alguns tacos irrompendo do meio deles, dos que vinham a correr de jogar o bilhar. – Silêncio... – Eu arredava, delicado, o rabecão... Lá dentro, numa sala afastada, ouviam-se, carambolando; as vozes dos parceiros:

– ...Manuel! Não durmas! Duas à preta!

Os da porta reclamavam silêncio lá para dentro:

– Psiu!

Agora, outros acorriam de todos os lados, percebendo que se ia recitar: «Quem é? Quem é?»

Silêncio...

Limpendo as lunetas, lembrava-me aquele verso do *D. João*:

«Fechavam-se tremendo as pétalas da alma.» A minha alma era uma sensitiva que fechava as pétalas! «Esta só plo diabo!» Entretanto, fincando sobre o nariz os meus dois vidros, tomei fôlego, e proferi, quase melífluo, carinhoso e compassivo, aqueles versos da *Babilónia*:

...E exposta sobre a rua!

Agoniza chorando a criancinha nua!

Era bonita! Era lírico! Saiu bem!... Atentas, as mulheres miravam-me. Prossegui. Mas daí a instantes, mal rompo na apóstrofe:

*...Oh, miserável gente,
A alma da mulher, sacrário resplendente...*

e começo, por ali abaixo, a despenhar-me, enrolado aos alexandrinos, os alexandrinos enrolados a mim, como serpentes, pregando sem querer um grande murro no rabecão – *Pum!* –, vejo os leques começarem a abrir-se, como flores de pudicícia, no ambiente iluminado, e logo a agitarem-se febris, enquanto, num hausto, enfio a toda a velocidade, silvando, por aquela charneca de vocativos:

*Devassos, histriões, inúteis, pretorianos,
Ventre que resumis os Césares romanos*

e o resto por ali fora – «levitas do milhão... graves bezerros d'oiro... espíritos servis., espíritos de lama... Falstaff, Satanás, Tartufo, Sganarello... consciência preta... silenos de casaca e Bórgias de roupeta...» –, vendo já nessa altura, de pé e bufando, uma velha atordoada quando, aos ecos atónitos da sala, vibrei, convulso, a terrível injunção:

*Vamos, despi o fraque, a máscara, a batina,
Mostrai, desapertai a estupidez suína,
Ponde-vos à vontade!*

Foi como quem as enxota, com um tangante, para a saleta acanhada do *toilette!* Ouvi-as vociferar! Algumas, benzendo-se como sob uma trovoada bravia, imprecavam! Mas eu,

espicaçado, sentia dentro de mim as cóleras de Júpiter! – «Hup! Vamos, fulminemos o rebanho!» – E furioso, enraivado, apocalíptico, desfechava-lhes o resto à queima-roupa, como quem despede, numa convulsão, balas, ortigas, calhaus:

A vida é uma farsada!
Por conseguinte é rir...

..... *a vossa vida impura*
..... *Tripudiai, sandeus!*
.....

Vendei a opinião como vendeis as filhas:
Quem dá mais? Quem dá mais? E pô-las em leilão!

Fogem as casadoiras, rebocadas, atrás das mães aflitas! – Sigo! Prossigo:

..... *brutos, sem b maiúsculo!*

Corridos, desarvoram os conselheiros, fumegando, enquanto eu apostrofando-os, lhes grito, voltado para eles, soberbo de ironia feroz:

A vossa consciência! Ela que noite e dia
Se anda a esponjar aí na lama dos monturos,
Ela que tinge a face e põe o corpo a juro,
Ela a corar – a vil!

À porta, os estudantes riem como uns perdidos! Tremem, arrepiados, os poetas balneares! Vejo no ar, em pelica branca, as mãos do director de sala, desvairadas, enquanto eu, sem me importar, ameaço as cadeiras desertas:

*Hei-de-vos arrancar a máscara postiça,
Ligar-vos com grilhões ao potro da justiça,
Expor-vos à ignomínia!*

E para um criado, hirtó, embasbacado, como quem lhe pede coisas:

*Dai-me versos febris, agudos como espadas,
Dai-me energia, amor, estrelas, entusiasmos,
Dai-me um jorro de luz, e um jorro de sarcasmos
Com listrões de sangue! Oh!, dai-me tudo isto!*

...parecendo-me que o criado, um galego, me respondia em galego, - safando-se às gargalhadas:

– *No hay!*

E foi já e apenas para o rabecão hiperbólico e desmesurado no vasto salão deserto! – que recitei os versos finais:

Ó minha lira.....

*.....
Ó minha pobre lira! hei-de arrancar-te as cordas
E unindo-as nesta mão vibrá-las e torcê-las...*

...Mas, num fragor, rola pelas escadas do coreto, não sei como, o rabecão! Oiço chiliques no *toilette*, gargalhadas na sala de espera, a voz do director desgrenhada, no meio dum coro de imprecações! Gane um poeta lírico. Prossigo, ribombando, no vasto salão desolado; e agora, ao fundo, na superfície atónita dum espelho, apenas dou com a minha figura ofegante – «Agarra! Cerca! Tem mão!» – metendo em gestos ferozes os últimos versos convulsos:

*Prender uma grilheta à vossa vil memória
E mandar-vos depois para as galés da História
Onde de nada vale a infâmia e o dinheiro...*

...rematando, como quem numa jaula de bronze aferrolha
leões de fogo:

O cárcere é de bronze e Deus é o carcereiro!

O ORFEÃO ACADÊMICO

No tempo do João Arroio, organizou ele com a rapaziada lá de Coimbra o célebre Orfeão Académico! A gente pode esquecer-se de que João Arroio já foi ministro, e creio mesmo que semelhante coisa não passará pela ideia aos filhos dos seus orfeonistas de outrora, a menos que em dia de finados não visitem..., o *Diário do Governo*! Mas do que nunca mais ninguém se esquece, o que todos, nascidos e por nascer, que prezem esta coisa aparentemente mais fútil do que a política, mas que na essência lhe é mil vezes superior, chamada a Arte, hão-de ter sempre bem presente ao espírito, é que foi ele o fundador do primeiro orfeão que existiu em Portugal, graças, simplesmente, ao seu extraordinário temperamento de artista – que a política, desgraçadamente, desnorteou! -

Aos doze anos, o João Arroio já compunha música – melodias, sonatas, *berceuses*, rondós, hinos corais, romanzas, peças para piano e canto, e fizera *La fiancée d'Abydos*. uma ópera em dois actos –mas, passando para Coimbra, nem já acabou a ópera *Martim Vaz*, e apenas, nas suas horas vagas de *classificado*, fez em cinco anos o seguinte: dez *romances* para piano; *Rita*; *morceau* de concerto; os coros da *Morena*; as *Flores sobre Um Túmulo*; o *Canto da Federação Académica*, e outros; o *Camões*, a cantata *Inês de Castro*; um quarteto para piano; e enfim, para a récita dos quintanistas do seu ano, a música da opereta!

E em vez de tomar capelo – já que na sua vida essa fatalidade estava escrita! – e de partir logo para a Alemanha, ou para a Itália, donde viria, decerto, um grande compositor, e porventura um extraordinário executante, o Arroio não fez isso: pegou em si e foi para São Bento – e um belo dia apareceu ministro!

...Ministro!

Ora o Orfeão Académico fundou-o João Arroio em 29 de Outubro de 1980; e com tal gana lhe pegou, que daí a quarenta dias, em 7 de Dezembro, apresentava em público os seus sessenta e quatro rapazes, cantando como rouxinóis! E para que se não dissesse mal da sua trupe, ou que só cantava coisas fáceis, mói-se e mói a paciência dos rapazes, naquele palco do Teatro Académico, mas põe-os a cantar música de Wagner, que ninguém, então, tinha ainda ouvido em Portugal! Em Fevereiro, já o Orfeão cantava a grande marcha do *Tannhauser*, com a orquestra regida por João Arroio a acompanhá-lo!

Chegaram em Maio as estrondosas festas a Camões, e aí temos nós no grande parque da Universidade, arrebatando quantos o ouviam, o Orfeão! Foi uma ovação como não vi outra; e o João Arroio, de batina e empunhando a batuta, andou em charola mais de duas horas, levado pela rapaziada como num tufão!

Os rapazes cantavam a seco, dirigido por ele, canções populares lindíssimas do Minho, do Douro, do Alentejo e da Beira – *Ó Ana só Tu És Ana; Toma Limão Verde; Canção da Lousa*; outras canções e outras coisas – e o Arroio, além disso, regia maravilhosamente, com mestria de fazer inveja a grandes maestros, o seu grupo de executantes: uma orquestra de duzentas e cinquenta figuras – nada menos!

Foi um delírio!

Fazia furor, o Orfeão! De Outubro de 81 a Março de 82, a sala dos cantores ia crescendo: eram já oitenta! João Arroio foi-lhes sucessivamente ensinando mais coisas lindas: a *Morena*, de Guerra Junqueiro, com música encantadora feita por ele; *Flores sobre Um Tímulo*, de Guilherme Braga, música de Arroio também; o *Rataplä dos Huguenotes*; a *Tirolesa*; um soneto de João de Deus; o *Canto da Federação*, também dele;

etc., etc.

Isto, como disse, de 81 a 82. Mas a última exibição pública do Orfeão fora a 21 de Maio de 81 – porque depois começaram os enguiços: primeiro, foram as eleições do Clube¹⁷, vencidas pelo partido adverso; depois, numa *matinée* que estava marcada para o parque da Universidade, a chuva que se despenhou a potes; depois, as bexigas de Arroio, que o não deixaram ir a Lisboa com os rapazes, às festas pombalinas; depois, uma recaída que o impediu de os levar ao Porto, a um concerto de caridade a favor de uma escola; depois, nova doença, que o não deixou festejar o *ponto* por aquela forma, como se tinha combinado... – o demónio!

O Arroio chorou de desespero, coisa que lhe não aconteceu, decerto, quando largou a pasta de ministro!...

E dava-lhe com certeza um ataque de fúria, se não tem a sorte de levar enfim os rapazes a um concerto que foi, se bem me recordo, no Grémio de Coimbra. Mas aí, espichou de vez o Orfeão! Morreu!

No entanto, o reportório desse último ano era já esta beleza: *Ave-Maria*, de José Arroio, pelo Orfeão e órgão; *Chant de Noël*, de Adam, pelo Orfeão e órgão; *Coro de Caçadores do Freychutz*, de Weber, orquestra e coro; *Marcha do Tannhauser*, de Wagner, orquestra e coros; *Canções*, a seco, de João Arroio: do *Minho*, do *Douro*, do *Alentejo* e da *Beira*; *Hino Académico*, a orquestra e coros; o *Coro Nupcial da Ópera Bianca de Mauleon*, de José Arroio, pela orquestra e

¹⁷ Estas eleições do Clube eram o diabo! E o que tinham de pior é que constituíam um curso prático de *chicana* eleitoral, que aplicado depois na vida real deu o que se sabe! Um vizinho tive eu, grande *influyente*, que no dia da eleição recebeu logo de manhã um telegrama do pai, dizendo-lhe que a mãe tinha morrido; e partindo para a terra no primeiro comboio, chegou lá e encontrou muito fresca a «autora de seus dias» e o pai muito admirado do tal telegrama – que não passava de uma grande peta, para desviarem o *influyente* das eleições! Como esta, aos centos!

pelos coros; finalmente, a orquestra e coros, o *Remember*, de João Arroio!

O Arroio, está claro, é que recrutava a rapaziada. Onde soubesse que havia um rapaz com boa voz, lá estava o João Arroio, muito solícito, a caçá-lo para o Orfeão! Depois, metia-se com toda a malta no grande palco do Teatro Académico, acendia duas velazitas, e a *festa* começava! Dali a um quarto de hora, o Arroio suava em bica por todos os poros, estava rouco de tanto gritar – mas os rapazes iam entrando no compasso e desvelando, cada vez mais, o gosto e afinação!

E ele, com a batuta em cima dos tampos do órgão, ferrando no chão sapatadas valentes, tudo era gritar, se desafinavam:

– Arre! Não é isso! Outra vez ao princípio!

E depois de trautear, furioso, para os ensinar, intimava num golpe de batuta:

– À uma!...

...Ora uma vez estava na litografia do Marco da Feira, à espera da sebenta, quando entra por ali dentro o Arroio, que ia também pela dele. Eu estava alegre, como de costume, e trauteava, com o meu vozeirão de baixo profundo, não sei que coisa. Quando me diz de lá o João Arroio:

– Ó Trindade! Você há-de entrar prà música!

– Qual música?!

– O Orfeão.

– Eu?!!!

– Sim! essa voz aproveita-se.

– Pois está ao seu dispor.

– A noite?

– Bom. À noite.

– No palco do Académico.

– Bem, lá vou. (E cá para mim e para os meus botões: «Ai, Arroio!, que nem tu sabes no que te meteste!») A minha

voz não prestava para nada, e tenho um ouvido como uma pedra!

Chego, pois, ao ensaio à hora marcada, e que era pouco depois do toque da «Cabra» – e manda-me dar o Arroio não sei que nota. Dei a nota, que era *das minhas*, e que saiu por sinal uma beleza!

– Bom! Vá você para além!

Mandou-me prós *baixos*!

Começa dali a bocado o ensaio dos *baixos*, e entro eu a dizer com os mais, mas os mais entram-se todos a rir!...

– De que demónio se riem vocês?!

Reparo, e o Arroio ria-se também! Aí começo eu a fazer-me zangado! -

– Cantam vocês melhor, talvez?! Canta melhor cá a sua *tropa*?!... Homem!, uma voz que nem um trovão! – E atirei um urro aos outros *baixos*, que atordoou a casa até aos alicerces!

O Arroio veio para mim, a rir:

– Ó Trindade!...

– Que é?! – repontei, a fingir, plantado agora no meio do palco.

– Nada... – (E pôs-se a afagar-me o botão da batina.) – É que você e o porco...

– ?!...

– ...só têm três notas!

BALTASAR, O LETÁRGICO

No tempo do Alfredo da Cunha tínhamos nós lá em Coimbra um condiscípulo de Benavente, chamado Baltasar Adriano de Freitas Brito. Chamávamos-lhe o «*Menino Jesus* do curso» porque nos apareceu no 1º ano um fedelhote e formou-se não tendo ainda na cara sinais de barba! Era Além disso muito branquinho, muito coradinho, muito tenrinho e um quase nada louro, e andava sempre com a sua capa e batina muito escovadas e a risquinha do cabelo muito bem feita! Na récita do 5º ano fez até um papel de menina – e era um mimo vê-lo de saias!

Nos primeiros tempos, é de crer que Baltasar se lisonjeasse muito de se ver assim criança e já na Universidade! Demais a mais, aconteceu algumas vezes gozar o privilégio de atravessar a Porta Férrea, quando era novato, não debaixo da pasta protectora dum quintanista, para se livrar dos canelões, mas sim ao colo dum quintanista, como se fosse um bebé da mama.¹⁸ Mas quando um dia se apanhou formado,

¹⁸ No meu tempo, ainda a praxe de não passar novato algum à Porta Férrea sem ir protegido era absoluta, e livrasse-se alguém de a transgredir, quer tentando entrar sem levar em cima da cabeça a pasta de um quintanista, quer ofendendo um protegido! Ao primeiro davam-lhe cabo das canelas com *canelões*: ao segundo, o quintanista protector podia, impunemente, esfarrapar-lhe na cara a pasta e os livros, porque o transgressor nem se atrevia a tugar, e se se atrevesse esmigalhavam-no!

Barca chamam em Coimbra ao quintanista que passa muitos novatos à Porta Férrea:

– Lá vem a *barca*!

No meu tempo também era necessária protecção de quintanista para passar a porta que comunica a Via Latina com os Gerais.

Dentro da Universidade, e portanto nos Gerais e mesmo no parque, a troça era só de palavras – e para essa não havia protecções! Eu fui um mártir, porque me embirraram com uma medalha que trazia na cadeia do relógio, o que fez com que nunca mais na minha vida usasse medalha!

entrou com ele a nostalgia de Coimbra, por se sentir fedelho e já bacharel! O seu regalo seria brincar; mas o destino chamava-o agora para Benavente – a dar conselhos no seu escritório! (O Baltasar a dar conselhos...)

Por isso entrou de olhar para Coimbra como quem olha para uma linda gaiola que não havia remédio senão deixar, trocando-a pelo mau tempo *lá de fora!*... E então percorria a cidade de dia e de noite, estranho, desvairado, como se a alma do rei Lear habitasse no seu peito de adolescente! E chorava, coitado! Punha-se a mirar um choupo à borda do rio, e o choupo era para ele um cipreste! Parecia que se lhe suicidara no Mondego, atirando-se da ponte abaixo, a linda fada da sua Alegria! Coitadinho do Baltasar!

Mas nesses momentos era fugir dele! Se apanhava um condiscípulo, filava-se e dizia-lhe trenos: a sua mocidade tão cedo extinta; a debilidade da sua ciência para as altas questões do foro; a debilidade da sua paciência para as maçadas; a incerteza do futuro... – «o Futuro!»

Metia-lhe medo – o futuro – como um grande fardo de mil arrobas pode meter medo a uma criança! Pobrezinho do Baltasar!

Ora mas uma noite, quem havia ele de apanhar para lhe aparar as lágrimas? O Alfredo da Cunha! Eram condiscípulos: estavam na mesma situação, afinal! E depois, o Alfredo da Cunha, além de ser dos íntimos, era poeta, e portanto saberia

Padre-nossos, obrigaram-me a rezar mais de mil, por quantas intenções patúscas eles se lembravam!

Vá de explicação, pois que este livro ainda há-de ser o compêndio de uma cadeira de *Coimbralogia* que é indispensável criar nos liceus: a protecção à Porta Férrea e à entrada dos Gerais era exclusiva dos quintanistas: privilégio da pasta; a protecção pela cidade, de noite, era dos quartanistas e dos quintanistas, indistintamente. Bastava esta voz, mesmo a distância: «Está protegido!», para que uma trupe largasse o caloiro ou o novato. Era voz -que vinha do Céu!

consolá-lo... Começou, pois, a *via-sacra*! Atrelado ao Baltasar, o Alfredo da Cunha deixou-se ir por todas as ruas da Alta, ouvindo a lamúria do amigo. Da Alta desceram à Baixa; embrenharam-se naquele labirinto das ruas; deixaram-se andar, perdidos, por onde os pés os quiseram levar! Quando se viram no Cais, defronte do areal do Mondego, puseram-se a rememorar os passeios em barco; as caldeiradas na Lapa dos Poetas; a falar na lenda de Inês; na lenda da Rainha Santa; na beleza singular daquela paisagem!

– Como isto é lindo, ó Alfredo!...

Mas aqui, já o Alfredo da Cunha se ia sentindo muito maçado, e propunha «irem-se chegando»... O Baltasar fazia que não ouvia, ou não ouvia realmente, e seguia pela estrada da Beira, levando a reboque o Alfredo da Cunha! E lamuriava, e lamuriava sem despegar, no meio do silêncio das coisas e do silêncio... do companheiro! Dera uma hora na torre da Universidade; haviam já batido as duas; iam a dar as três... Deram as três quando estavam cá em baixo, no princípio da ladeira do Seminário!

– E se nos fôssemos chegando?! – arriscou-se a dizer o Alfredo da Cunha.

– Que linda! Que linda noite! – respondia poético o Baltasar. Onde haverá noite assim, ó Alfredo?!...

E, subida a enorme rampa, em vez de seguir para a frente, direito ao Jardim Botânico, o Baltasar emboca à direita, para a azinhaga, e segue para o Penedo da Saudade!

Aí, chorou – ao lado do Alfredo da Cunha, quase a dormir!

– Isto faz-te mal, homem! E melhor irmo-nos embora! – dizia o Alfredo.

Mas qual?! O Baltasar não despegou dali senão quando a aurora já raiava, «porque era tempo de irem seguindo... para o Penedo da Meditação» – daí a mais duma légua!

– Não posso! – desculpava-se o Alfredo. – Amanhã, queres? Demais a mais, olha, já andam a apagar os candeeiros!

la rogar de mãos postas o Baltasar

– Homem!...

Mas o Alfredo, para o consolar:

– Ao Penedo da Meditação vamos à tarde. Queres?!

Vemos de lá o pôr do Sol!

O Baltasar calou-se. Mas dali a bocado, quando já estavam perto do Seminário, murmurou como quem aplaude:

– ...Sim! O pôr do Sol!... No Penedo da Meditação o pôr do Sol!...

E como principiassem, logo adiante, as grades do Jardim Botânico, o Baltasar parou – «para falar ao eco»...

– Adeus! – gritou ele.

Responde-lhe o eco, numa voz que vinha do infinito:

– ...Adeus!

E, para não falhar a tradição, o Alfredo ainda fez das fraquezas forças, e disse num clamor aqueles dois versos:

*As armas e os barões assinalados
Que da ocidental praia lusitana...*

E o eco repetiu dali a segundos:

*As armas e os barões assinalados
Que da ocidental praia lusitana...*

O Baltasar ainda ficou mais triste! Com a voz a tremer de lágrimas, repetiu:

– Adeus!

E o eco, a tremer de lágrimas – como se chorasse nele a alma de Coimbra –, respondeu de lá ao Baltasar:

– ...Adeus!

Cuidando que o distraía, quando passavam defronte da *árvore do Ponto*, o Alfredo da Cunha disse aqueles versos da sua lavra:

*Que alegria
Temos ponto!
Que em folia
Vão sem conto
Pelo ar
Mil foguetes
A estalar!
Tu não metes
Medo já
A ninguém,
«Cabra» má!
Inda bem!
A alegria
E a folia
Que não faltem!
Bombas saltem
Pelo ar
A estalar,
Sem ter conto!
Que alegria,
Que folia,
Temos ponto!*

Mas, se mal estava, pior ficou, o Baltasar!

– Oh, sim, o *ponto*! E agora para sempre! Para sempre!...
Debaixo do S. Sebastião dos Arcos, ainda voltou ao Baltasar a gana de se ir dali a Celas; de Celas a Santo António dos Olivais; de Santo António dos Olivais até ao Penedo da Meditação! Mas o Alfredo tornou a lembrar que não prestava,

visto de lá, o nascer do Sol:

– Homem! A tarde!...

Condendeu o Baltasar, aniquilado; e quando chegaram ao Castelo, diz-lhe o Alfredo a cair de sono, morto por se ver livre do *cáustico*:

– Bem! Adeus! Vou para casa!

– ...Acompanho-te! – desfechou-lhe ainda o Baltasar;

Seguiram os dois, calados: Feira dos Estudantes; Arco do Bispo; Rua do Loureiro – onde morava o Alfredo da Cunha...

– Uf! – respirou o Alfredo, aliviado!

Deram-se um abraço à porta de casa – despediram-se:

– Adeus.

– Adeus!!

Mas o Baltasar a virar costas, e o Alfredo, escada acima, a improvisar já este soneto – paródia ao *Alma minha gentil que te partiste*, do Camões:

*Letárgico doutor te safaste,
Deixando-me em sossego finalmente,
Maça todos e tudo em Benavente
E viva eu sempre longe, grande traste!*

*Se lá, por entre os bois que tu criaste,
Coimbra um dia te acudir à mente,
Não te esqueças jamais desta valente
Maçada sem igual que me pregaste!*

*E se vir que nem pode amedrontar-te
Aquele ódio que a ti se me arreigou
De tantas horas ter que suportar-te,*

*Eu pedirei a Deus que te formou
Que tão grande eu só torne a lobrigar-te,*

Quão tarde dos meus olhos te levou!

D. FELICIDADE

No tempo em que Antero de Quental andava em Coimbra, dissolvida a célebre Sociedade do Raio pela demissão do reitor Basílio Alberto (visto que a Sociedade do Raio, de que era pontífice máximo o Antero, não tinha outro fim senão demiti-lo), dissolvida a Sociedade do Raio, como ia dizendo, lembraram-se alguns, os mais esturrados, de fundar uma maçonaria.

Dito e feito! A maçonaria não tinha nenhum fim especial, quanto mais urgente; mas os rapazes tinham «tomado a embocadura» àquele pagode de conspiradores, e resolveram muitos continuá-lo.

Entre os que resolveram continuar o pagode das sessões secretas, dizem-me que Antero e vários outros, entre os quais Anselmo de Andrade, alugaram uma casa no bairro de Celas, onde seria instalada a loja maçónica – e alugada a casa como se fosse para a mais honesta *república* de estudantes que amassem viver num arrabalde, livres do bulício da Lusa Atenas, aí começaram eles, de noite, a carregar com a *mobília simbólica* para a tal casa!

Ora acontecia que, defronte da tal casa, morava um barbeiro linguarudo, como são em geral todos os barbeiros – e apurado isso por três ex-membros do Raio, que não tinham sido de opinião de que sobre as ruínas vitoriosas daquela sociedade outra se fundasse, maçónica ou não, aí resolvem os três intrigar a nova loja com o barbeiro. dizendo-lhe dela cobras e lagartos!

Os três eram o Eduardo Segurado, que foi governador civil de Lisboa e é agora o juiz do Supremo Tribunal Administrativo; o visconde de Alenquer, que se chamava então D. Tomás de Noronha; e João Eduardo Lobo de Moura, agora

juiz na Relação dos Açores.

Tais coisas disseram os três ao barbeiro de Celas, que o barbeiro fez uma bulha de sete lições em todo o bairro e seus arrabaldes; e, uma bela noite, Celas levanta-se em peso e resolve investir contra a maçonaria!

Viram o bom e o bonito os tais da *loja*; e o menos que lhes aconteceu foi estarem encurralados toda a noite dentro de casa e arvorarem de madrugada com os trastes às costas! Tiveram de «abater as colunas», como se diz em linguagem maçónica, e ainda por cima correram para a cidade de madrugada, com os trastes todos da chafarica!

Ficou, pois, devoluta a casa de Celas – e, como era alegre e bem situada, lembraram-se os rapazes de uma *república*, instalada no Marco da Feira, esquina da Rua dos Lóios, no segundo andar de uma casa onde morou e morreu, nos baixos, o célebre alfaiate conhecido pelo nome de *Sá, dá cá o olho*, lembraram-se os estudantes da tal *república*, digo, de arrendar a excomungada casa!

Excomungada, digo eu, porque o menos que o barbeiro dizia dela era que lá dentro se profanavam todas as noites as sagradas partículas e que os mações alvejavam a tiros um crucifixo!

Mas, arrendada a casa, lá se instalaram os tais da *república* – e instalados e reunidos na primeira noite à volta da mesa, para a ceia, não tardou que lhe entrasse pela porta dentro uma mulherzinha, a qual mulherzinha, portadora de um rico pires de marmelada, lhes disse assim:

– A Sr^a D. Felicidade, que manda aos senhores muitos cumprimentos e este pirezinho de marmelada para a sobremesa.

A Sr^a D. Felicidade era vizinha de paredes-meias – mas essa vizinha de paredes-meias, apuradas as contas logo ali, não passava de uma carcaça velhota, que tinha sido freira em

Aveiro, no Convento de Jesus, e que em cheiro de freira ali vivia, no meio da gente de Celas!

Agradeceram os rapazes à portadora, é claro, e por ela mandaram este recado a D. Felicidade: «Que estava entregue; que lhe ficavam todos muito obrigados, e que pessoalmente lhe agradeceriam a sua atenção.»

Mas agradecer, como?! Sai a criada e ficam todos a pensar no problema, que, por se tratar de pessoa quase *eclesiástica*, se afigurou a todos de alta etiqueta! E digo «quase eclesiástica» porque D. Felicidade era freira sem voto, *meia-freira* – e inclusivamente podia... casar!

O caso era achar com quem!

...Mas, pelos modos, como se viu depois, ela bem sabia que podia casar – e até procurava achar com quem! A marmelada era a isca!

Deitadas as contas à *fortuna da república*, achavam-se ao todo com um pinto redondo, ou fossem 480 réis, que convieram que não chegava para nada – e a ideia de comprarem em Coimbra alguma coisa, e de fazerem presente dela a D. Felicidade, foi por isso posta de parte!

Mas enfim, era preciso agradecer à vizinha – e por ser *pessoa de qualidade*, resolveram, por galanteio, agradecer-lhe em verso!

Dito e feito! Cada comensal daria um verso! Começa de lá o António de Azevedo Castelo Branco:

Este pires de marmelada,

E retruca o Francisco de Azevedo Castelo Branco, que foi advogado e é agora proprietário em Portalegre:

Sinal da vossa afeição,

Continua o Lobo de Moura:

Foi-nos grato a paladar

E fecha a quadra o Porto Miguéis, que já morreu:

E mais ainda ao coração.

Bravo! Mas uma quadra era pouco! Vá segunda! Saiu menos inspirada, porque enfim o ídolo não era de arrebatrar, mas saiu assim: torna o António de Azevedo:

Alma terna e bem formada

Prossegue o outro Azevedo:

Como a vossa, anjo do céu,

(Ela era Felicidade Ermelinda *do Céu*; o «anjo» era favor...) E continua o Lobo de Moura:

Por pouco que de si mostre,

(Este achava pouco um pires de marmelada...) Fecha de lá o Porto Miguéis:

A si logo outra prendeu!

Bastava! Mas quem havia de agora levar as quadras?! Resolveram que as levaria o António de Azevedo Castelo Branco, que tinha um ar de Manfredo, grande gaforina, quase imberbe, e olhar e olheiras românticas!

Depôs os versos o António de Azevedo em cima do pires

da ex-marmelada, e aí vai ele, romanticamente, rufar nos vidros da meiga vizinha...

...A qual meiga vizinha, que ele via pela primeira vez e ainda era mais velha do que todos pensavam, e desdentada, não tardou a aparecer à janela – dando-se ares de virgem, o que ao tempo não era favor, mas pudibunda, o que era algum

E como assomasse atrás da ama a cara da criada e o Ant3nio de Azevedo apresentasse o pires e dentro do pires o bilheteinho, D. Felicidade recebeu o pires e escondeu o papelinho furtivamente

Ora as Musas t3m feito muitos milagres; mas desta vez n3o fizeram nenhum! Porque se as boas rela33es entre as *pot3ncias* vizinhas estavam no 3nimo de D. Felicidade, por uma raz3o de amor, embora ser3dio, no 3nimo dos rapazes estavam elas tamb3m, mas a3 por uma raz3o... de guloseima! O que eles queriam era marmelada! E aquilo, bem tratadinho, podia continuar – e convinha, por esse motivo, alimentar o *fogo sagrado*!

Fiel a esta *ordem de princ3pios*, que eram, sem exce333o, os da comunidade, o Ant3nio de Azevedo chegou a levar de noite horas seguidas a gargarejar em verso com a D. Felicidade – com os mais, escondidos, a morderem as m3os para n3o rebentarem de riso. Dizia assim o Ant3nio de Azevedo, em toada rom3ntica, para D. Felicidade em seu *balc3o*:

*Ando a cumprir o meu fad3rio,
Como rato em arm3rio!*

E logo a seguir:

*Deus com ningu3m se mete,
Mas cavaqueia com Garrett?*

Não sei quê, não sei quê...

*...estava em cima dum penedo
E depois veio o Azevedo.*

E ela muito enlevada, a ouvir a *cantata* – e o António de Azevedo sem despegar:

*Deus está coberto de arminhos
Debaixo duma árvore de passarinhos!*

E os outros a morderem as mãos e os dedos, para não estalarem às gargalhadas – e o António de Azevedo na lengalenga!

E o criado, o António, também à coca!

Veio a saber-se depois que este criado da *república*, o António, namorava também D. Felicidade!

O António era casado com a criada, que se chamava Maria, e era o homem mais perigoso e calaceiro que Deus ao mundo deitou! Dizia-lhe às vezes o Lobo de Moura, grande fumador:

– Ó António, vai-me ali comprar cigarros.

Respondia o António, puxando pelos dele:

– Ó Sr. Moura! Antes quero dar-lhe dos meus do que ir comprar-lhos!

– Ó António, põe lá o jantar na mesa.

O António:

– Ó Maria, põe lá na mesa o jantar dos senhores.

Era deste feitio – e com este feitio foi aproveitado... pela política! Nem podia deixar de ser! O Azevedo de Portalegre foi encontrá-lo, anos depois, em Condeixa, numas eleições muito renhidas que lá houve com o duque de Ávila, depois da Janeirinha, arvorado em *guarda-costas* do candidato, que era o

Quaresma!

– Ó António! Tu feito valentão?! – disse-lhe espantado o Azevedo.

– Que lhe quer, Sr. Doutor?! Dão-me seis tostões, e isto é a fingir!

Pois, sabidas as contas, até o António arrastava a asa a D. Felicidade!

Aquilo dava para todos!

Ao próprio António de Azevedo, essa *paixão* pela D. Felicidade não o impedia de cortejar também outra vizinha, a *Princesa dos Loureiros*, também romântica – e a essa tocava-lhe flauta debaixo da varanda! O Francisco de Azevedo dava um tiro com um pistolão (era o sinal); o António de Azevedo embocava a flauta, soprando-lhe com tal gana que faria andar à vela uma esquadra – e momentos depois, ao piano, a *Princesa dos Loureiros*, lá dentro, dedilhava com sentimento coisas românticas... Uma delícia! -

Mas vamos lá indo com a história da outra, que o melhor ainda está para vir! Quis Deus ou o Demónio que D. Felicidade acordasse um dia com muitas saudades do seu convento, e principalmente de certa amiga que lá tinha, chamada Balbina! E prevendo que não podia mandar à querida Balbina coisa mais tocante que uns doces versinhos, lembrou-se de pedir aos rapazes a versalhada – e, «podendo ser, que fosse uma décima»!

Não havia fugir à incumbência, porque lhes podia fugir a marmelada – e resolveram, portanto, fazer a décima! Mas, puxada e repuxada com alma a cordoveia do estro, a décima não saía!

Até que o Benjamim da Chamusca, que fora o portador da incumbência e estava *a ares* lá na *república*, tira-se dos seus cuidados e faz a décima – ele só! A dificuldade estava em que o demónio da estrofe era obrigada a certos tópicos, fornecidos

pela vizinha; e, desse por onde desse, tinha de dizer que no colo da tal Balbina se reclinava outrora, todas as tardes, D. Felicidade – e que desses tempos (ai) tinha saudades! Sai-se com esta o Benjamim – e impinge-a à dama:

*Depois que deixei o convento,
Meu desejado retiro,
Dia e noite suspiro
Em ti pondo o pensamento!
Já não tenho o teu alento
que ameigava a triste sina
Que me deu o triste fado!
Sobre teu peito adorado
Minha fronte se não reclina,
Longe de ti, cara Balbina!*

Mas o demónio foi aquela palavra «fado» no sétimo verso! Pareceu *esquisita* ao pudor de D. Felicidade – e quiçá realista! Escandalizou-se!

Os outros, que já receavam a concorrência do Benjamim e temiam que quando ele voltasse para a sua *república* os pastéis de D. Felicidade seguissem atrás dele, entraram todos a dar razão à vizinha – e a dizer com ela:

Que sim! Que «fado» não era palavra que se escrevesse! Demais a mais, nuns versos para uma senhora! E para uma senhora em convento! Credo!

E confidenciavam a D. Felicidade:

– Mas se ele é um estroina!

– É?!

– É um devasso!

– Ih!!

Olharam à roda, não fossem ouvi-los:

– Já bateu no pai!

– Oh!!

Benzeu-se três vezes D. Felicidade, e eles ainda lhe largaram esta:

– Foi dos que roubaram as pratas do convento de Lorvão...

– Uh!!! – exclamou ela, arrenegando-o!

Ficou pronta a D. Felicidade! Rasgou os versos – e «dali arrumou!»

Ora, mas a fama da marmelada, mais dos pastéis, circulou em Coimbra pela rapaziada! A própria casa de Celas tinha lenda, e espalhara-se, não sei como, que até lá havia um boi nas águas-furtadas, e houve quem jurasse que lhe vira a cabeça, à janela! Esse boi, demais a mais, tinha uma particularidade muito interessante: fornecia de bifés a *repúblicas* e nunca se acabava! Tirava-se-lhe um bife com uma faca afiada; curava-se a *ferida* muito bem curada; e o boi, de perfeita saúde, ia dando bifés e não se acabava!

Os pastéis, que não a lenda, levaram a Celas Antero de Quental. Também queria pastéis! Mas como quer que D. Felicidade andasse então em crise de nervos – porque «sonhara com um rapaz muito atrevido», dizia ela depois ao Dr. Lourenço, lente de Medicina, consultando-o se andaria grávida! –, esquecera-se de todo dos seus vizinhos, e a respeito de pastéis, ou de marmelada, ou de queques, nem o cheiro!

Até que se lembra o Francisco de Azevedo de arranjar uma caixa com flores e de a enviar a D. Felicidade com uma quadra implorativa – e que teve como resposta, é claro, avultada dose de marmelada, com que se lambeu Antero e os mais também:

*Minha alma penhorada
Por tantos favores
Remete essas flores*

A quem dá marmelada.

«A NIVELEIDA»

Quando morreu em Lisboa o rei D. Fernando, alguns rapazes de Coimbra lembraram-se de ir à capital em comissão, a representar a Academia nos funerais régios! Ora precisamente nesse ano começavam a grassar pela rapaziada, lá em Coimbra, as bexigas doidas da política, e as bexigas atacavam de preferência os quartanistas – que são bacharéis... em flor!

Como os feriadinhos estavam certos, e isto é que importava, a Academia nem sequer pensou em mandar *japoneses* aos funerais!¹⁹ Mas sempre houve três que quiseram ir: o António Lagoaça, agora conde de Lagoaça e par do Reino; o Duarte Praia, agora marquês da Praia; e então o António Alte, que andou pelo Brasil uns poucos de anos, secretário de legação – todos três lisboetas da gema!

Por meio de bilhetinhos passados na aula, os três lá arranjaram no Teatro Académico uma espécie de assembleia a que chamaram *geral*, mas que não passou, em verdade, de

¹⁹ Isto de «estarem certos os feriadinhos» faz-me lembrar agora uma coisa que aconteceu com o *César Pensador*, que numa assembleia geral, no Teatro Académico, principiou um *discurso* da seguinte maneira:

– Eu estava ali em baixo quando me disseram: «Ó César, vamos pedir um feriado?» E eu disse: «Se é para pedir um feriado vamos lá!»

Interrupção de todos os lados do teatro, num alarido:

– Bravo! Bravo! Apoiado! Mais alto: suba à cadeira!

O César subiu à cadeira e começou outra vez:

– Eu estava ali em baixo quando me disseram: «Ó César, vamos pedir um feriado?» E eu disse: «Se é para pedir um feriado vamos lá!»

– Bravo! Bravíssimo! Apoiadíssimo! Mais alto: suba a um camarote! Dum camarote!

E lá vai o César para um camarote, e começa outra vez:

– Eu estava ali em baixo quando me disseram: «Ó César, vamos pedir um feriado? E eu disse: «Se é para pedir um feriado vamos lá!»

particularíssima; deram-se por nomeados para representar a Academia nos funerais; e quando a *briosa* soube da história, já iam todos a caminho de Lisboa, muito satisfeitos!

Ora a *pirraça* poderia talvez passar, feita por outros! Mas feita por aqueles três, era imperdoável! Pertenciam todos à primeira ala dos *polainudos*, chamados assim porque faziam da polaina um chique, e acho que uma fidalguia – e os *polainudos*, embora bons rapazes como aqueles três, eram, como colectividade, quase odiados!

Aqueles bem o sabiam; e bem sabiam, também, que espécie de diploma levavam na mala a acreditá-los como enviados da Academia...

Por isso, e prevendo tempestade na sua ausência, entenderam-se, antes de partir, com o António Cabral, que andava então no 5º ano e tinha a sua influência na rapaziada – e pediram-lhe que, se estalasse tempestade na ausência deles, fizesse por a amainar.

Prometeu o António Cabral o que lhe pediam – e os três lá partiram enfim para Lisboa, *representantes* da Academia!

Mas a tempestade não tardou a desencadear-se, e desencadeou-se furiosamente! Um *Aviso* pegado nas portas do Clube Académico chamava a Academia, *ofendida nos seus brios*, a uma assembleia geral, com o fim de protestar contra os «usurpadores»!

Andou o António Cabral em bolandas, para ter mão no chinfrim iminente; mas, vendo que não conseguia nada, agregou a si o Waldeck (um condiscípulo dele a quem chamavam Waideck porque na aula de Direito Romano tratara uma vez por *senhor* o autor do antediluviano compêndio, chamando-lhe cerimoniosamente «Sr. Waldeck») e foi postar-se à entrada do Clube com intuitos de arengar aos revoltosos e levá-los, se tanto fosse preciso, a murro seco!

Mas vendo os dois que a onda engrossava e que não

havia meio de impedir a arruaça, variaram de tática: foram-se ter com o *Saraiva das Forças*; meteram-lhe no bolso a chave do teatro, como quem a depõe num baluarte invencível ou a confia às mãos de Sansão; e desatam a apregoar que «não havia chave» – que não podia haver assembleia, porque a chave do teatro desaparecera!

Mas ergueu-se logo uma Babel de impropérios:

- Arromba-se o teatro!
- Metem-se as portas dentro!
- Deita-se fogo, se for preciso!
- Entra-se pelo telhado!
- O teatro é nosso!
- A Academia é soberana!

Um inferno de um milhão de demónios!

Nisto, e como a desafiar a tempestade, o *Saraiva das Forças* lembra-se de assomar a uma janela do Clube – e diz no seu estilo conciso e na sua vozinha de flautim:

– Está aqui a chave – olhem! –, mas não a levam!

E como o Waldeck e o António Cabral dessem *apoiados* ao Saraiva – «Bravo! Apoiado! Muitíssimo bem!» –, logo duas dúzias de revoltosos se dispuseram a arrombar a porta!

– Vamos a isto, com mil raios!

Mas o António Cabral, que era sujeito de expedientes, vai-se ter logo com o Saraiva e diz-lhe que o melhor era abrirem a porta!

– Isso é que não abro! – teimou o outro.

– Homem! – explicava o António Cabral. – Deixam-se entrar, e faz-se depois lá dentro *obstrucionismo*! Nem chegam sequer a eleger a mesa! E melhor assim! Olha que os diabos arrombam a porta!

– E eu arrombo-os a eles!

Mas, convencido o Saraiva de que durante a assembleia podia pregar três murros na presidência, foi e abriu a porta:

– Entrem, suas cavalgadas!

Foi uma onda! Dois minutos depois o teatro estava literalmente cheio – plateia, frisas, camarotes, o palco! – e acesos todos os bicos do gás, alguns com uma chama de palmo! Ouviu-se logo uma voz nervosa:

– Proponho para presidente da assembleia o Sr. Padre Nogueira!

Vozes:

– Quem?!

Gritos de toda a banda:

– Quem?!

– Quem?!

– O Sr. Padre Nogueira!

Aprovado por aclamação – com uma roda de palmas ainda por cima!

Mas diz o Cabral da frisa onde estava, aos berros:

– Rejeito! Rejeito! Proponho o Sr. João Bernardo Xavier de Moraes Cabral!!

Levanta-se um alarido medonho:

– É o Waldeck!

– Fora o Waldeck!

– Não se quer cá o Waldeck!

– Fora!

– Fora!

E, já no palco, o padre Nogueira, agora cónego do Algarve, agitava furiosamente a campanha da presidência e propunha os secretários – aceites imediatamente por aclamação, com outra roda de palmas a coroar a proposta!

Gritavam de todos os lados:

– Ordem! Ordem! Desafrotem a mesa!

– Desafrotem a mesa! Ordem!

– Ordem! Ordem!

Mil vozes pediram a palavra ao mesmo tempo; mas o

João Mendes de Magalhães Ramalho, que a não tinha pedido, à força de pulmões consegue meter na arruaça este *discurso* – «em nome, dizia ele, do Conselho da Academia Dramática»:

– O teatro, meus senhores, está cedido pelo Conselho da Academia Dramática aos quintanistas, para ensaiarem a sua peça. Pergunto ao Sr. Saraiva, que é do Conselho, se isto tem algum jeito?!

– Fora! Fora!

– Ordem! Fora! Fora! Ordem!

Mas acode à puxada o *Saraiva das Forças!* Trepá à ribalta, a correr e com a capa dependurada dum ombro, e, a esganiçar-se, grita que tem razão o Sr. João Mendes – e convida a Academia, «por conseguinte», a evacuar o teatro!²⁰

– Qual «por conseguinte»! Fora! Fora! Não saímos! A Academia é soberana!

– O teatro não é dos quintanistas!

– O teatro é da Academia!

– Fora!

– Fora! Não saímos!

Ouviu-se ainda a voz do Saraiva, que acabava o *discurso*:

– ...Quando não, corro tudo a pontapés!

– Fora! Fora!

– Se tem força, vá para a alfândega!

– Daqui ninguém arreda!

– Fora! Fora!

E já os vinte primeiros oradores começavam furiosos o seu discurso – «Sr. Presidente! Isto é infame!» – quando, de repente – zás! –, fica tudo às escuras, porque o António Cabra! apagara o gás! Um charivari medonho ia atirando a terra com o teatro, como se estoirassem na sala mil granadas, ou rabiassem

²⁰ Lembro-me que foi neste discurso que o Saraiva meteu o seguinte *conceito*: «A Academia deve obrar sem sujar a capa!»

ali dentro os diabos todos!

Não se fez a assembleia, é claro – não pôde ser! Mas combinados logo os revoltosos, resolveram ir efectuá-la noutra parte, e reuniram-se, passados dias, num teatrelho de futricas que havia ao pé da Rua da Trindade, no edifício do tribunal velho – mas à porta fechada, por cautela...

Aí então foi arengar à vontade! Mas, picados pelo incidente do Teatro Académico, os oradores esqueceram-se quase dos *polainudos* e puseram-se a declamar e a barafustar sobre o que eles chamavam o *nível* da Academia, declarando todos que estava baixíssimo – e que era preciso, desse por onde desse, levantá-lo!

Era preciso LEVANTAR o *nível*!

Pegam os outros na palavra – e era *nível* por todas as formas e feitios, e até pintado pelas paredes das casas! E de noite, era aquela *scie* infernal dos embuçados, debaixo das janelas dos revoltosos:

– Ó Sá Fernandes!, dá cá o nível!

– Ó Pires de Lima!, dá cá o nível!

– Ó Lomelino!, dá cá o nível!

Um charivari pegado todas as noites!

Vai senão quando, lembra-se o António Cabral de engendrar um poema, para matar a questão com a arma da troça – e na aula do Pita, enquanto o lente preleccionava, saí-lhe dum jacto *A Niveleida*, no molde, já se vê, dos imortais *Lusíadas*:

A NIVELEIDA

(Poema épico)

I

*Os Caires²¹ e os Levys²² assinalados
Que são cá da briosa o ornamento,
Os Claros²³ e os Fernandes²⁴ desgraçados
Que são muito mais finos que um jumento,
Os Pir's de Lima²⁵ e outros malcriados
Que ergueram na Trindade um vão lamento,
Cantando espalharei por toda a parte
Se a tanto me ajudar o engenho e a arte*

II

*Cessem do sábio Mota²⁶ e Lomelino²⁷
As asneiras incríveis que disseram;
Cale-se da cebola e do pepino
A fama das saladas que fizeram;
Que eu canto o nível alto, o nível fino
Que eles alevantar tanto quiseram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outra asneira mais alta se alevanta.*

III

*Estavas, à briosa, em bom sossego,
Da sebenta colhendo o doce fruto,*

²¹ É o João de Caires, agora advogado em Lisboa.

²² É o Levy Marques da Costa, idem.

²³ É o António Claro, que foi da revolta do Porto.

²⁴ É o José Maria de Sá Fernandes, de Válega, actualmente juiz municipal em Sabrosa.

²⁵ É o Eduardo Augusto Pires de Lima, agora advogado no Porto e lente do Instituto Industrial.

²⁶ É o Mota Gomes, que também está em Lisboa.

²⁷ É o Lumelino de Freitas, ilhéu, que advoga em Lisboa.

*Naquele estado tolo, bruto e cego,
Que os R R não deixam durar muito;
Na imunda princesa do Mondego
Que agora vai d'águas pouco enxuito,
Ensinando às sopeiras e serventes
O que tinhas aprendido co'os teus lentes.*

IV

*Mas eis que de repente uma figura
Te aparece no ar robusta e válida:
Era o nível d'altíssima estatura,
De gordura suína e pêra esquelada,
Igual ao Lomelino na postura,
Na ciência também e na cor pálida;
E o nível que era baixo e sem cabelos,
E alto agora – os dentes amarelos.*

V

*Pra pô-lo nesta altura orou Nogueira,
O padre de figura um tanto untuosa,
Botou o Sá Fernandes basta asneira,
E disse o João de Caires que a briosa
Tinha o nível em baixa verdadeira:
– Elevá-lo era coisa muito honrosa!
Nisto o Pires levanta-se iracundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:*

VI

*«Eu só com os meus livros e com esta
(E dizendo isto arranca uma queixada*

*Duma burra que fora em vida honesta)
Defenderei a ideia alevantada,
Contra a qual o bom senso aí protesta.
A quintanista gente é desalmada!
Pois vencerei esses meus adversários
E os que a ideia tal forem contrários!»*

VII

*Assim orou da plebe o tal tribuno,
Em tudo atroz rival do grão Ribeiro²⁸;*

²⁸ O Ribeiro era um pobre velho, rival do Rosalino e autor dum livro fantástico chamado *Alegorias*! A prosa dele tinha um estribilho constante – *Ópio!* – e era crivada de pontos de admiração. Exemplo doma *alegoria* do Ribeiro: «Ópio!! Há figueiras!!! Ópio!!!!» Era uma figura originalíssima este Ribeiro; e chamei-lhe *pobre*, mas ele era riquíssimo e um grande unhas-de-fome: não emprestava cinco réis a ninguém e, para apanhar uma vez um *cão*, foi preciso um plano completo de estratégia, que levou uma semana a discutir, mas que deu resultado! A Academia fazia-lhe repetidas apoteoses, de noite, em marchas *aux flambeaux*, e o Ribeiro era levado ao colo pelas ruas de Coimbra, com a sua capinha azul sem mangas, e recitava *alegorias* no meio das aclamações frenéticas dos rapazes! Tinha uma barba muito branca, umas calças de xadrez branco e preto, e, quando andava, todo ele se saracoteava, com grande ar de importância olímpica!

O Rosalino, esse, ainda é vivo, e parece S. Pedro – e só ele merecia um poema em oitava rima, que o cantasse, e à *Luz da Razão*, e ao *Diabo Fechado na Minha Gaveta*, e às centenas de opúsculos que tem publicado! Independência mais ferrenha e maior honestidade de homem, literária e pessoal, nunca se viu nem há-de ver – e como tivesse andado no Pátio a estudar geometria, uma vez não sabia a lição, e meteu dispensa... em verso heróico:

*Como incomodado estado tenho
Dispensa a V. Sr.^{ia} pedir venho.*

*E por não a pedir por vezes,
Peço-a por dois ou três meses.*

*Depois, o Mota Gomes importuno
Furioso se amostrou e cavaleiro;
Do quarto ano o tal distinto aluno,
Que em tudo é feroz republiceiro,
Orou por largo tempo na Trindade
Do nível demonstrando a baixidade.*

VIII

*Oh! que não sei de nojo como o conte!
Que tendo eles o nível levantado,
A troça que cresceu de monte a monte,
Pôs o nível no seu antigo estado!
Do Caires inclinou-se logo a frente,
E tendo o amigo Claro ali ao lado,
Não ficou homem, não, mas mudo e quedo
E junto dum penedo outro penedo.*

IX

*As tricanas da alta a sorte escura
Do fiasco, chorando, memoraram;
E, por lembrança eterna, coisa dura*

E assinava também em verso:

*Pega Pegão Pega Peguito
Rosalino Cândido de Sampaio e Boto.*

*Diz-lhe o lente, que era o Manso Preto:
– Por sim ano se quiser!*

Réplica do Rosalino, ainda em verso:

Isso mesmo é o que se requer!

*Ao Caires infeliz logo ofertaram:
E ele, chamando ingrata à Pátria impura,
Os ossos não lhe dá. Nisto ficaram
O nível e os discursos estudados
Dos sábios oradores alevantados!!!*

FIM

Pois sim! Foi deitar pólvora no lume! Não se ficou sem resposta o António Cabral, e levou-a logo no mesmo metro! Em folheto de oito páginas, sem capa, rezava assim a tremenda réplica, que suponho do Ângelo, Ferreira, agora magistrado na África, e que era também dos tais do *nível*:

A BOLHA

(Resposta à *Niveleida*, ao *Espectáculo*²⁹ e ao *Nível Académico*³⁰,
três sensaborias distintas e nenhuma de jeito)

*Por ***
Assim o querem assim o têm:*

*Os grandes paspalhões assinalados,
Que nas reuniões da Academia*

²⁹ Este *Espectáculo* não passou... dum cartaz! Irá reproduzido no fim do capítulo. Menos o final...

³⁰ O *Nível Académico* era uma folha litografada de quatro páginas, com versos e caricaturas, entre estas a do Padre Nogueira, do Jaime Guitarrista, do *Zé Macaco* e de vários polainudos: Duarte Praia (hoje marquês da Praia); António Lagoaça (hoje conde de Lagoaça); António Horta (Alte), etc.!

*Foram solenemente azepepinados
Por sua telha ou sua fidalguia,
Que nas guerras das mocas esforçados
Mais do que a força humana permitia
No Teatro Académico asnearam
Tolices de que todos se espantaram;*

*E também as façanhas gloriosas
Dos Cabrais e Waldecks e quejandos,
Que à noite com as vozes mais fanhosas,
andam o nível a pedir em bandos;
E as diabólicas fúrias deliciosas
De certos quintanistas memorandos,
Cantando espalharei por toda a parte.
Há-de-se rir o mundo até que farte.*

*Ó musa da ironia e da arruaça,
Que tens excepcionais o gesto e o peito,
Vira-te para mim e põe-te a jeito
De inspirar um poema de chalaça;
Quero um poema esplêndido, perfeito,
Que vos celebre e que subir vos faça,
Num pulo só, da glória à mor altura,
Cavaleiros da mais triste figura!*

*Haviam sido há pouco azepepinados
Os meus heróis, que andavam murmurando
Que na Trindade ou para aqueles lados
Se estava contra eles conspirando,
Quando uma noite andando endiabrados
Pelajeira sobre isto conversando,
Uma moca que os ares escurece
Sobre as suas cabeças aparece.*

*Viu-se o Waldeck! Vinha carregado
Com a moca que pôs a todos medo.
«Ai rapazes!», bradou, «venho estafado
Qual se trouxesse às costas um rochedo!
Deixai-me descansar só um bocado
Para depois contar-vos um segredo.»
E dizem os outros: «Co' esta moca
'Stamos seguros, pois ninguém nos toca.»*

*Apruma-se o Waldeck, e fala: «Amigos,
E preciso não ir esmorecendo!
Querem matar-nos! Sim! Ficai sabendo
Que fundaram os nossos inimigos
A Associação do nível, pretendendo
A cada passo abrirem-nos perigos.
Mas nós, como resposta aos da Trindade,
Vamos fundar outra sociedade!»*

*«Bravo, Waldeck! Bravo!» Ele responde:
«Obrigado, rapazes!»³¹ Impossível
É deixar de lutar! Nunca se esconde
A gente como nós, que é invencível!
Formemos já e não importa aonde
A nossa sociedade: O Grande Nível!»
«Viva o Waldeck! Viva!» E ele iracundo
Ameaça a terra, o céu, o mar e o mundo!*

*Diz o Cabral então: «Por mim gostei!
Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei*

³¹ Esse «obrigado rapazes!» é piada: era a fórmula com que o Ribeiro das *Alegorias* agradecia as ovações...

*Que para derrubar os da Trindade
Sem grande custo eu inda poderei.
E agora precisamos ver quem há-de
Ser dessa associação o presidente
Que há-de mandar matar aquela gente.»*

*Berra logo o Waldeck: «Ó rapaziada,
Para servir-vos braço às mocas feito,
E para o nível tenho a bolha usada!
Só me falece de ser de vós aceito
O tal lugar dará muita maçada,
Mas eu, por vosso amigo, não rejeito:
Mesmo porque eu já sei desta incumbência:
Já tive duma vez a presidência.»*

*«Alto lá!», grita fulo o Pais Cabral.
«Na boca debes ir pôr uma rolha.
Já foste presidente! É falso tal!
A nossa gente que um de nós escolha!
Mas ela, para não proceder mal,
Deve escolher quem tenha maior bolha.»
E cheio de vaidade continua:
«A minha bolha inda é maior que a tua!»*

*Engalfinham-se os dois! Ferve o sopapo!³²
Cada um se bate coo furor dum touro!
Cada batina já é um farrapo,
Mas a nenhum a luta traz desdouro.
Por fim diz o Waldeck: «Ah!, que eu destapo!»
E mata o outro co 'um tremendo estouro*

³² Reminiscência daquele verso do *Palito Métrico*:

Fervebant coques, bofetatae que sonabant.

*E digam lá qual é mais excelente:
Se ser um rei, se ser um presidente!*

*As filhas da Varina³³ a morte escura
De tão prestante cidadão choraram;
Mas os rapazes, cheios de bravura,
Para o Waldeck logo começaram:
«Tu só sabes fazer triste figura!»
Então de presidente o rejeitaram.
Depois, puxando a brasa prà sardinha,
Cada um dizia: «A maior bolha é a minha!»*

*Para o céu cristalino alevantando
Com lágrimas os olhos ramelosos,
O Waldeck saudoso ia pensando:
«Lá vai a presidência! Adeus meus gozos!»
E o Bessa, o das barbinhas, agitando
Os braços entre a turba dos furiosos,
Pois que também poleiro pretendia,
Aquele gente doida assim dizia:*

*«Sou uma bruta fera, cuja mente
Natura fez vazia de nascença:
E por essa razão o presidente
Deveis fazer de mim e sem detença.»
Mas – decepção! –, aquela rude gente
Dá-lhe só do discurso em recompensa,
Não o lugar pedido, mas um cone –
Um pastelinho à moda de Cambrone!*

E o Alte de monóculo assestado

³³ Estas «filhas da Varina» moravam com a mãe no Terreiro da Erva, um pouco para cá da Ana dos Ossos, que também tinha filhas.

*Arrogante olha a turba e então blasona:
«Bolha decerto não se há encontrado
Maior que a minha – que até é bolhona!
Vós todos sois bem reles a meu lado!»
Querem-lhe desandar uma taponia.
Diz o pedante: «Gente bruta e podre!
A minha bolha inda é maior que um odre!»*

*Mais ia por diante o bruto horrendo
Só proferindo asneiras, quando o Alçada
Lhe perguntou: «Que vales, estupendo
E estúpido censor? Que vales? Nada!
Tu mereces um pontapé tremendo
Ou, em vez deste, só a gargalhada!»
E o A Içada com este furor tanto
Aos vivos medo a aos mortos faz espanto.*

*Quer ser presidente. Arenga um pouco
Mais de tempo, aos pulinhos, e: «Termino!»
Aparece a falar já muito rouco
Q soberbo pateta Guilhermino!³⁴
Ó céus! Diz coisas que só diz um louco.
E por nenhuma coisa ter de fino
Quer presidir à nova associação!
Pregaram-lhe em resposta um canelão.*

*Gracioso e correcto no espartilho
Aparece a falar o Cristiano.³⁵
Quer também presidir este casquilho;
Mas fazem-no fugir, porque dum cano*

³⁴ Guilhermino Augusto de Moraes Madureira Lobo Leite de Castro
Sotto-Maior e crespo! Um nome de médico, maior que uma *solitária*!

³⁵ O actor Cristiano, que se formou em Direito e se fez actor! com a
Lucinda Simões.

*Safrá à meia-noite o peralvilho
Cheio de esterco e tresandava a guano.
E queria falar, mas vinha sujo,
Pela mesma razão, o Araújo.³⁶*

*Levaram-mo dali à biqueirada,
Enquanto lhe diziam: «Aqui morres!»
Ele gritava em voz esganiçada:
«Acode e corre, A guião³⁷, que se não corres
A livrar-me já já desta pancada
Pode ser que não aches quem socorres.»
Mas o Aguião: «Espera, tem paciência!
Primeiro quero ter a presidência.»*

*Muitos outros, querendo libertar-se
Deste ponto, diziam: «Vai depressa!»
Ele sério, porém, sem importar-se:
«Minha bolha é maior do que a cabeça!»
Os outros pretendentes a escamar-se:
«Vai depressa!» «Não vou!» Então começa
Luta a bofetes, à mocada, aos murros
E a couces de fazer inveja a burros!*

*Terrível luta se travou no bando!
Cada couce é pior do que um pelouro!
Mas tudo muda num momento, quando
O Waldeck, a vingar-se do desdouro,
Seu enorme canhão descarregando,
A todos mata co'um furioso estouro!
Quem tem uma arma assim, oh, idolatre-a*

³⁶ Este era o Júlio de Araújo, ou o *Araújo da Naifa*, político agora em terras de Bragança!

³⁷ Está agora delegado não sei onde.

Soberbo estouro que salvaste a Pátria!

TEATRO DE D. LUÍS

Companhia equestre do actor-autor

LAMBE-LINO

BENEFÍCIO DA ACADEMIA

HOJE, 17, ENTRE AS 10 E AS 11

A mágica-bufa em 13 actos, 1/2 prólogo e 3 epílogos,
ornada de transformações e visualidades

O NÍVEL

PERSONAGENS

<i>O Nível</i>	MÓ-
TAGOMES	
<i>Padre Pedro</i>	MANUEL
NOGUEIRA	
<i>A Bolha</i>	M.
LOMELINO	
<i>Um de 1820</i>	GRANDE
IDEIA	
<i>Um farmacêutico</i>	SÁ D'OVAR
<i>Um pires de louça das Caldas</i>	LIMA
<i>Um gago</i>	E. CLARO
<i>N N</i>	SÓ-

MAGRO...³⁸

Niveladores, bolhas, cavalos, burros, etc., etc.

A acção passa-se... etc. (o resto fica no tinteiro!)

³⁸ Os nomes dos *actores* correspondem, respectivamente, aos seguintes: Mota Gomes, Padre Pedro Manuel Nogueira, Lomelino de Freitas, Leite Braga, José Maria de Sá Fernandes, Pires de Lima, António Claro e Magrassó, de Fronteira.

O LUSITANO E O ANDA A RODA

Ainda no tempo do nível, e ainda por causa do nível, apareceram em Coimbra outros versos, mas esses, agora, saídos do Olimpo literário! Quem diz Olimpo literário diz Café Lusitano, um café que havia quase defronte da Flavanesa, pegado à ourivesaria do Abílio, e que era do José Lúcio, um da vida airada, que já morreu, e que tinha uma voz de barítono muito aplaudida, que até se fez ouvir no Teatro Académico!

No Lusitano é que os janotas da Academia se juntavam. Era ali o quartel-general dos *polainudos*, que se ficavam até desoras à roda das mesas de mármore, beberricando e falando, enquanto os «servos da gleba», que recolhiam ao toque da «Cabra», digeriam nas suas *repúblicas* a sebenta, alumiados pelo candeeiro amarelo de três bicos, de gloriosa memória!

Ao lado dos literatos de mais elevada cotação, como o Luís de Magalhães, o António Feijó, o Rodrigues Braga, o Carlos Lobo de Ávila, o Queirós Ribeiro, o Alfredo Paço Vieira, o Pedro Gaivão, o Eduardo de Araújo, o Manuel Gaio, reuniam-se outros que se diziam também literatos, mas que ainda hoje se conservam inéditos – excepto o José Botelho, que fez por junto uns versos memorandos com o título de *Eterno Feminino*, que foi tudo quanto em cinco anos de conúbio parturejou a sua Musa, e isso, diz-se, porque a sua Musa lhe foi *infiel*. E reuniam-se também ali, por chique, os aristocratas e -aspirantes a aristocratas, os ricos e os que fingiam de ricos – e, em geral, os alfacinhas! Muitos deles eram *conhecidos* do Bolson, um usurário que morava na Calçada e que também tem crónica; andavam de trem, que alugavam no Natividade da Sofia; e, quando iam actrizes a Coimbra, ceavam todos lampreia no Paço do Conde, em grande pagode, servidos pelo

José Macaco!³⁹

Está claro que a *plebe* da Academia embirrava com o Lusitano, e os do Lusitano davam-se ares de *vida à parte*, embirrando também com a Academia, e muitos deles até se vestiam à futrica depois das aulas, calçavam luvas cor de palha e punham monóculo! Mas as hostilidades eram vivas, sobretudo entre a facção literária do Lusitano, especialmente por banda dos inéditos, com o José Botelho à frente, e a facção literária que se juntava mais abaixo, ao pé do Sansão, no tntenor da mercearia do Anda a Roda!

Desta faziam parte os boémios da Academia, presididos pelo Solano de Abreu. Ao cair da tarde, eram rentes nessas duas salinhas interiores do Anda a Roda, a beber cerveja e a

³⁹ Este José Macaco é o *José Macaque* da Rattazi no *Portugal à vol d'oiseau*. Desopila aquela passagem de Camilo, na tarefa que pregou à princesa: «Tendo esta dama [escreve Camilo] escrito lisonjeiras coisas da gentileza e bonito feitio dos homens portugueses, exceptuou caprichosamente um criado do Hotel Mondego, o *José Macaque*. Diz que ele tem uma *fealdade socrática*. Eu não afirmo que José Macaco seja um galã com o perfil de Batilo de Samos nem os três quartos do *Cupido* de Correggio. Anacreonte decerto lhe não tocara as loiras madeixas de pâmpanos e rosas de Teos, nem me persuado que Sodoma ardesse por causa dele ou de mim. Assim mesmo, sem algum motivo estranho à estética, a princesa Maria Letizia, indisposta com José Macaco, não lhe perpetuaria no seu livro, como em um bronze de Esopo, a fealdade. Devia de haver uma causal psíquica para a injúria tão desproporcionada como as culpas arguidas ao José Macaco. Sua alteza não o baldeava à zombaria dos séculos porvindouros pelo delito de lhe não servir «*maionese de lagosta*» à *la gelée*, nem «*mexilhões*» à *la provençale*. Indaguei, por intermédio de um meu amigo em Coimbra, quais as causas ingentes dos ódios assanhados pela Discórdia ignívora, como diria Homero, entre Macaco e Princesa. Tentaria ele como o hediondo Tersites da *Iliada* arrancar com suspiros absorventes os olhos meigos da nova Pantasileia? Trato de averiguar. Se a resposta não vier a tempo, dar-se-á em apêndice suplementar.»

Não a deu, mas é de crer que a recebesse. Também eu, que sei o motivo da desavença, me fecho com o curioso segredo – cuja revelação, de resto, faria muita honra a José Macaco...

comer bacalhau cru, além do Solano, que era o primeiro que chegava porque tinha na vizinhança um dos seus numerosos namoros, António Fogaça, que ainda então era caloiro, Santos Melo, Pinto da Rocha, Forbes Costa, Bernardo Lucas, Silva Cordeiro, Francisco Rastos, Costa Macedo, Costa Santos, Eduardo Vale, Bernardino Zagalo, Carlos Braga, eu e outros.

Com tendências para o grupo do Lusitano, divagava, mas sem nunca se irmanar de todo, Luís Osório. Com tendências para o Anda a Roda, mas, enfim, não se chegando muito, porque já então era a *prudência em pessoa*, embora fosse por dentro um boémio de marca – o Alfredo da Cunha!

Não tinha sábios, a malta do Anda a Roda, a não ser o Silva Cordeiro. Tinha-os, porém, a do Lusitano, e chamavam-se: João Arroio, Pinto de Mesquita, Azevedo e Silva, João Pinto Rodrigues dos Santos, Dinis da Mota e Aristides da Mota, Henriques da Silva, Manuel Ramos e não sei quem mais, todos pelo último figurino – positivistas –, menos o Manuel Ramos, que tinha já então *filosofia própria*...⁴⁰

Os boémios do Anda a Roda, esses, ainda deram de si

⁴⁰ Ora sábio-sábio, no meu tempo, o José Maria Rodrigues, que não me lembro se parou alguma vez à porta do Anda a Roda, mas que com certeza não pôs nunca os pés no Lusitano; porque era um minhoto dos quatro costados e um sábio... sem fumo! Creio ate que foi por lhe parecer mais fumo do que outra coisa o positivismo que o Garcia impingia no 3.º ano, que o «José Maria», como nós lhe chamávamos, *desertou* de Direito, onde era premiado, para Teologia, onde o foi sempre também e onde tomou capelo.

Ainda estudante, bateu-se ele com Camilo na célebre polémica «Bolas e bulas»; e Camilo, que imaginava a principio que tinha de se haver com um *classificadote*, destes que têm muita ciência de índice e de lombada, e mais nada, disse-me depois que o José Maria «era um consumado sábio, e o único, de todos os seus adversários, que lhe deu que fazer e de quem se lembrava com vivas saudades».

A Camilo contei eu então o motivo por que o José Maria lhe não replicara ao último folheto e o escarcéu com que me veio uma vez, na via Latina – furioso com ele e com o Chardron!

alguns jornais alegres, que viveram..., um ano lectivo: a *Porta Férrea*, a *Coimbra em Fralda*, o *Panorama Contemporâneo*, *A Imprensa*. Os *polainudos* do Lusitano, esses, emitiram a *Revista Científica e Literária*, onde colaborou um lente, o Garcia, patriarca do positivismo, e que espichou ao terceiro número; a *Evolução*, que pregou na cadeia académica, em «paternal custódia», com o Azevedo e Silva e com o Manuel Palma, seus redactores⁴¹ e um jornalão de quatro páginas de

Fora o caso que o José Maria enviara de Coimbra para o Porto, ao Chardron, o manuscrito de um dos seus folhetos; e tendo rectificado no dia seguinte um lapso qualquer e mandado ao editor a rectificação – o Chardron, que logo que recebia os originais do José Maria tirava uma cópia a toda a pressa e a enviava a Camilo, para São Miguel de Ceide, dessa vez não lhe mandou a cópia da rectificação, e Camilo, apanhado o lapso no manuscrito, zurziu-o na resposta às mãos ambas, como ele costumava, e zurziu de rijo o José Maria! Este percebeu então a marosca, e ficou fulo – pois a maioria dos *espectadores*, levados pelo estilo do grande escritor e apanhados de surpresa pela rapidez da réplica (explicável daquela maneira!), não tinha tempo, quase, de digerir a ciência do José Marta, e o *Teólogo*, como lhe chamava Camilo, ficava debaixo!

Assim acabou a polémica «Bolas e bulas» – mas, daí a pouco, eis metido outra vez em danças o José Maria, e desta vez com a própria Cúria romana e a Sagrada Congregação do Concílio, em defesa da Universidade! Então já ele era lente; e hoje, preceptor do príncipe real D. Luís Filipe, e reitor do Liceu de Lisboa, não há pai que o não adore, porque parece que lhe cabem no peito os corações de todos os pais, e os próprios rapazes morrem por ele – até quando lhes puxa as orelhas!...

Eles lhe farão a crónica um dia, quando escreverem também o seu *In Illo Tempore!*

⁴¹ Este incidente do Palma e do Azevedo e Silva foi dos mais interessantes do meu tempo de Coimbra. Foi por causa da *Evolução*, um jornal de que o Palma era lambem editor; e onde saiu um artigo do Azevedo e Silva *irreverente* para a Universidade! Foram julgados pelo conselho de decanos, que os condenou a uns dias de prisão e à perda de um ano; mas os dias de prisão foram de um grande pagode, porque à poria da cadeia académica, na Rua dos Lóios, tinham sempre música à hora do jantar e champanhe e companheiros a rodos; e quanto à perda do ano, remediou-se com uma portaria que revogou o acórdão do conselho de decanos, mas que

texto e outras tantas de capa amarela, de que me não lembra o nome, e que esticou o pernil logo ao segundo número! Acho que se chamava *Folha Académica*.

Uma vez (pana se ver como viviam *amigos* os tais dois grupos!), uma vez vínhamos uns poucos do Anda a Roda, seria meia-noite, e, ao passarmos pelo Lusitano, ouvimos, muito acesa, a voz esganiçada do José Botelho a dizer *coisas!*

foi arrancada a ferros pelo Eduardo de Abreu ao ministro, que era então o Fontes! Farto já de telegrafar ao Fontes sem resultado, o Eduardo de Abreu apresentou-se na estação de Coimbra, quando o rei D. Luís vinha do Porto de inaugurar os Albergues Nocturnos; e depois de conferenciar com Sua Majestade, no salão do comboio, como o rei, constitucionalmente, só lhe desse bonitas palavras, e o Fontes, que estava ao pé, nem isso ao menos, o Eduardo de Abreu vem à plataforma do salão real e grita assim para a Academia toda:

– Estudantes de Coimbra! Sua Majestade El-Rei acaba de me dar a sua palavra de honra de que logo que chegue a Lisboa fará expedir uma portaria readmitindo os estudantes Azevedo e Palma! viva Sua Majestade El-Rei!

A cara do Fontes não se descreve; mas caso é que, logo que chegou a Lisboa, a portaria foi expedida, e em Coimbra, durante uns poucos de dias, reinou um pagode real!

Tenho todos os documentos, sem faltar um, desse longo e acidentado incidente, e formam um volume como um dicionário!

O Azevedo e Silva está advogado em Lisboa e é um comercialista de grande nomeada, aliás justíssima; e o Palma, o Manuel Palma, que era o rei dos rapazes, e a quem chamávamos o *Conselheiro* por usar barba toda e ser o modelo da pontualidade e do apuro, esse está em casa no Alentejo, acho que em Beja.

A pontualidade do Palma era tal que cortava sempre o cabelo no dia 1.º de cada mês, no Vaz, que tinha loja de barbeiro ao pé da Feira; e como quer que uma vez alterasse a regra, e nos aparecesse na aula, no dia 1, sem o cabelo cortado, e só o cortasse no dia 3, o Alfredo da Cunha fez-lhe logo estes versos:

*Caso estranho e singular!
Singular e estranha ideia!
Venham sábios da Caldeia*

Panámos à escuta. A esse tempo, ainda ele não tinha feito o seu *Eterno Feminino*, mas ria que tinha demónios, o José Botelho, a dizer mal dos literatos contrários! Esfarrapava a dentadas de mordacidade um antigo do *Panorama*, quando se ouve uma voz dizer de lá:

– Eu inda o não li.

E como se cada um dos outros fosse um fonógrafo, repetiram todos a mesma coisa:

– Eu inda o não li.

Espanto do José Botelho, que dessa vez teve a sua graça:

– *Pois eu também não!*

*

E por vir a pêlo, vá entre parênteses e de risota!

Com alguns daqueles jornais aconteceram-me coisas muito curiosas! Com a *Coimbra em Fralda*, por exemplo, como quer que o Solano de Abreu, que era o director, tivesse de sair pana Abrantes, a fêrias de Páscoa, pediu-me a mim que lhe tomasse conta do jornal e lhe fizesse a crónica da semana. Acedi. Mas o Solano a virar costas, e eu a ser assaltado por milhares de colaboradores, que queriam todos impingir-me artigos!

Aceitei-os, é claro, que não tinha remédio; mas, à medida que os ia lendo, cresciam-me ganas de não publicar nenhum! Mas como, se a *Coimbra em Fralda* era de quatro páginas, e eu só me tinha comprometido a escrever a crónica?! Deliberei:

Tal fenómeno explicar!

Ele – o Palma – foi cortar

O cabelo em dia três!!!

Mas porque é que desta vez,

Porque é que ele desvairou,

E o cabelo não rapou

No primeiro deste mês?!

encheria o jornal só com a *crónica*! E com tal força lhe peguei, que não só enchi de lés a lés as quatro páginas, mas – medida a cordel a composição, a ver se chegava... – ainda sobejavam vinte e um palmos! Havia crónica para outro número, se fosse preciso!

Com o *Panorama Contemporâneo*, com esse, o caso foi outro. Isso era o jornal mais lindo que tem havido em Coimbra; e eu o seu director, a convite de um caixeiro da Livraria Orcel, um Costa, que tinha paixão por essas coisas e agregara a ele, na empresa, um Sertório que era fotógrafo! O jornal teria oito páginas e a capa – e, avulsa e coberta com um papel de seda, uma fototipia!

Ena de tentar! E por ser de tentar, aí escrevo eu a todos os prosadores e poetas de Portugal, pedindo-lhes colaboração – e logo no primeiro número prego com artigos inéditos dos seguintes: Alexandre da Conceição, que fazia o antigo (por sinal engraçadíssimo) que acompanhava a estampa, que era uma admirável vista panorâmica de Coimbra, tirada do Pio e impressa em óptimo cartão, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro, Martins Sarmiento – e até um matemático polaco, Wronski; e composto o jornal na Imprensa da Universidade, pelo chefe dos tipógrafos, exigi e consegui esta coisa absurda, e acho que nova em folha na história da letra redonda: de linha para linha, nem uma só palavra seria partida – como de facto não foi!

Lembro-me que tão doido fiquei com o primeiro número, que eu mesmo fiz de entregador: levei-o eu mesmo a casa dos que tinha convidado para colaboradores, e que eram todos quantos em Coimbra escreviam para jornais – estudantes e até futricas! –, e lembro-me que essa entrega a fiz eu debaixo da mais formidável carga de água que do céu se tem despenhado depois do dilúvio!

Bem! Mas saiu o jornal, e a imprensa do Pais fez-lhe uma

feita, e eu fiquei radiante!

Mas quis o Demónio que, depois de saírem alguns números, eu ouvisse, por acaso, na Rua do Corpo de Deus, onde morava o fotógrafo, e no escritório deste (que só tinha para o pátio uma porta forrada de baeta verde), que eu ouvisse, sem ser visto, digo, uma conversa entre os dois *sócios*: o caixeiro mais o fotógrafo... Alegava o caixeiro que o jornal *não prestava*; e que em vez de artigos de Martins Sarmiento a propósito de castros ou castelos, de Leite de Vasconcelos a propósito de onomatologia portuguesa, e doutros por igual *maçudos*, como ele dizia e o outro anuí, o que era preciso era dar charadas, receitas de cozinha e coisas assim – concluindo, os dois, que era preciso *pôr-me na rua*, fosse como fosse!

Ouvi, calei e desandei. Fui-me para a Rua do Visconde da Luz, onde eu sabia que havia de passar o caixeiro; e como quer que daí a pouco me surdisse, fui-me a ele como Sant'Iago aos Mouros; e, em plena rua, nunca bati mais ingloriamente – porque nem troco me deu!

Depois fiz um *manifesto* ou *declaração*, que enviei a todos os jornais; os jornais sovaram os dois *sócios* – e o *Panorama* acabou não tardou muito; primeiro, dirigido pelo Rodrigues Nogueira, que logo se fartou, e depois por Eugénio de Castro, que não tardou a faltar-se também! *Requiescat in pace!* e era uma vez um *Panorama Contemporâneo!*

Ora mas com a *Porta Férrea* os casos ainda foram melhores! Com esse aconteceu-me uma vez uma partida muito curiosa, e que mostra bem o que são tipógrafos de Coimbra, bons rapazes mas *meio bacharéis!*

Foi o caso que uma vez escrevi eu não sei que artigo, em que meti, por vir a pêlo, a palavra *saciedade*, sinónimo de fartura.

Mas vêm-me as provas e o que vejo eu?! Em vez de *saciedade* – *sociedade* (um *o* em vez de um *a* na primeira

sílaba)! Emendei; e, como era meu costume, pedi novas provas para verificar as emendas – aquelas e as outras.

Vieram. Vieram, mas veio também o mesmo erro: *sociedade* por *saciedade*! Outra vez emendei, mas agora já com um *aviso* à margem, de que era a segunda vez que fazia a emenda... E como pedisse novas provas, vieram, mas outra vez (nem plo diabo!) *sociedade* por *saciedade*!

Emendei, já escamado e a tinta vermelha, com um raspanço à margem ainda por cima, em letra garrafal que enchia a prova! Mas novas provas me vêm não tarda muito – e o diabo da *sociedade* ainda me aparecia mais uma vez por *saciedade*!

Então foi carta! E tamanha era a descompostura no tipógrafo, no dono da tipografia, que era o José Correia, e em todos os da tipografia, que fiquei seguro de que se faria a emenda. Aquilo não se resistia!

...Mas em tipógrafos não há que fiar. A hora de se imprimir o jornal, dá-me cá dentro um rebate de que os diabos eram capazes de não fazer a emenda – e rebate foi ele, que largo a correr, de capa ao ombro, da Alta, onde morava, para a Baixa, onde se imprimia o jornal, e grito da porta para o maquinista:

– Alto! Um exemplar!

Meu dito, meu feito! Veio o exemplar e verifico: em vez de *saciedade* – *sociedade*!

Não sei o que disse ao tipógrafo, e ao impressor, e ao José Correia, e a todos, mas foram coriscos – senão quando, vem-me de lá o tipógrafo muito descansado, e larga-me esta, com um grande ar de indulgência e... de piedade:

– Ó Sr. Doutor!, mas nunca ninguém disse *saciedade* – *toda* a gente sabe que é *sociedade*!

Não quis ouvir mais! Larguei a correr pela porta fora, desaustinado, e se saiu *sociedade* ou *saciedade* ainda hoje

ignoro – e é coisa que não quero saber!

Mas acho que não saiu, porque não saiu... o jornal! E a esse respeito, vou agora mostrar uma carta que em tempos escrevi a Silva Pereira, quando Silva Pereira, autor do *Dicionário do Jornalismo* (cujo manuscrito parece que se extraviou na Academia!), me pediu uma vez a história do jornal, para a referir no tal dicionário. Como este não chegou a sair, Silva Pereira tornou a dar-me a carta, para que a metesse no *In Illo Tempore* – e então ela cá vai. Dizia eu a Silva Pereira, que morreu outro dia, coitado:

Meu caro amigo:

Mando-lhe a colecção, que me pediu, da Porta Férrea. Como verá, publicaram-se 23 números: o 1.º, de 13 de Novembro de 1881; o último, de 1 de Maio de 1882.

O jornal surgiu, como em regra todos os jornais académicos de Coimbra, de uma conversa de rapazes: um rompante literário à mesa de qualquer café! Fui eu dessa vez o proponente, e, logo ali, o inventor do título para o jornal. Concordaram, e formámos quatro a redacção:

Solano de A breu (Salamandra), Santos Meio (Gualberto), Eduardo Vaie (Quizomba) e eu (Belisário). Hoje o Solano está mascarado de proprietário e advogado em Abrantes; o Santos Meio, delegado em Montemor-o-Novo (já morreu, o bom rapaz!); o Eduardo Vale, médico acho que em Tondela.

O jornal seguiu, mas muito combalido financeiramente. Tínhamos ajustado cada 500 exemplares por 5000 réis, com o Correia de Almeida, um que já não existe, de barbicas loiras

de alemão, com muita família e sem vintém, dono de uma imprensa que os cães levaram à glória! Era adiantado o pagamento, está claro – medida preventiva, que não era só uma suspeição lançada às nossas magras bolsas de estudantes: era também, por parte do Correia de Almeida, uma imposição das necessidades dele: o pobre andava sempre a tinir, e assim se deixou o morrer, ainda novo! Bem. Chegavam os sábados e era preciso pôr o jornal na rua. Mas a respeito de dinheiro, nicles! Nem vintém! Vascilhada a gaveta da administração (!), apareciam apenas uns selos esfrangalhados de 2 réis e meio, e muitas aparas de estampilhas. Mais nada! De forma que eu, que (digo-o sem vanglória) era o mais económico do grupo, talvez por ser o que tinha menos dinheiro, via-me frequentes vezes na necessidade – para não ficarmos inéditos! – de abonar os 5000 réis indispensáveis àquela glória, e àquele soalheiro de publicidade... «Aí vão os 5000 réis, amigo José Correia!, e ponha-me essas formas no prelo!»

De mim para mim, esperava ser indemnizado mais dia menos dia – pelo Solano, que tinha uma chapeleira velha e um chapéu velho que andava sempre de Abrantes para Coimbra e de Coimbra para Abrantes, num serviço muito curioso, que consistia nisto invariavelmente: de Abrantes para Coimbra, em levar uma libra no forro (o chapéu); de Coimbra para Abrantes, em não levar nada, ou, quando muito, um bilhetezinho sub-reptício... a pedir outra!

Mas qual?! Eu ia falindo, como aconteceu mais tarde ao Correia de Almeida, o nosso

desconfiado editor!

Portanto, em certa altura tratei de me safar do jornal. Eu não podia com tanta glória por semelhante preço! Deixei, pois, a redacção efectiva, que implicava atrozmente com a minha bolsa, quando o jornal ia no seu número 11. E seguiu o jornal.

Mas o demónio do chapéu velho, esse é que não se incomodava naquelas viagens de Abrantes para Coimbra e de Coimbra para Abrantes, para se render ao Correia de Almeida! Passava-lhe à porta, isso passava; mas ia na zorra do americano, encolhido, silencioso, numa atitude cautelosa de contrabandista, despachado como encomenda, que umas vezes ia ter directamente à Rua das Covas, onde morava o Solano, outras vezes à estação Central, na Praça Velha, onde o Solano ia esperá-lo, com um carinho verdadeiramente fraterno!

Depois, tirada do forro a linda librinha, ardia Tróia; e o chapéu lá tinha de voltar para Abrantes, vazio como um mendigo!

O jornal começou, pois, a viver do crédito e da esperança no regresso do chapéu velho!

E foi vivendo! Até que Solano, como o chapéu não tornou a aparecer, declarou-se também falido! Mas quando?! Em ocasião tão má que estava no prelo o número especial da folha, com gravura e papel amarelo – obra de luxo! –, dedicado ao centenário de Pombal!

– Veto! clamou o José Correia, o feroz José Correia, rei absoluto!

E não deixou sair o número rico, esse querido número de gala, sem que lhe pusessem ali,

adiantados e sonantes, os 5000 réis! (Acho que era mais, dessa vez, por causa do luxo da gala!)

Nessa altura, o chapéu já nem sequer existia!

E o número de gala desandou inédito para os caixotins da tipografia, de onde não tornou a sair a Porta Férrea!

Aqui tem, meu amigo, a lacrimosa história dessa folha! Ah!, que se o seu dicionário pudesse conter, em relação a cada jornal, a história íntima da sua vida – que epopeia, meu caro, e que tragédia!

Adeus, e um abraço.

*

Bem! Mas tudo isto são prolegómenos! Caso é que a trupe do Lusitano entrou também na história do nível, porque enfim a história do nível afectava, na sua origem, os *polainudos*! Estes versos o dizem – versos que, por saírem anónimos, nem por isso deixam de ser do Rodrigues Braga, a quem lá em ‘Coimbra chamávamos o *Braguinha*, e que é actualmente médico da Armada. Estão muito bons e confirmam, demais a mais, o que eu disse a respeito da distância a que os *polainudos* colocavam do resto da Academia – mesmo quando tangiam a lira⁴²... Vão ouvir:

⁴² Tirando António Feijó, que esse era poeta a valer, e um grande boémio dentro de um dândi des afectado, a trupe do Lusitano não fez epigramas – acho que por não ter espírito!

Mas de António Feijó são por exemplo estes dois, feitos a um condiscípulo dele muito sebestão:

Disse o Carneiro Gerales:

PALA VRAS DO PROFETA JEREMIAS

A PROPÓSITO DA «NIVELEIDA»

Ao curso do 5.º ano jurídico de 85 a 86

*– Entornem-lhe trinta baldes,
Que nem assim ficaria
Livre dessa porcaria!*

O epigrama é de *força dupla*, porque o Carneiro Geraldês era outro que tal... O segundo:

*O Santos da musa rara,
Do estro potente e rico,
Lavou há dias a cara
– Que frescura!... num penico!*

E a umas damas muito feias, que um dia apareceram na «tribuna dos visitantes», a ver uma aula, também o Feijó fez este epigrama:

*Ao ver aquelas caraças
Como as leiras dum cartaz,
Grito e faço-lhes negaças:
– vade retro, Satanás!*

E ao Guimarães Pedrosa, lente de Comercial, a quem chamávamos o *Petiz* por ser muito pequeno, mas que era um aumentador de primeira ordem, e fino como um coral, ainda o Feijó fez esta quadra:

*Traz mais ideias frementes
Na cabeça pequenina,
Do que todas as sementes
Duma abóbora-menina!*

O. D. C.

O editor.

*Divisiones aquarum
deduxit oculus
 meus, in contritione filiae
populi mei.*

JER .– Cap. III, v. 47.

*Ingrata Academia! A dor que me consome,
Ao ver-te fazer troça a quem te quer salvar
Chamando-te ao banquete heróico do Renome,
 Até me faz chorar!*

*Lembras-me o proceder de víbora mesquinha,
Que o peito amigo morde, e a desalmada gata
Que fere a mão de quem lhe oferece uma sardinha,
 Academia ingrata!*

*Tu jazias há muito envolta na tristeza
Dum chato abatimento enorme e singular,
Perderas o teu brio, a honra, a gentileza...
 Tu ias soçobrar!*

*Passaram por aqui nas tuas férias grandes
Heróis de alto valor, e tu, disseminada
Membro a membro, do pólo às regiões dos Andes,
 Não lhes fizeste nada!*

*Morreu depois um rei, um rei que nos amava,
E cuja ilustração deu glória a Portugal;
E tu, em vez de rir, quando o País chorava,
 Tu foste ao funeral!*

*Um dia um filho teu, um bom rapaz alegre,
Ferido pela dor duma soez traição,
Queixou-se-te de face, e tu, cheia de febre,
Achaste-lhe razão!*

*Na estroinice fatal da tua incontinência,
Tu fumavas charuto e usavas guarda-chuvas...
E para acentuar a tua decadência
Até compraste luvas!*

*Tu ias para a Baixa, em tardes de feriado,
Passear e folgar num burburinho insano:
Paravas no Abílio, e tinhas mesmo ousado
Entrar no Lusitano!*

*Enfim a tua vida era um conjunto horrível
De baixeiras iguais às que eu acima canto:
Tinha baixado imenso o teu gabado nível...
Causavas-nos espanto!*

*Foi então que surgiu dentre o teu seio impuro
Para extinguir teu mal e vícios contumazes,
– Como a flor desabrocha em cima dum monturo,
Um grupo de rapazes...*

*Talentos sem rival, e caracteres cultos,
No desvelado amor dos anjos tutelares,
Eles vinham trazer-te uns ideais e ocultos
Meios de te salvares!*

*Cheios de sensatez e genial conceito
Insuflando-te vida, enérgicos e altivos,*

*Haviam de propor-te exéquias como preito
Aos heróis inda vivos!*

*Haviam de brunir-te a grosseria rude,
Dar-te mais distinção, mais ar e mais nobreza.
Para que, morto um rei, lhe fosses no ataúde
Cantar a Marselhesa!*

*Podiam-te sem custo enfim até mostrar
Como é doce e gentil, gracioso e sem perigo,
Comprometer a gente, a sorrir e a brincar,
Um condiscípulo amigo!*

*Haviam de chamar-te à comunhão gloriosa
De tudo quanto é grande e prodigioso e incrível!
Haviam de elevar à fama portentosa
Teu rebaixado nível...*

*E tu, Academia, em vez de lhes cair
De agradecida, aos pés... fizeste uma das tuas:
– Saltaste à gargalhada e foste-lhes pedir
O nível pelas ruas!*

*Ingrata Academia! A dor que me consome,
Ao ver-te fazer troça a quem te quer salvar
Chamando-te ao banquete heróico do Renome
– Até me faz chorar!*

A CAMPANHA DO ZÉ PEREIRA

No tempo em que eu andava em Coimbra, andava lá também a estudar Matemática, matriculado na universidade, um alferes de cavalaria chamado Mouzinho. Joaquim Mouzinho é como nós lhe chamávamos; e esse Joaquim Mouzinho, que tinha umas pernas muito finas, um corpo um tanto cambado e o bigode, de um lado, parece que mordido dos ratos, e ia sempre às aulas fardado de alferes, foi depois, sem tirar nem pôr, o major Mouzinho de Albuquerque!

Prendeu ele o Gungunhana e fez as proezas que todos sabem; mas o que poucos sabem e eu vou contar, e nunca ninguém contou em letra redonda, é uma proeza dele feita em Coimbra, quando estudante, e que mostra já quem ali estava e as febras de que ele era feito!

O caso prende-se com a *campanha do Zé Pereira* – e a campanha do Zé-Pereira é um dos mais ruidosos chinfrins da Academia de Coimbra do meu tempo, que, aliás, vamos lá, se fartou de fazer chinfrins!

Foi o caso que uma funâmbula qualquer, de uma companhia de ginástica ou de cavalinhos (já me não lembro), conseguiu dar a volta ao miolo do então governador civil de Coimbra – um advogado do Norte, chamado José Pereira, que ninguém sabe, ainda hoje, a não ser, talvez o Sr. Pereira Dias, e porventura o Sr. José Luciano, por que bulas foi mandado para Coimbra, no cargo de governador civil! Andava o magistrado doidinho pela rapariga, que tinha, com efeito, um palminho de cara muito bonito; e vê-la no arame a fazer equilíbrios, no velho Teatro D. Luís, era para ele, de Resende, a coisa melhor de todo este mundo – incluindo o Código Administrativo! Iasse, pois, todas as noites, o José Pereira, para a frisa da autoridade, mesmo à boca do palco – e de binóculo assestado

na rapariga, e lúzio aceso atrás do binóculo, não lhe perdia um só movimento, e no fim desfazia-se em palmas! Andava de todo!

Ora quis o Demónio que uma noite, no camarote onde eu estava – e que por tal sinal era de 3ª ordem, mesmo na frente –, ficasse também o célebre *Pássaro*, que morreu, coitado, delegado em Chaves. O *Pássaro* era o pândego mais extraordinário que por esse tempo havia em Coimbra, e onde ele estivesse estava a risota! E como nunca perdia ocasião de largar piadas, e tinha-as sempre de primeira ordem, dessa vez, quando a funâmbula estava no melhor de seu equilíbrio, e o Zé Pereira, na frisa, nem respirava, o *Pássaro* debruça-se no camarote e, com um cigarro nas pontas dos dedos, volta-se para o Nabais Caldeira ⁴³, que estava na plateia, e declama:

⁴³ Este Nabais Caldeira, do Sabugal, não chegou a matricular-se na Universidade.

Era o que se chama em Coimbra um *caloiro crónico*, mas, como se dava muito com os rapazes da Universidade, ele mesmo agregou-se à comissão da Academia que foi a Madrid no centenário de Calderón, e que era formada por estes três: João Arroio, Eduardo de Abreu e Domingos Ramos, e fez-se lá passar por estudante de Filosofia; e quando os colegas, *filósofos* madrilenos, andavam pelos museus a mostrar-lhes coisas, o Nabais só dizia isto:

– *Bueno! Pero nosotros, en Coimbra, tenemos mejor!*

Dessa ida a Madrid nasceu o desastre da Federação Académico-Peninsular, fundada lá por João Arroio e desfeita em Coimbra pelos rapazes, em duas assembleias gerais tempestuosas! Eleita uma comissão para estudar o assunto e dar «parecer», o parecer foi contrário à Federação e aprovado por unanimidade; o Arroio absteve-se de votar e os outros da comissão (incluindo o Eduardo de Abreu!) nem lá apareceram, tão turvos viram os ares!

A comissão era composta dos seguintes: José Maria de Sousa Andrade (presidente), Leopoldo Mourão (que foi o relator), Carlos Lobo de Ávila, José de Ornelas Cisneiros, António Pinto de Mesquita e Sérgio de Castro,

Na *Porta Férrea*, de que eu era um dos redactores, vem o parecer, a notícia das assembleias gerais e artigos meus, furibundos, contra a

Ó Terra! Ó Céus! Ó numes!

.....
Ó Nabais – dá cá os lumes!

Foi uma risota no teatro, que estava atacado de estudantes, e a *diva* não se desequilibrou – mas um minuto não era passado, eis que sentimos à porta do nosso camarote – truz-truz-truz! – bater três pancadinhas

Levanto-me e abro... Quem pensam que era? Era o governador civil, em pessoa, que vinha dar voz de preso ao bom do *Pássaro*!

Eu não fiz mais nada: debruço-me no camarote e grito para baixo:

– Está preso o *Pássaro*!

Foi como se atirasse com um morrão aceso para cima de cem barricadas de pólvora! Mal o Diabo esfrega um olho, a Academia apresenta-se toda no corredor de cima; e enquanto o Zé Pereira servia de péla, jogado pelos rapazes furiosamente, o *Pássaro* escapulia-se não sei por onde – e era uma vez um *Pássaro*!

Mas nisto, o Zé Pereira pôde filar um estudante, que era por sinal um caloiro mulato, e clamou com voz de vingado:

– Este já me não escapa!

E atirando com ele ao comissário da polícia, que o baldeou a uma chusma de guardas, conseguiu, alfim, muito amolgado, livrar-se do tufão dos rapazes, e sumiu-se também, protegido pelos polícias, não sei por onde!

Correm os rapazes para o meio da rua, desesperados com a prisão do caloiro; mas, vendo que não era possível arrancá-lo aos guardas, porque a polícia de Coimbra acudia toda, e o Zé

Federação! Sejam por alma de João Pinto Ribeiro e dos outros heróis de 1640!

Pereira mandara ao quartel pôr de prevenção o regimento, planeou-se desfeitear o homem à saída – e viu-se então o grande Zé Pereira, rodeado do seu estado-maior, atravessar todo o largo do teatro, e toda a Rua do Correio, que lhe fica ao pé, entre duas alas de estudantes... – todos de costas voltadas!

Ainda lhe saiu à frente o Eduardo de Abreu, que era terrível para fazer discursos, e que assim disse ao feroz magistrado:

– O melhor, Sr. Governador Civil, é fechar o conflito sem violências! A Academia deseja que V. Ex^a ponha em liberdade o estudante que mandou prender; e eu lembro a V. Ex^a que o melhor é aceder, em vez de recorrer à força. O bispo de Viseu, quando ministro do Reino, consultado uma vez por um governador civil sobre o que tinha a fazer num conflito com a Academia, respondeu-lhe que mandasse sair para a rua as bombas de incêndio e esguichasse sobre os rapazes. Portanto, Sr. Governador Civil, acomode-se também V. Ex^a e entregue o preso à Academia.

Mas isso entregava ele! E a funâmbula, que estava lá com os olhos no seu *herói*? E os boléus no corredor do teatro, onde o Zé Pereira tinha feito de péla?!... «– Não entregava!» – E chegando ao Governo Civil, seguido da turbamulta da Academia, agora já exaltada, deu ordem para se meter o mulato no calabouço – e dispersar à força, sendo preciso, a Academia!

Mas não foi preciso! Trocados os sapatos do estilo, até meter os policias no Governo Civil, mediante dois discursos inflamados, já me não lembro de quem, os rapazes assentaram numa assembleia geral para o dia seguinte, no Teatro Académico – e foram-se deitar.

Ia ser bonito!

No dia seguinte, está claro, a assembleia foi imponente, com todo o gás aceso no velho teatro e discursos ainda mais acesos!

– «Mas era preciso esgotar a paciência», diziam os mais cordatos, «recorrer primeiro aos meios suasórios! Lá iríamos, depois, sendo preciso, aos meios violentos!»

– Apoiado! Aos meios violentos!

– Apoiadíssimo!

E saiu daquilo tudo, provisoriamente, uma grande comissão de todas as Faculdades, que foi, solene, reclamar do governador civil a entrega do preso, em nome de toda a Academia – com a cláusula (disseram-lho bem alto!) de que esta se conservaria em «sessão permanente» e não dispersaria sem ser atendida!

...Por sinal, vá de episódio, que enquanto a comissão por lá andava, e toda a Academia, no teatro, se conservava no maior silêncio (e silêncio dos momentos solenes!), o Dinis Moreira da Mota, de barriga para baixo num camarote, começou, ninguém sabia de onde, a assobiar o *Hino Académico*...

Foi um alarido:

– Fora! Fora!

– Isso é algum traidor!

– Fora! Fora!

Mas, mal o alarido sossegava, eis que do seu esconderijo o Dinis começava outra vez a assobiar o hino – e logo a Academia noutro alarido:

– Fora! Fora!

– Quem é o bruto?!

– Fora! Fora!

...Até que regressou a comissão uma hora depois, portadora deste recado: «que o Sr. José Pereira não cedia o preso e que o ia remeter, sem demora, ao poder judicial!»

Ardeu Tróia! A Academia inteira pediu a palavra ao mesmo tempo; e, durante umas poucas de horas, vulcões de eloquência ameaçaram fazer ir pelos ares o casarão onde era o

teatro! Nomearam-se mais comissões, não sei para quê; e, aprazada nova assembleia geral para as oito da noite, toda a rapaziada dispersou – ululando!

Em casa, Zé Pereira já nem à janela se atrevia a assomar: e quando passado um mês teve de se demitir, de caminho para o comboio foi sempre com os olhos fechados, para não ver pintada em todas as paredes de Coimbra, com *tinta* que nem me atrevo a dizer, a sua feia caricatura! Isto depois de não o terem deixado dormir durante esse mês, porque a arruaça de todo o feitio era tamanha, nas imediações do Governo Civil, onde ele morava, que era impossível pregar olho:

– Ó Zé Pereira! – Pum!

– Ó Zé Pereira! – Pum! Pum!

E só bombos, dos chamados *zés-pereiras*, arrombaram-se mais de trezentos; e versalhada foi às catadupas, impressa e litografada!

Só esta amostra, dum jornal chamado *Zé-P'reira*:

REQUIESCAT IN PACE!

24 de Março de 1881

*Hoje que vais partir, adeus, meu caro Zé!
Vais-te abraçar de novo ao sujo tira-pé,
Para não mais o deixar. A tumba é só que tira
O que o berço nos dá. Por isso a nossa lira
Vem de novo cantar tua estupidez.
Agarra-te à sovela, ao cabedal, ao pez,
E deixa para sempre a vara do poder,
Porque eu sei muito bem que tens para comer
Muitas rasas de milho, e muito feixe d'erva!
Deixa-me esse Zé For..., essa magna caterva:*

*O triste Ferrabrás, o Matos de Pompeia,
Libertador Ferraz, a estúpida colmeia
De polícias civis de cascos encravados!
E como penitência aos teus negros pecados
Não mais contemplarás a Iria, a Laura, a Elisa,
Nesses mistérios vis da fralda de camisa!*

*Nunca mais, nunca mais, à meu ilustre Pinto,
Beberás na Camela⁴⁴ uma taça do tinto,
Que te fez praticar tantas asneiras, bruto!
E agora vais partir, e vais a pé enxuto,
Com a mala na mão, qual Pedro dos Brasis,
Esvazar em Resende o ventre dos barris!
Nunca mais, nunca mais eu te verei, à bela,
O cravo sem aroma, à tulipa singela,
Que vais enfim descer à solitária tumba,
Aos ecos sepulcrais do atroador zabumba!*

*Este verso saiu um pouco omatopaico!
(Post scriptum: o nó cheirava um pouco a aipo,
E resolvemos pois tirá-lo àquele verso.
Para apertar com ele o pescoço ao perverso!)*

*O que irás tu fazer nas vastas solidões,
Nas vastas solidões da tua terra fria,
Sem o Matos amigo, e sem os corações
Do famoso Zé For..., da tua bela Iria?!*

*O que irás tu fazer nos plainos de Resende,
Ao pé do girassol e junto aos grandes plátanos,*

⁴⁴ A Tia Maria Camela, que tinha uma tasquinha muito suja na Rua Larga, esquina da Rua do Borrvalho, mas onde comeram peixe frito, dizia ela e era verdade, todos os *grandes homens* deste país! Nosso Senhor a tenha em descanso!

*No momento febril em que o luar ascende
E rasga o coração alucinado, e mata-nos?!*

*O que irás tu fazer, Magriço de dez palmos,
O quixotesco herói, sem lança e sem escudo,
Sem o teu Sancho Pança – o Matos cabeludo,
Qual profeta menor a declamar os salmos?!*

*O que irás tu fazer, ó pífilo herói das Lídias?!
O que irás tu fazer, sem tropas, sem polícias,
Cheio de maldições, e cheio de sevícias,
A tasquinhar presunto e a esmordaçar orquídeas?!*

*Hão-de chorar por ti as filhas do Mondego,
Que nunca mais irão à Fonte dos Amores!
Hão-de chorar por ti, à triste herói manchego
Dum livro que escreveu o sábio Pisa-Flores!⁴⁵*

*Hão-de chorar por ti as rubicundas Lauras
E a turba feminina das sopeiras da Baixa!
Levas a coma hirsuta ao ciclar das auras
E uma saudade atroz que o coração te escacha!*

*Há-de chorar por ti o Cana Real das Canas,
Que foi quem te mandou para esta terra vir!
Mas como hoje te falta o colo das sultanas,
Se agora te matar, ninguém te há-de acudir!
Note bem – Como parte o magno herói da Asneira*

Reze o leitor por alma a este jornal

⁴⁵ Era um alferes de cavalaria muito pequenino, que andava em Matemática na Universidade. Foi meu *rival* no namoro com uma tricana. Marte não levou a melhor...

ZÉ-PEREIRA

Bem! Mas reuniu-se à noite nova assembleia, e foi ainda mais tumultuosa do que a da tarde! «Que se havia de fazer?! – Que se havia de fazer?! – Era preciso arrancar o caloiro das garras do governador civil, fosse como fosse!»; e, mais aceso das fúrias oratórias, eis que um estudante pede a palavra para assunto urgente, e declara «que todo o edifício do Clube Académico estava cercado por força armada! Todo o regimento de infantaria; e mesmo defronte da porta, de espadas desembainhadas, o regimento todo de cavalaria»! Diabo, que tal disseste! Foi preciso os mais valentões tomarem imediatamente as saídas todas do teatro, para não deixarem precipitar os rapazes; ao mesmo tempo que o Passos e Sousa, um quintanista de Medicina, de grandes suíças e valente como Sansão, acudia à porta da rua, e, impelindo as portadas com toda a fúria, pregava com elas na cara, em sinal de desprezo, ao regimento postado em frente! Ouviu-se um toque de Cometas, e no teatro, por um instante, ficou tudo gelado! Que iria sair dali?!... Evacuar o teatro à força, nem à voz do Diabo! Todos os estudantes, pela voz do presidente da assembleia, iam jurar, levantando as mãos, que dali não sairia com vida nem um só!

Quando pede a palavra o Tito Vespasiano Castelo-Branco, agora delegado em Lisboa, e diz assim:

– Sr. Presidente: visto que o conflito assumiu um carácter militar com a intervenção da força armada, proponho que todos os estudantes militares que se acham presentes sejam desobrigados de acompanhar a Academia no resto da manifestação, uma vez que em matéria de disciplina são rigorosas as leis militares.

Ouve-se uma voz muito tranquila:

– Peço a palavra!

Era Mouzinho de Albuquerque que pedia a palavra.

– Tem a palavra o Sr. Mouzinho de Albuquerque!

Discurso de Mouzinho, fardado, de pé no meio da plateia, e sereno e muito pausado:

– Sr. Presidente: não há dúvida que as leis militares são muito rigorosas em matéria de disciplina; mas não há dúvida, também, que as leis militares dizem que, onde está um superior, esse cobre com a sua responsabilidade a responsabilidade dos inferiores. Eu sou nesta casa, Sr. Presidente, o estudante militar mais graduado. Pois bem... (*e perfila-se como quem vai comandar, voltando-se e dominando toda a plateia*)... usando da superioridade da minha patente, eu não só não aconselho os estudantes que estão presentes a que saiam, mas (*como quem lhes larga a voz de «Sentido!»*) proíbo-lhes que saiam!⁴⁶

*

Ora mas nessa *campanha do Zé Pereira* houve um incidente *secreto* – e que por ser secreto eu não queria contar! Mas visto que os *interessados* não se opõem, vamos lá desvendar o incidente, que não é só por ser secreto que é interessante!

⁴⁶ A força armada retirou às quatro horas da manhã, e a essa hora a Academia dispersou também, quando já se não via na rua um único soldado! O governador civil foi demitido um mês depois. Isto passou-se em Fevereiro e Março de 1881, andava Mouzinho de Albuquerque no 2.º ano da Faculdade de Matemática, sendo o nº 18 dos voluntários; o nº 52 na aula de Química Inorgânica do IY ano da Faculdade de Filosofia; o nº 13 na aula de Desenho, curso matemático, 3.º ano; e o nº 17 na aula de Economia Política, no 2.º ano da Faculdade de Direito. O preso foi remetido, com efeito, ao poder judicial, e afiançado pelo então juiz de Direito de Coimbra, Sr. Dr. Francisco de Castro Matoso Pereira Corte-Real, actualmente juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

A campanha do Zé Pereira deu lugar à criação duma associação secreta que tinha por fim *empalmar* o governador civil; e caso é que, se ele não tem sido demitido tão depressa, a empalmação dava-se com certeza, o Zé Pereira aparecia uma bela manhã nos campos do Bolão, na estrada da Figueira para Coimbra; e quando a diligência por ali passasse, manhãzinha, encontraria preso de pés e mãos, e amordaçado, o fero magistrado – pois tal era o plano do Grupo dos 13!

Essa associação secreta chamava-se, efectivamente, o Grupo dos 13 e era feita à imagem e semelhança da sua veneranda avó, a Sociedade do Raio, de que foi pontífice-máximo Antero de Quental. Tinha o Grupo dos 13 uns estatutos, que se compunham de treze artigos; e explicava-se, num prólogo, que a insistência no algarismo 13 tinha por fim quebrar o enguiço deste número – mais do que arvorá-lo em papão!...

...Mas quem eram os 13?

Isso fica para logo.

Os 13, nas reuniões nocturnas que celebravam, vinham embrulhados em lençóis, arrastava cada um seu espadalhão e usavam máscara! Reuniam-se, está claro, em sítios esconsos e incertos, porque era isso dos estatutos – e lembro-me que a primeira reunião que celebraram teve lugar na *sala dos adereços*, ao lado do palco do Teatro Académico, para adiar umas eleições da Filantrópica, não fossem elas dividir os do grupo à conta da *política* – e a segunda... na torre da Sé!

Na torre da Sé!

Daí por diante, o ponto usual da reunião passou a ser num celeirão enorme, adega abandonada ou que quer que fosse, que havia num convento de São Tomás, cá baixo à Sofia, onde é agora o palácio do Aires de Campos, e que dava para a azinhaga do Senhor do Amado, ao pé do Circo. O celeirão fora alugado, a titulo de servir para depósito de vinhos, a um Sr.

Vale, representante em Coimbra de um dos infinitos Pinto Bastos a quem pertencia toda a ínsua e, por ali à roda, tudo aquilo.

Aí se reunia, pois, a associação, que, por fim, além dos 13, contava mais 69; mas estes 69, que haviam sido recrutados indirectamente, por intermédio de algum estudante da maior confiança de cada um dos 13, não conheciam nenhum destes, e apareciam nas sessões, que foram muitas e assanhadas, de cara descoberta.

Do nome dos 69 já me não lembro – mas os 13, esses, eram os seguintes, um por um:

Eduardo de Abreu, Sérgio de Castro, António Centeno, Carlos Lobo de Ávila, João Arroio, Jacinto Cândido, José Maria de Andrade, que está agora juiz no ultramar, António Feijó, Alexandre Cabral, que foi o governador civil de Braga, Roque de Seixas, actualmente barão de Seixas, Duarte Silva, muito ágil, advogado agora na Figueira – e então os dois valentões máximos da Academia: Passos e Sousa e Silvestre Saraiva, o celeberrimo *Saraiva das Forças*, chamado também o *Saraiva Canudo*.

Estes deviam *empalmar* o Zé Pereira, atraindo-o por intermédio de um polícia, que iria chamá-lo ao Clube dos Lentes, à Sé Velha, para um negócio urgente no Governo Civil, entre a meia-noite e a uma hora. Na Rua das Covas estaria um carro, com o Duarte Silva a fazer de cocheiro, e seria uma vez um Zé Pereira! Nas garras do Passos e Sousa e do Saraiva, nem tugia! Dali aos campos do Bolão iriam num rufo, e aí deporiam o magistrado perto do caminho até que desse com ele a diligência, quando de manhã viesse da Figueira! Manietado e amordaçado, como um perro! Livrou-o disso a demissão, que, se se demora mais dois dias, já não vinha a tempo!

Mas o Grupo dos 13, ainda assim, pregou-lhe, no Carnaval, a partida de uma alegoria! Todos treze em cima de

um carro de gala, e vestidos segundo o *ritual*, era de ver como zurziam num *zé-pereira* por ambos os lados, enquanto dois ou três, para *virtualizarem* a alegoria, distribuíam pelas senhoras ramos de violetas – e num cartãozinho, em cada ramo, este madrigal de Sérgio de Castro:

*Vimos dos jardins de Flora,
E pusemos na lapela
Esta singela lembrança...
Em paga, minha senhora,
Em prémio, enfeite com ela
A formosa e negra trança.*

No carro, lembro-me bem, uma bandeira desfraldada mostrava a seguinte legenda: *Honni soit qui mal y pense!*

A legenda da Jarreteira!

Acudiu-me agora quem era o caloiro mulato, origem de toda a campanha: era um rapazote dos seus dezassete ou dezoito anos, filho do barão de Agua-Izé; e acudiu-me também uma piada do Eduardo de Abreu, que era pena que ficasse inédita...

Foi quando a Academia mandou ao Zé Pereira o seu *ultimatum*. A Academia resolvera ir toda levar-lho – e foi, em peso! E ainda se me põem os cabelos em pé ao lembrar-me daquela marcha silenciosa de mais de dois mil rapazes, em procura do Zé Pereira, de noite, primeiro ao Clube dos Lentes, depois acho que a casa do Alpoim, e por último ao Governo Civil, que era aliás onde estava – escondido e muito em segredo! Chuviscava...

Os rapazes pararam à porta, no maior e mais absoluto silêncio; e a comissão entrou, ficando na rua, literalmente cheia, toda a Academia, que só retirou para se recolher no teatro quando o Dr. Laranjo, lente de Direito e amigo e

correligionário do Zé Pereira, veio dizer, secundado pela comissão, que o Sr. Governador-Civil não podia receber esta e se considerava «coacto e sem liberdade» – enquanto a Academia se conservasse na rua!

Polícias, escusado será dizer... – nem meio!

Foi então que a Academia, no mesmo absoluto silêncio, se dirigiu para o Teatro Académico, onde esperou pela comissão, dando-se então o episódio do Dinis Moreira da Mota, que eu já contei.

Mas vamos lá agora à tal piada do Eduardo de Abreu.

O Eduardo de Abreu fazia parte da comissão que foi falar com o governador civil; mas como o governador civil só reconhecia, dos membros da comissão, o Sérgio de Castro, que na *Correspondência de Coimbra*, de que era redactor, lhe chegava bissemanalmente a roupa ao pêlo, a ele se dirigia quando falava...

Até que o Eduardo de Abreu, repontão, lhe disse que ele também era gente, e os outros, e por isso que falasse para todos. E perguntou ao pobre Zé Pereira:

– O senhor não me conhece?!

– Eu não, senhor, não tenho a honra... – responde muito cortês o governador civil.

– Pois sou o Eduardo de Abreu – *estudante de Medicina*.

E acrescentou:

– E muito desejo que V. Ex^a tenha de se utilizar de mim... *nessa qualidade!*

A SEBENTA

No tempo em que eu andava em Coimbra, ainda a boa e imortal sebenta reinava em todo o seu esplendor! Eu nem fazia sequer ideia, ao chegar a Coimbra, do que vinha a ser isso da sebenta; mas, industriado logo a tal respeito, vim a saber que era uma espécie de folhinha litografada, formato 8.º, que saía todos os dias compendiando a explicação do lente; que se chamava *sebenteiro*: o que a redigia; que custava sete tostões por mês cada uma; que eram três em cada ano, visto as cadeiras em cada ano serem três; e, finalmente, que, enquanto o lente explicava a lição para o dia seguinte, só o sebenteiro ouvia o lente, e que os mais, todos, e eu portanto, podiam muito bem ler o seu romance, fazer o seu bilhete e passá-lo, ou comentar os que vinham dos outros – ou então, se o preferíssemos, dormir ou fazer versos!

Não havia nada melhor! Além disso, algumas metiam também as suas piadas; outras davam caricaturas – e sebenteiro havia que amenizava por tal forma aquela estopada, que até dava versos para o fado no fim da sebenta, e convocava os condiscípulos, em anúncios, para trupes aos caloiros, ou outras pândegas!⁴⁷

⁴⁷ *Caloiro*, propriamente, é o estudante de preparatórios; mas também se dá este nome ao *novato*, isto é, ao estudante do 1.º ano de qualquer Faculdade. Os novatos cortam o cabelo e fazem troça dos caloiros; e os do 2.º ano (estes principalmente) fazem o mesmo aos novatos e também aos caloiros. O *novato repetente* não é troçado nem troça.

A brincadeira das trupes é muito estúpida, e eu em poucas entrei. A mim cortou-me uma o cabelo à Porta de Minerva, uma vez em que eu ia para casa ao anoitecer e não lesava lunetas porque se me tinham partido esse dia no Seminário, numa refrega com os *formigões* (seminaristas) – e por isso só a vi quando lhe estava nas unhas e o tesourão em cima da minha cabeça e à roda de mim a malta silenciosa dos embuçados, todos de moca para se eu resistisse...

As sebentas tinham em geral oito páginas, e cada um ia pelas suas ao cair da noite, e eram duas por noite; mas, se o lente se tinha alargado na prelecção, ou o sebenteiro era maçador, às tais oito páginas acresciam outras – e a esse suplemento, que era sempre amaldiçoado, chamava-se o *resto*!

Ora mas no meu tempo ainda a sebenta era acatada, e ninguém se lembrava por lá de lhe fazer troça! E como ela, coitada, tinha sido a mamadeira dos *ursos*, e até de muitos o ganha-pão, os ursos, quando se viam lentes, não só a toleravam, mas... inspiravam-na! Havia tal que, não confiando no sebenteiro, até lhe dava os apontamentos para a fazer; outros escreviam-na *ipsis verbis* e o sebenteiro tinha só o trabalho de a copiar; e outros havia, e até dos mais *carrasquinhos*, que recebiam à entrada da aula um exemplar, que o sebenteiro lhes entregava em mão! O Chaves, por exemplo!

Está pois a ver-se que a sebenta era uma instituição universitária; mas ainda assim, coisa curiosa, cheirava sempre a

Não resisti; mas como quer que conhecesse por acaso o que me cortou o cabelo, toga que me deram o empurrão para me ir embora, apanho-me a distância e digo-lhes assim, debaixo de um chuveiro de mocas:

– Raça de pulhas! Quartanistas que fazem trupes em vez de *proteger*! Pois rogo a praga ao que me *esmonou*: que fique reprovado no fim do ano!

...E ficou reprovado – fenómeno de que já não havia memória na Universidade! Daí por diante nunca mais roguei praga nenhuma, com medo que pegasse como pegou aquela! Esse quartanista tinha um irmão caloiro; e esse irmão caloiro foi esmonado por mim de cara descoberta, de dia e à porta do liceu, no dia seguinte!

Depois de nos cortarem o cabelo, a gente ainda tinha de ir ao barbeiro essa noite, protegido por algum quartanista ou quintanista, para se livrar das palmatoadas (castigo das trupes aos já esmonados) e ainda dava seis vintéis ao barbeiro para *acabar a operação*! E até o Figaro se ria de nós, e a troça à *cabeça pelada* durava na Universidade uns poucos de dias – e um tente do 1.º ano, o Bernardo de Albuquerque, marcava os esmonados na caderneta e reprovava-os no fim do ano! Comigo não falhou a regra.

contrabando; e tudo quanto de mais difícil podia desafiar na aula a habilidade de um cábula, se era chamado à lição, cifrava-se em *manejar a sebenta* com habilidade, de modo que o lente a não visse... Ele bem sabia que estava lá; mas, enfim, era preciso esconder essa impostura com outra impostura – e isso em um trabalhinho de prestidigitação, em que, se alguns eram eminentes, outros, coitados, eram uma lástima!

Bom estudante, em geral, era, pois, o que manejava a sebenta com habilidade – e alguns havia de tal modo peritos que a sugavam sem lhe deixar gota, e o lente nem percebia... Olho na sebenta, olho no lente, *passando-a* através do livro, se era preciso voltar as folhas, parecia até que nem tinham sebenta; e os outros menos habilidosos, esses, ou a extractavam em pedacinhos de papel onde só figurava de *apontamentos*, ou então resumiam nas margens o texto das páginas e, deixando as margens fora de um livro, ou em geral de um folheto qualquer que se pudesse enrolar em forma de batuta, *cantavam a sebenta* como uns papagaios – e ia-se a ver não sabiam palavra!

...Por isso me dizia uma vez o Manuel do Marco da Feira, dono duma litografia, ao ouvir a «Cabra» tocar para as aulas no dia seguinte, que era o primeiro do ano lectivo:

– Bem! Começa-se a estudar amanhã a *madeira de se não estudar*!

E tinha razão! Porque a sebenta, que era já uma maneira de se não pegar em livro (porque a verdade, também, é que nem livros havia, Porque os lentes não os faziam, e era esta a razão da sebenta), a sebenta era também iludida, e muitos havia, *bons estudantes*, que à conta de a manejarem com habilidade, e de serem peritos naqueles *pescanços*, nem a assinavam – e pediam-na, se eram chamados, a algum vizinho! Aquele que foi uma vez chamado e estava *em branco*, e nem sequer tinha sebenta, pediu-a em ânsias ao condiscípulo do

lado – chamado Roma:

– Roma! Roma!

E como o Roma lhe passasse a sebenta, ele, para aproveitar os vocativos aflitos, que o lente ouvira, prosseguiu:

– ...três vezes Roma! A Roma dos Reis, a Roma da República, a Roma dos Césares! (E com este *cabeçalho* entrou na lição, que nem era sequer de Direito Romano!)

Mas a maioria, já disse, assinava a sebenta; e se o lente era já antigo na cadeira, como o Pedro Penedo em Direito Civil, o Bernardo em Direito Romano, o Calisto em Direito Natural (isto logo no 1.º ano), menino havia que se temperava com umas sebentas velhas – e alguns apareciam lá com a sebenta do pai! Como a ciência era sempre a mesma (porque é da natureza dos dogmas serem imutáveis e a sebenta era um dogma da Universidade, e livrasse-se alguém de a discutir!), uma colecção velha servia às mil maravilhas, e sebenteiro havia, finório, que fingia só tomar apontamentos, e depois, em casa, impingia como ciência nova uma sebenta velha – e nem o próprio lente, imutável também como se fora outro dogma, percebia a marosca!

Não me esqueça dizer que as sebentas eram sempre litografadas; e uma vez que o Barbosa de Magalhães, que foi um estudante muito notável e ficou sempre classificado, começou a fazê-las impressas, porque as litografias estavam já tomadas e ele precisava disso para viver, e fora para Coimbra sem outros meios, o lente proibiu-o à porta da aula de continuar: no dia seguinte descompô-lo desabridamente diante do curso; e tendo o Barbosa de Magalhães recorrido para o reitor, e este para o Conselho da Faculdade – o Conselho da Faculdade decidiu, por unanimidade, proibir a sebenta impressa! Eles lá sabiam...

O «centenário da sebenta», que os rapazes fizeram em Coimbra vai em três anos, ainda não tem a *poeira* do tempo –

ainda não é de *in illo tempore*; mas os da Comissão e a Academia em peso não se «pouparam a esforços» para fazer festa à altura deles – e só aquele banquete na Feira dos Estudantes, a revista naval no Mondego, e então o préstito, que levou umas poucas de horas a desfilar, só isto merecia um poema! Já agora, não me dispenso de meter aqui a descrição daquelas coisas feitas n’*O Século*, embora o que me fica na minha velha pasta de quintanista, que é onde eu guardo estas lembranças, dê ainda para outro volume, e outro, e muitos – tanto a respeito de sebenta, como doutras coisas, qual delas mais coimbrã!

Mas vamos lá a essa descrição, que, mesmo feita pelo telégrafo, mostra bem o que foi aquilo – que eu vi também porque estive lá!

CENTENÁRIO DA SEBENTA

Coimbra, 29. – Passaram além de toda a expectativa, finalmente espirituosas e decorrendo no meio de uma animação sem limites, de um entusiasmo doido, as festas comemorativas do centenário da sebenta, deliciosa *charge* aos cortejos e centenários dos últimos tempos.

Pelos telegramas daqui enviados, já o leitor pode calcular qual o brilhantismo das festas. Restará comunicar-lhes mais alguns pormenores e impressões do que aqui vimos. O banquete, a parada, a mudança do nome das ruas, a revista naval e o sarau são festas que não mais esquecem, tão deslumbrantes de cómico foram.

O BANQUETE

O Largo da Feira, pelo meio-dia, tinha um aspecto extraordinário, tal era a quantidade de gente que se aglomerava em torno das mesas de pinho, cobertas de sebatas, e onde se sentavam os estudantes mascarados, que representavam personagens oficiais.

Muitos vestiam estapafúrdias e vistosas fardas de oficiais de marinha, com muitos dourados e galões, chapéu armado e grande espada, condecorações de papel e peitilhos de ouro e prata.

Outros vestiam capa e batina com as cores das Faculdades, representando a comissão de honra, e ainda outros casaca e bandas, parodiando os vereadores da Câmara e representando o Município de Coselhas, pequena aldeia das proximidades de Coimbra.

Vieram dar grande animação à festa os académicos de Aveiro, vestidos à moda da sua terra e tangendo instrumentos de diverso feitio. A meio das mesas, os zês-pereiras e outras músicas faziam um barulho ensurdecedor, ao mesmo tempo que os vivas e as manifestações de alegria atroavam os ares.

Serviram-se postas de bacalhau cru e batatas em grande cesto vindimo, *dando a nota*, como por aqui dizem, a ornamentação das janelas de uma *república* do largo, cheias de cobertores, cadeiras de palha, regadores, botas e todos quantos trastes velhos os estudantes encontraram em casa.

A Rua da Trindade tinha ornamentação idêntica e, ao vê-la, ninguém podia deixar de rir, tal a profusão de coisas velhas e objectos extraordinários que se viam pendurados das

paredes.⁴⁸

O Manuel das Barbas e a Marrafa, que tomaram parte no *festim*, foram objecto de grandes manifestações de apreço, recebendo calorosas saudações e muitos brindes.

DEPOIS DO FESTIM

Depois do banquete, os estudantes foram, como já dissemos, inaugurar a estátua de Eloys Snefeld, o inventor da litografia, monumento deverás fantástico e cómico, que já descrevemos.

O busto era magnífico e erguia-se sobre um pedestal de lona e madeira, entre terra, pedras e hortaliças, numa disposição muito artística e engraçada.

Muita gente assistiu à cerimónia e, ao tirar-se a colcha vermelha, uma gargalhada homérica ressoou, acompanhada de uma estrondosa salva de palmas.

Dali, seguiram os estudantes para a Porta Férrea, onde os oficiais de marinha e os demais passaram formados, ao som de milhares de estalos-da-índia, que, atirados ao mesmo tempo, fizeram um barulho medonho, enchendo o recinto de fumo e

⁴⁸ Nesta Rua da Trindade morei eu também; e quando foi do centenário de Camões, o que eu pus na janela, para a enfeitar, foi um transparente, que a tapava toda, e no transparente (que de noite eu iluminava por dentro) estes versos, que são *d'Os Lusíadas*, na descrição da ilha dos Amores:

*Os formosos limões, ali cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando,*

CAMÕES – OS *LUSÍADAS*, c. IX, est. LVI

cheiro de pólvora.

Acompanhados dos bombos e gaitas-de-foles, os estudantes encaminharam-se para casa da Marrafa, à porta da qual foi pronunciado um veemente discurso.

O mesmo orador declarou que, de então para o futuro, a Rua da Trindade passava a denominar-se Ilha dos Amores; a Rua da Matemática, Rua da Marrafa e a das Cozinhas, Rua da Sebenta.

Ouviram-se vivas e palmas, enorme berraria, e o cortejo seguiu em visita às sebentarias, casas de penhores e tabernas mais célebres da cidade, onde se repetiram as manifestações de alegria.

Toda a tarde andaram os rapazes em descantes e danças pelas ruas, que uma multidão enorme de povo invadia, na ânsia de ver as festas.

O número de forasteiros é incalculável, dizendo-se que está ainda aqui mais gente do que por ocasião dos festejos da Rainha Santa.

A animação das ruas mais centrais é digna de nota, havendo entre os estudantes muita alegria. Os cafés abarrotam de académicos, e muitos trens andam em passeio.

A única nota discordante é a exploração infame dos hotéis e carruagens, cujos preços são mais do que exorbitantes.

A REVISTA NAVAL

Depois de um pequeno descanso, enquanto os rapazes jantavam, teve lugar a revista naval, festa sobre todas deslumbrante.

O rio estava lindo e a tarde primaveril. A

margem direita coalhada de gente, que enchia também a pitoresca ponte⁴⁹ que vai do Largo da Portagem ao outro lado do Mondego.

O cortejo dos trinta barcos armados de buxo e vistosamente embandeirados vinha esplêndido. A seu bordo, os *almirantes* dirigiam a manobra entusiasmados, precedidos do popular barqueiro Rato ⁵⁰, que, vestido de comandante da esquadra, tomava o papel a sério, fazendo marcialmente a continência e passando revista à sua frota com grande majestade.

O espectáculo durou até à noite, sempre com a mesma multidão de espectadores. Os barcos singravam no rio em diferentes direcções, impávidos e serenos, havendo sempre dentro deles muita música, muita alegria e muito entusiasmo.

⁴⁹ De *pitoresca* tem ela bem pouco! Pitoresca a valer era a antiga ponte de pedra, que ao centro abria num espaço circular, chamado por isso o Ò DA PONTE, que todas as tardes se enchia de estudantes. Era ali o primeiro *passo* dos caloiros, no caminho desse *calvário* de troça que era Coimbra! Lá se diz no *Sistema Métrico*:

*Quando a Coimbra chegares, não te espantes,
Se vires pela ponte passeando
A grande multidão dos Estudantes;
Por mais que para ti esteja olhando,
Não pares, nem te apresses: como dantes,
A besta em que vieres vai picando;
Porque nisto lhes dás a maior prova
De que não és na terra coisa nova.*

⁵⁰ No meu tempo, este Rato fazia muito bem *caldeiradas*! A gente alugava-lhe o barco, e ele lá ia connosco para a Lapa dos Poetas, e mesmo no barco arranjava as enguias ou então em algum desses recantos pitorescos – onde Castilho e os «seus amigos» «celebraram» a Festa da Primavera, toucados de flores como na Mitologia!

O tempora! O mores!

Em terra, dançava alegremente a *dança do rei David* um grupo de estudantes do Minho, vestidos como em Braga no S. João, tocando e cantando com muito carácter.

Até às nove horas, as Ruas do Visconde da Luz e da Sofia estiveram sempre apinhadas de gente, vendo-se muitos académicos nos cafés e casas próximas.

O *almirante* Rato, ao desembarcar, pronunciou um cómico discurso, dissolvendo-se a esquadra e cessando o ruído da música, dos foguetes e das peças de artilharia do couraçado *Marrafa*.

Então, os académicos entretiveram-se a conversar sobre o cortejo de amanhã, que promete ser delicioso e cheio de espírito, com carros alegóricos de muita graça, grupos de fina troça e muita galhofa e pilhéria.

O SARAU

O sarau começou às nove horas e o seu programa era o seguinte:

O espectáculo começou com o *Hino da Sebenta*, engraçada composição de Luís de Albuquerque, em que entravam muitos estudantes no palco e toda a plateia depois, entoando o *refrain* de uma conhecida canção popular.

O hino foi bisado e muito aplaudido, sendo o seu autor saudado com grande ovação e coberto de flores.

Em seguida, como na sala estivesse gente de mais, em virtude de terem entrado muitos

académicos sem bilhete, o commissário Lemos declarou que o espectáculo não podia continuar sem que a sala se evacuasse, entrando de novo só os que estivessem munidos de bilhetes.

Esta resolução do commissário provocou muitos protestos, tanto mais que o commissário, para satisfazer a sua ordem, fez entrar na plateia a força armada.

O capitão Lemos foi apupado, mas, por fim, toda a gente saiu, tornando a entrar apenas limitado número de espectadores.

No entanto, o barulho e a confusão foram medonhos, havendo muitos estudantes que se indignaram com o procedimento do commissário, e só o muito sangue-frio da comissão promotora dos festejos pôde contê-los.

O espectáculo só começou às onze horas da noite e promete acabar muito tarde. Está-se representando o *Auto da Sebenta*, composição em verso delicioso, em que entram D. Dinis e o poeta Rosalino.

Está a fechar o correio e são horas também de fechar esta correspondência. — *Esculápio*.

AINDA O ESPECTÁCULO DE ONTEM

Coimbra, 30. — T. — A segunda parte do espectáculo de ontem foi magnífica, sendo muito aplaudidas as canções populares cantadas pelo Orfeão da Sebenta, dirigido por Luís de Albuquerque, e os bailados compostos por D. Tomás de Noronha, onde vários rapazes, vestidos

de bailarinos, fizeram as delicias da assistência, em especial o estudante Barbosa, que fazia de Cupido ⁵¹. Também foi muito aplaudida a tuna, havendo repetição do *Hino da Sebenta*.

O espectáculo terminou às duas da manhã, sendo ainda muito comentado o escândalo que noticiei ontem.

OUTRAS NOTAS

Não houve hoje a anunciada sessão solene, presidida pelo Sr. Conde de Burnay, em virtude de ter adoecido o presidente da comissão.

As ruas estão apinhadas de povo, esperando que passe o cortejo.

Os académicos trabalharam na ornamentação dos carros toda a noite.

Passam já pelas ruas alguns carros em direcção à Porta Férrea, produzindo geral hilaridade.

Zabumbas percorrem as ruas tocando infernalmente.

As ruas acham-se ornamentadas, como ontem a Rua da Trindade.

Continua chegando muita gente de Lisboa e de outros pontos.

O cortejo deve ser o número melhor do programa. Os estudantes mascarados passam a reunir-se na Universidade. – *Esculápio*.

⁵¹ Este Cupido era do tamanho e do feitio de uma grande dorna! De malha cor-de-rosa – e com asinhas!...

O CORTEJO

Coimbra, 30. – T. – Vem passando no Largo da Portagem um imponente e espirituosíssimo cortejo, que saiu às duas horas do pátio da Universidade, onde foi organizado.

A multidão nas ruas é incalculável, vendo-se as janelas cheias de senhoras.

O cortejo tem tido enorme sucesso de gargalhada e é realmente digno de ser visto, merecendo parabéns Alexandre Albuquerque, seu organizador.

Quase todas as ruas estão enfeitadas da forma já descrita, sendo unânimes os aplausos e constante a galhofa.

Abrem o cortejo quatro estudantes vestidos de campinos, com enormes pampilhos, montando garranos arreados à alentejana.

Seguem três batedores e uma amazona, montados em burros, aqueles vestidos de fato cinzento e chapéu alto, empunhando lanças de folha com bandeiras.

Segue o regimento de «hússares» de Cernache dos Alhos, em número de trinta, montados em burros. Vestem fardas azuis, calças vermelhas e trazem barretinas e grandes espadas.

À frente, dois tocam cometa.

Segue a burra de Balaão, carregada de sebentas, montada por um estudante.

Depois, o carro da Marrafa, puxado por um cavalo, armado com verdura, tendo ao centro um portal e cortina enfeitados de rosas, e onde assoma o estudante Aguilar, vestido de tricana.

Segue o carro dos caloiros, puxado a bois, tendo no centro o monte Calvário, com seis andares, encimado por uma moca e uma tesoura.

À frente, uma coluna verde com um chifre e o dístico: «Assentem todos nisto»; tudo enfeitado com flores e verdura.

Atrás vai um grande grupo tocando música infernal em vários instrumentos.

Segue o «Carro das Dissertações», que é uma carroça cheia de papéis, sob os quais vai um estudante escrevendo. A frente, o Palito Métrico enforcado.⁵²

Segue-se o «Carro do Urso», armado de livros velhos. No meio, sentado numa cadeira de palha, encostado a uma pequena mesa, vai um estudante compulsando um grosso alfarrábio, tendo por toda a parte sebatas e ratas de cartão.

Segue-se o «Carro do ABC, AEIOU», carroça onde vão vários estudantes dizendo em coro aquelas letras, para arreliar o «Urso».

Sobre a verdura vai uma grande palmatória de Dâmocles.⁵³

⁵² O letreiro deste carro dizia: *Palito Métrico e In Illo Tempore*. A alusão ao *In Illo Tempore* provinha de serem já conhecidos alguns dos capítulos que formam hoje este livro, publicados em vários jornais: *Novidades*, *Correio da Noite*, etc.

⁵³ Também é só o que falta na Universidade: a palmatória! No resto, é todo o velho espírito da aula de instrução primária! O regime pedagógico do terror!

As aulas, dantes, ainda eram em anfiteatro, excepto a do 4.º ano de Direito, que, por o não ser, mas de bancos uns atrás dos outros, se chamava a *taberna*! Agora todas as aulas de Direito são *tabernas*, porque a linda disposição em anfiteatro desapareceu – decerto porque ia mal aos «brios catedráticos» ficar a cátedra, em algumas salas, quase ao nível do chão, apenas sobre um estrado! Agora não: os rapazes desceram, mas a cátedra

Segue o carrinho da Química Orgânica, puxado por um carneiro. Sobre uma grande mesa vão balanças, tubos de ensaio, frascos com reagentes, um fogareiro fingindo alambique, com uma serpentina engraçadíssima.

O carro é armado de verdura e de sebatas.

Seguem-se dois estudantes empunhando estandartes, onde se lê: «Dantes: *mens sana in corpore sano*; hoje: *mens nulla in corpore nullo*.»

Vão também académicos com um maçarico monstro e archote.

Segue-se um velho de barbas brancas, vestido de azul e branco, com coroa de lata, levando no estandarte: *Nosso papá Newton*.

Segue um estudante vestido de mouro, conduzindo um grande painel com o projecto do monumento à sebenta.

Atrás vai um carro de bois com a arca de Noé, indo este, vestido de azul e vermelho, entre cabeças de animais.

Segue o carro da Química Mineral, marchando à frente, vestidos de negro e com lanças, Demócrito e Leucipo. O carro é um altar de flores e verdura, sobre o qual há um fogareiro de barro e cadinho com um pedaço de chumbo, tendo um resplendor de lata, onde se lê: «Pedra filosofal.» Completam a ornamentação frascos e instrumentos

trepou, encaixando-se numa espécie de púlpito; e até ao lado dela, mas em baixo, puseram uma mesinha de quatro pés (o *burrinho!*), onde o estudante chamado vai dar lição!

No meu tempo, cada um dava lição do seu lugar, de pé; e a numeração dos lugares nas bancadas em anfiteatro começava de baixo para cima; e à última bancada, a mais alta, chamava-se o *galinheiro*, e ao último estudante... o *ferrador do curso!*

químicos. Ladeiam o carro estudantes vestidos de Enxofre, de Fósforo, de Mercúrio e de Potássio, com as cores desses corpos, levando o Fósforo um estudante com este dístico: «Refúgio de amores mal correspondidos»; e o Mercúrio: «Ninguém diga desta água não beberei»...

Seguem o Ouro e a Prata, vestidos de rei e de rainha, pegando à cauda a Magnésia, vestida de branco. Seguem, vestidos de cores destes metais, o Sódio, o Cobre, o Ferro. Vão depois montados em seis burros os doze de Inglaterra, armados à moda da Idade Média, com armas de lata e palha, lanças e espadas de pau, e funil em vez de elmo, cavalgando dois a dois. Muito engraçados.

A frente vai um estudante com tranças, vestido de Magriço. Seguem alguns rapazes vestidos à moda da Beira, com palhoças e capuchas, cantando e dançando ao som de guitarra as modas beiroas.

Segue uma padiola, com três bonecos de pau, representando personagens importantes e célebres das cortes de Lamego. Depois da padiola vai uma burra de madeira, alusão à burra do Tesouro, e o sanatório da serra da Estrela.

Alguns rapazes vão vestidos de mulheres da Beira.

Segue um carro de bois do Alentejo, armado com verdura, tendo ao centro uma enorme bolota, e com mantas alentejanas, indo nele dois rapazes vestidos à moda daquela província.

Segue-se o carro da comissão, com grandes caricaturas dos estudantes Polónio, Tomás de Noronha, Pad Zé, Barbosa e outros, originais de

Jorge e de Monterroso.

Vai depois o carro da Reforma do Liceu, imitando a torre da Universidade e tendo dentro uma cabra viva.

Segue uma estúrdia do Minho – grupo de rapazes vestidos à moda de Viana do Castelo, trajos masculinos e femininos, dançando e cantando ao som do harmónio, da guitarra braguesa, da flauta e do tambor, acompanhados por um fantoche gigante, o *Gigantone*, como se usa em algumas festas do Minho.

Segue-se a dança do rei David, de que ontem falei.

Depois, o carro do Manuel das Barbas, levando um grande retrato deste, pintado a óleo.

Segue um palanquim vermelho, conduzindo um negro representando o Gungunhana, com o letreiro «El-Rei Reinaldo primeiro».

Segue o carro do 1.º ano de Medicina, puxado por estudantes. Sobre o pedestal ergue-se uma grande árvore, cujos frutos são sebatas, tendo enrolada no tronco uma enorme cobra. A frente, vários dísticos, alusões só compreendidas dos estudantes, dizendo respeito à vida académica.

Segue-se o carro da Faculdade das Tretas, levando à frente o conhecido cocheiro Rolier e à retaguarda, sobre verdura, os estudantes Lopes Vieira, Albuquerque e Tomás de Noronha, representando a Poesia, a Música e a Coreografia.

Depois, o carro da Reivindicação Histológica e Anatómica Social, levando no centro um enorme microscópio, sem lentes, alusão ao facto de o reitor

pedir que não as trocassem.⁵⁴

Debaixo do microscópio vai uma grande rã e, à retaguarda, o cadáver de um porco dissecado, com uma coroa de saudades e o dístico «Quem quiser conhecer o seu corpo mate seu porco».

À frente vão pendões pedindo «oito horas de trabalho, que um homem não é de pau» e os restos do candeeiro de um novato de Medicina.

Seguem-se estudantes com muitos pendões e vários dísticos, como «Abaixo o álcool» e outros.

Um dos pendões tem pintado um grande coração embrulhado numa enorme tripa, como homenagem à Cidade Invicta.

Seguem-se quatro estudantes tocando instrumentos sebentados, em paródia à charamela da Universidade, restaurada por António Augusto Gonçalves.

Segue uma caleche transportando o Estudante Urso, tendo aos pés uma raposa e o letreiro «De pequenino é que se torce o pepino». O cocheiro e o trintanário levam magníficas librés.

Segue-se um enorme pendão, com um telegrama do papa em latim, com cordões de flores a que pegam estudantes.

Seguem seis enfermeiros, sustentando varas com uma enorme tiara, da qual pende, dentro dum frasco, um quisto metido em álcool.

Segue-se a padiola do 2.º ano de Medicina,

⁵⁴ Os reitores, sempre que falam com estudantes, deixam rasto na conversa! Ainda não há muito, foi uma comissão de estudantes pedir não sei o quê ao reitor, e este, para os tranquilizar, disse-lhes assim: «Descansem, eu sou o *pai de todos!*» Resposta de dois dos presentes:

– E eu o *fura-bolos!*

– E eu o *mata-piolhos!*

figurando uma torre com uma cobra viva, sebentas, mocas e lampiões.

Segue-se o carro do 3.º ano de Medicina, puxado por duas juntas de bois e sustentando um edifício arrombado, de colunas amarelas, paródia ao hospital, e o letreiro: «Já assim estava em 1834.» Debaixo do edifício vai um doente de cama tratado por vários enfermeiros.

Segue o carro do Prego, puxado a bois, levando ao centro uma coluna enorme, com um prego, do qual pende grande quantidade de roupa e calçado.

Segue-se uma caleche com os membros da comissão e um carro levando uma grande torre da Universidade e à frente o académico Pad Zé, deitado na cama a estudar a sebenta.

No carro da comissão vai o Querelas, querelando toda a gente.

Segue o almirante Rato, da esquadrilha do Mondego, ontem já descrita.

Fecha o préstito o regimento de artilharia líquida, levando carros com enormes seringas. Vestem fardamento estapafúrdio, levando à frente quatro tambores.

No meio do cortejo vão muitos zés-pereiras, fazendo grande barulho.

Durante o percurso o entusiasmo é extraordinário, erguendo-se vivas e sendo os estudantes vitoriados das janelas, onde tudo ri.

Dia lindo e festa muito animada.

A meio do percurso incorporou-se no préstito uma padiola levando uma boneca figurando a Santa Sebenta e, à frente, um enorme pendão com pinturas

alusivas ao Manuel das Barbas. Agora mesmo está o cortejo passando na Rua do Mercado em direcção à Alta. São quatro horas. – *Esculápio*.

AINDA O CORTEJO

Coimbra, 30. – T. – O cortejo seguiu para a cidade alta e dispersou às seis horas no Largo da Feira, depois de passar em continência à Porta Férrea, onde estava o estudante Elói, vestido de rei D. Dinis, que seguira no cortejo, no carro da Marrafa.

À passagem do cortejo defronte do Teatro do Príncipe Real estava no telhado uma orquestra infernal, composta de muitos estudantes tocando toda a qualidade de instrumentos.

Na fachada estava uma pintura representando um burro carregado de livros. Houve foguetes, palmas, enfim, muito entusiasmo.

Ao dispersar o cortejo no Largo da Feira, a artilharia formou e disparou, com seringas, descargas de água, orvalhando todos os presentes, acontecimento que despertou: geral hilaridade.

A ornamentação da Rua da Trindade era magnífica, vendo-se numa das casas os ossos da sebenta.

Foi muito aplaudida a *dança do rei David*.

Os estudantes de Aveiro também tomaram parte no cortejo.

Amanhã há feriado geral.

Hoje à noite há grande baile no Restaurante José Guilherme, onde dizem ser a Sociedade de

Geografia.

O Orfeão vai percorrer as ruas em serenata,
havendo fogueiras e outros festejos.

Reina muita alegria. – *Esculápio*.

*

Ora mas reatando o fio: só o *Waldeck*, que era o compêndio em latim do 1.º ano, na aula de Direito Romano, inspirou para cima de vinte milhões de sebatas litografadas – mas se forem a vem e a cotejá-las todas, elas eram, no meu tempo, copiadas das do tempo de el-rei D. Dinis, fundador da Universidade!

Agora isso acabou, ao que parece! O Bernardo jubilou-se; o Waldeck passou à lenda; e lá dizia no *Auto da Sebenta* o Lopes Vieira, pondo a falar o Rei Lavrador:

*O Waldeck morreu! Rebento de saudade!
Com musicais latins de vaga claridade
Era o compêndio ideal, o livro imprescindível,
O único capaz de alevantar o nível!
Eu cá, quando fundei a escola que frequentas,
Na minha mocidade, ao nascer das sebatas,
Disse para o reitor, um grande canonista
Que além de ser um sábio era um grande fadista:
– O Waideck aí vai! Livro de ponta e mola,
Quero que eterno fique, entendes? Nesta escola!
E apesar de sofrer o mundo desenganos,
O Waldeck reinou uns bons trezentos anos!*

Mas a data em que nasceu a sebenta é que se não sabe! A comissão do Centenário ainda pôs a prémio o difícil problema;

e o prémio era uma galinha, um galo e um ovo galado – mas não houve quem o ganhasse!

O programa do concurso dizia assim – se bem traduzo do original latino:

1.^a parte – *Génese e origens*

1.º ponto – Origem mitológica da sebenta:

Se a natureza da sebenta é divina ou humana.

2.º ponto – Se, na Fábula, a sebenta é ou não a alcunha da deusa Minerva.

3.º ponto – Se a Sebenta, quando nasceu, três beijos à mãe pediu e do mais que se seguiu.

4.º ponto – Se a sebenta vem do cebo (sebo) ou se o cebo é que vem da sebenta.

2.^a parte – *Efeitos e influências*

1.º ponto – Portugal sábio: influência da sebenta nos cérebros portugueses.

2.º ponto – Da influência da carta constitucional na sebenta de Coimbra e vice-versa.

3.º ponto – Influência da sebenta nas calvas académicas.

3.^a parte – *A sebenta na evolução e na metafísica*

1.º ponto – A sebenta no século XX será ainda a mamadeira académica?

2.º ponto – A sebenta, a paz universal e os círios civis.

3.º ponto – A sebenta é o Anticristo do

profeta.

Ora que a origem da sebenta deve ser antiquíssima, isso é fora de dúvida: anterior talvez a D. Dinis, fundador da Universidade! Já no poemeto *As Tristes*, que faz parte da *Cabulogia*, um poeta das dúzias se referia a ela da seguinte forma, sob o pseudónimo de *Caderneta*:

*Outro que aspira ao nemine somente,
Satisfeito com parca mediania,
Vai ler quanto basta para mostrar-se
Papagaio Real da Caderneta.*

Documentos modernos, já os possuímos muito mais explícitos! No *Fado da Sebenta* faz-se a sebenta filha de Pedro Penedo – avô mitológico de João das Regras, pois lá se diz;

*Um velho cronista observa
Que em tempos que já lá vão
Casou Pedro com Minerva,
Nasceu a sebenta, então...*

É, pois, de crer que esta origem da sebenta seja a verdadeira; mas, seja ou não, caso é que, num dos bilhetes postais do Centenário, um desenho representava já D. Dinis a dar à sebenta o grau das asneiras;

– *Quid petis?*
– *Gradum asneirarum.*

E, falando com o *Rei Lavrador*, Santa Sebenta já se lhe queixa no *Auto*:

Dantes...
Tinha oito páginas...

*Nunca, nunca tinha mais,
Agora, sou monstruosa!
Páginas, às trinta e duas...
E atinjo mesmo uma grosa
Com a mudança das luas!*

Quanto à hora do nascimento, o *Fado* não deixa dúvidas;

*Quando nasceu a Sebenta
Não veio só duma vez:
Nasceu às oito e quarenta
E o resto saiu às dez.*

Renome, é incontestável que o possui também, a julgar pelas seguintes palavras de *Santa Sebenta* (da Cátedra);

*Celebrada no Cairo, em Nazaré, no Egipto...
A Sebenta sou eu, o astro, a deusa, o mito!*

Nada admira, pois, que o *urso* a saúde com acatamento;

*Eu te saúdo, ó velha assinalada,
Irmã desses Barões da antiga História,
Fique no mundo bem litografada
Tua boa e altíssima Memória!*

E que lhe reze de joelhos e de mãos postas;

*Post tot tantosque labores,*⁵⁵

⁵⁵ Isto é o começo da *oração*. que todo o estudante tem de dizer no princípio do acto! Antes de se sentar, o mártir reza o seguinte: *Post tot tantosque labores venit tandem dies in quo apud vos studeorum meorum rationem reddere cogor. Sed antequam incipiam sit mihi in auxilium*

*Da agonia me cobrem os suores!
Venho junto de vós, amparo leal
Do reino que se chama Portugal...
Vós fizestes, Senhora, mais que os Reis,
Mais que os poetas, muito mais que os sábios:
Com a ajuda dos manos Alfarrábios
Tendes feito no mundo os bacharéis!
Mágico filtro, misteriosa essência,*

*Para a Índia do Grau levais os cursos
Perdidos no mar seco da Ciência
Venit tandem dies...
Por isso lá diz o Fado:*

*À Sebenta, ó Portugal,
Levanta uma estátua um dia,
E põe-lhe por pedestal
Pedras de litografia!
Rapazes e raparigas,
Pela noite luarenta,
Em vez de cantar cantigas
Cantem coisas da Sebenta.*

E que ela já tem inspirado liras e guitarras, poetas e boémios, no *Fado* se diz também;

Santissimo et Individua Trinitas, Unigenitus Pater, Increatus Filius et ab utroque procedens divinus Amor, Beataque Maria semper Virgo hujus Universitatis Fautrix. Se tem de ler a dissertação, como acontece nos 4.º e 5.º anos, lê, e depois fecha a oração da seguinte maneira: *Deinde facite mihi dicendi veniam, Praeclarissime Praeses, Sapientissimi Doctores, Amantissimi Condiscipuli, Concioque undequaque florentissima.* Se não tem dissertação a ler, o latim vai de cabo a rabo, dum fôlego, e numa toada que ninguém entende – nem mesmo quem saiba latim!

*As belas cantigas minhas
Desta festa sebenteira
Aprendi-as nas Cozinhas,
Fê-las o Marco da Feira.*

Na Rua das Cozinhas, com efeito, era já no meu tempo a litografia das sebatas, dirigida por um Pacheco que era cego e que, dentro do balcão, sentado, parecia um eunuco; e a outra, no Marco da Feira, dirigia-a o Manuel das Barbas, que deu o nome a um dos couraçados italianos do Centenário, o *Emmanuel degli Barbi*, e cujo epitáfio, para quando morrer, está já feito e reza assim;

*Aqui jaz Manuel; descansa!
Trabalhou muito, e bebeu...
Litografava as sebatas,
Mas foi feliz – nunca as leu!*

De resto, essa felicidade de não ler as sebatas é a que espeta todos H os caloiros de amanhã, quando se matricularem na Universidade! É o *Orfeão da Sebenta* que os ameaça por música, se se atreverem a olhar para elas;

*Se eu tiver um filho,
Quando ele crescer
Olaré!
Hei-de-lhe bater.*

*

Ora mas tudo isto vem por causa duns versos de João de Deus, que ele fez quando era estudante! Os versos, disse-me o próprio João de Deus que os fizera para *bisnagar* um lente

qualquer, que deitara um R num estudante distinto, só porque se atrevera a discutir-lhe a sebenta, e demais a mais lhe namorava a sopeira – o que em Coimbra é caso *gravíssimo!*

Do nome desse estudante é que me não lembro; mas lembro-me que João de Deus me disse que ia de noite com outros estudantes, todos muito embuçados, cantar os versos à porta do lente; e que a música, original também de João de Deus, era engraçadíssima e cingia a letra num abraço muito triste e ao mesmo tempo cheio de cómico!

Os versos diziam assim;

VOZES

*Estudar com que não sabe,
Para alfim entre dois A A
Vir um R que não cabe
Na cabeça dum rapaz;
Porque a prima da cachopa
Da criada do bedel
Algum dia alguém na topa
Dando-me um favo de mel...*

BAIXINHO

– *Ba, be, bi, ke, ki, ku, ka.*
– Mais tais-toi, oui, tais-toi.
Car le roi se tait aussi

CORO

*Na Sebenta hereditária
Como os pares, mas sem par,
Estudar para alimária*

*Sem jamais daí passar!
Porque um dia se disputo,
Se contesto o pai-avô,
Cai-me logo em cima o bruto,
Casca-me um R sem dó!*

NA AULA DO CHAVES

No tempo em que eu andava na Universidade, costumava o Dr. Chaves, que regia no 4.º ano de Direito a cadeira de Teoria do Processo, marcar na última época do ano uns exercícios muito inocentes de prática forense, a fim de dar aos rapazes, alguns dos quais nunca tinham posto os pés num tribunal, a ideia do que vinha a ser isso; ao mesmo tempo a cena de pôr em juízo uma acção; trâmites desta, etc., etc.

Semelhante coisa caberia talvez melhor no 5.º ano, em Prática do Processo. Mas como o Dr. Chaves, além de ser o redactor principal da *Revista de Legislação e Jurisprudência* e o melhor advogado da Lusa Atenas, era o praxista-mor da Faculdade, ele mesmo tomou à sua conta encaminhar nesses primeiros passos a rapaziada, pregando-lhe os tais exercícios!

Ora o Dr. Chaves era um cronómetro... de carne e osso! Ao bater o quarto, ele, que nunca dera uma falta, e só no Verão saía a banhos até à Figueira, entrava nos Gerais pontualmente, como se tivesse dormido na secretaria. Recolhia o curso; entrava; sentava-se na sua cátedra lá no púlpito; abria a Reforma Judiciária; rapava dos apontamentos; e, durante três quartos de hora, nem mais minuto nem menos minuto, preleccionava, preleccionava, preleccionava – preleccionava sem despegar um segundo! Podia cair a torre da Universidade; podia Coimbra desabar de alto a baixo ou mesmo esfrangalhar-se o orbe, que, se escapasse a *Taberna*, como se chamava à sala do 4.º ano, escapava a prelecção com toda a certeza–inteirinha!

Aos três quartos, nem mais minuto nem menos minuto, abria o Dr. Chaves a caderneta e chamava à lição quem lhe parecia. Assistia, como se nada fosse com ele, a um estenderete; e, cumprida essa obrigação como cumpria todas as outras – fleumaticamente –, levantava-se e ia-se embora,

sempre no mesmo passo muito pausado.

Mas, nos tais dias de exercícios forenses, nem se levantava nem se ia embora! Como aquilo era *fora-parte*, e mais por amor do ofício do que por outra coisa, acabada a aula começava a maçada – que tinha o seu ar, ainda por cima, de obséquio!

Ora mas os rapazes é que embirravam com o tal obséquio! E porque era afinal uma estopada, e uma estopada, demais a mais, *oficiosa*, os rapazes faziam por amenizá-la o melhor que podiam – e poucos a levavam a sério!

Por exemplo: marcou uma vez o Dr. Chaves, para exercício, uma acção já me não lembro de quê. Na véspera distribuíra os papéis; «O senhor número tantos fazia de juiz; de ministério público, o senhor número tal; de escrivães, este e aquele; de distribuidor, o senhor número tal; de oficial de diligências, Fulano; e, enfim, de advogado do autor, para propor em juízo a tal acção, um rapaz Mesquita Carvalho.»

A patuscada principiava logo com a nomeação do oficial de diligências! Imediatamente choviam sobre o nomeado os epigramas – e, pela Via Latina e na Rua Larga, a montaria não despegava;

– Oficial! Um copo de água!

– Oficial! Um escarrador!

– Oficial! Estes livros lá pra casa!

Acrescento que o próprio Dr. Chaves tinha sempre dedo para o escolher

Outras patuscadas se faziam.

O papel *selado*, por exemplo, esse levava sempre no *selo* a caricatura de algum condiscípulo; e os nomes que figuravam nas acções eram todos, ou quase todos, intencionais! Como fosse marcada, uma vez, uma acção de separação, o advogado fez figurar de réu um condiscípulo que era casado, e alegou por ali abaixo, por conta da verdadeira mulher, as coisas mais

escandalosas – acontecidas com a criada!

Mas vamos ao caso do Mesquita Carvalho.

Distribuídos dessa vez os papéis da comédia, cada um pôs-se a fagular pelos cartórios do tribunal de Coimbra, em processos da mesma espécie, o que lhe cumpria fazer na tal *audiência*: o juiz copiou o despacho; o distribuidor fez o rascunho da distribuição; os escrivães andaram a cheirar os protocolos; o oficial, finalmente (e eu fui nomeado para esse *papel* algumas vezes!), decorou o que lhe dizia respeito, e que era só isto:

– Está aberta a audiência ordinária. Quem quiser requerer pode fazê-lo.

Só o advogado do autor, que era afinal o que tinha mais que fazer porque havia de levar escrito o articulado, não quis saber de coisa nenhuma – e nem abriu sequer um formulário!

Chegada a hora da aula, os rapazes perguntaram ao Mesquita pelos *provarás*...

– Não fiz!

– Não fizeste?!

– Não. Nem é preciso.

Ficaram todos atordoados!

– Não é preciso?! Mas o Chaves não é para graças! – preveniram-no todos.

E o Mesquita, sem se ralar:

– Bem me importa a mim!

Ficou numa ansiedade o curso todo, a ver o que dali saía, porque a aula do Chaves era com efeito muito séria, e tinha-o sido sempre, e o Chaves quase um papão – o que o não livrava, ainda assim, da galhofa da rapaziada. Lembro-me, por exemplo, que no curso do Paulo Cancela, agora procurador régio, este e mais não sei quantos de tal modo imitavam o comboio ao longe, à hora de passar na ponte sobre o Mondego, que só muito tarde o Chaves percebeu que não era o comboio –

mas os rapazes... E um, menos cauteloso, que se deixou descobrir, apanhou o seu R do Chaves no fim do ano! Versos, isso, faziam-se na aula dele como noutra qualquer; e na aula dele foi feita aquela quadra à deusa Minerva que fica mesmo por cima da cátedra, num nicho, e que é de pedra e tem na mão uma bola de pedra:

*Minerva, faz-nos a esmola,
Se o pai dos deuses consente:
Deixa cair essa bola
Sobre a cabeça do lente!*

Ora mas continuando com a história do Mesquita Carvalho; ensinava o Chaves que o primeiro dever do advogado – *vir bonus!* – era compor as partes, isto é; fazê-las chegar a um acordo amigável, que evitasse a demanda

...Chegou, pois, o *terrível momento!* O tribunal constituiu-se: faz-se de conta que bateram as dez – e a um sinal do que fazia de juiz, o oficial, que estava de pé, volta-se para o curso e diz o recado:

– Está aberta a audiência ordinária. Quem quiser requerer pode fazê-lo.

.....
.....

Moita! Nem chus nem bus no *tribunal!* Alguns, cabisbaixos, fungavam de riso, mordendo o lenço. Parecia uma comarca de 3ª classe:

Portei ou coisa que o valha! «Não havia distribuições!»

Mas o Dr. Chaves, que estava muito longe de esperar o resto, vira-se para o Mesquita e diz-lhe assim:

– Sr. Mesquita Carvalho, o seu articulado por parte do autor. Ergue-se o rapaz a meio-corpo e, com a cara mais séria

deste mundo, volta-se para o Chaves e diz-lhe assim:

– Peço perdão a V. Ex^a; não foi preciso. *As partes compuseram-se!*

O «VELHO»!

No tempo em que eu andava em Coimbra, regia no 3.º ano de Direito Civil o velho Dr. Jardim.

O *Velho*, é como nós lhe chamávamos, e mais nada – e era, com a sua cara rosada e clara, a sua careca muito luzidia, a sua barba branca de passa-piolho, e aquela voz quase de barítono, que parecia sempre dorida dum calo, uma das figuras mais originais, mais pitorescas e mais simpáticas do professorado da Universidade!

Não era um sábio; e dizia a lenda que fora tanoeiro na sua mocidade e que, enquanto ao bojo duma pipa cingia um arco de ferro, ia já deitando o olho para os seus livros – e estudava sem despegar! Mas era um grande homem de bem, e então um espírito muito aberto a tudo quanto cheirasse a democracia! E porque estudara de afogadilho, por atacado, e em quadra em que a inteligência tinha já calos, como as suas mãos honradas de operário, dois terços do que dizia era uma ciência – como direi? – sentimental, não raro feita de utopias, em que o povo era tudo, e tudo para o povo! Grande homem!

Fez um livro – coisa que não deixa de ser muito rara em lentes da Universidade; e dizia ele que o livro não seria grande coisa, mas que «quem viesse de trás que o fizesse melhor». Era um livro de Finanças, nebuloso, escrito num português apocalíptico, de que o Dr. Assis Teixeira fazia no meu ano, fizera sempre, e acho que ainda faz, o texto e o cavalo-de-batalha das suas lições!

Medonha coisa! Lembrar-me eu que cheguei a estudar vinte e cinco horas por dia para Finanças, e que no fim daquelas vinte e cinco horas não conseguira, sequer, arrancar do livro vinte e cinco ideias!

Mas além desse grande livro de ciência, que traz numa

nota os versos dum fado⁵⁶ e acho que um «folhetim» sobre o José Estêvão, o Dr. Jardim era ainda autor dum célebre *Programa* – uma coisa por onde se davam, na aula dele, as lições de Direito Civil!

Isso é que era o demónio! O *Programa* tinha um ar cerrado de *Tábua de Logaritmos*, ou de *Tabela de Câmbios*, e era o inferno para o decifrar! Adiante de cada número, indicativo de um certo artigo do Código Civil, perfilara o *Velho* um pelotão de números em pé de guerra, indicativos doutros tantos artigos do mesmo Código, com os quais, quando ele estudara, tinha achado que o primeiro mantinha parentesco, e outras vezes oposição!

Todo o trabalho consistia, pois, em achar o laço que engranzava uns nos outros todos aqueles artigos do Código Civil! E como semelhante coisa fora uma «operação intelectual» do bom do *Velho*, o que é o mesmo que dizer uma operação muito singular e muito original, nem o Diabo lhe metia dente!

Com a explicação do *Velho*, então pior! Então é que se não entendia nada! E, em todo o caso, lá se iam por água abaixo, para os cultores do logogrifo e do enigma, o prazer e o aperitivo da novidade – isto é, o gozo de se porem a parafusar, eles sós, no mistério de semelhante charada!

⁵⁶ Lembro-me bem: é no capítulo «Diversidade ou pluralidade do imposto»:

*O selo, filho do fisco,
Foi-se engrossando, cresceu:
Em cada papel arisco
Cada verba se meteu.
Em cada escritura feita
Nova estampilha se ajeita.
Do fisco em toda a grandeza
Tributa o povo e a nobreza
E o deficit... não morreu!*

Ora mas como lente, nas suas relações com os discípulos dentro da aula, não havia outro melhor do que ele – nem mais leal! Não era só odiar o *magister dixit*, coisa também rara na Universidade; senão que, muitas vezes, vendo-se entalado numa objecção, corria a dizer com o rapaz, mesmo que não passasse dum *flautista*, a aplaudi-lo, a dizê-lo vencedor e a dizer-se vencido – explicando, numa alegria de enternecer, que «muitas vezes, muitas, aprendera com os seus discípulos!»⁵⁷

– Muito bem! Muito bem! Tem dito muito bem!

...E era essa outra particularidade do *Velho*: à frase com que acolhia a lição dum rapaz correspondia, fidelíssima, a nota que lhe marcava na caderneta. Assim; «Tem dito muito bem!» era uma lição *muito boa*; «Tem dito bem!» era uma lição *boa*; mas um «Tem dito!» seco, proferido num tom de lamúria, como se o picasse numa perna o seu reumatismo agudo, era,

⁵⁷ Com a maioria, o *Velho* não teria muito que aprender; mas o caso era falar-lhe de papo! A um discípulo dele chamado Morais, grande atador, de quem diziam os outros que lembrava um porco rio faval porque por onde passasse estragava tudo – ideias e assuntos! – dizia o *Velho* uma vez:

– Muito bem! Tem dito muito bem! Quem está convencido do que diz, é sempre eloquente!

...E isto por causa duma discursanga que ele fizera sobre *feudalismo* – a propósito (é como quem diz: a despropósito!) do n.º 3.º do artigo 949: do Código Civil, que diz que «estão sujeitos a registo: [...] n.º 3.º, as acções reais».

Como as «acções» eram «reais» – feudalismo te valha! E o *Velho*, coitado:

– Muito bem! Tem dito muito bem! Quem está convencido do que diz, é sempre eloquente!

Aquele Morais era o autor do poema *Morte à Morte!* – que queria dizer *Morte à Reacção!* –, poema que lhe valeu de João Penha este epigrama:

*O Morais, valente cabo,
O Morais, um braço forte,
Chamou a terreiro a morte
E deu-lhe um couce no rabo!*

sem ninguém lhe valer, uma lição *má*!

A mim, no meu ano, foi o que me disse! Chamou-me *de cara no* primeiro dia de aula, para estrear o curso – e como quer que eu me não entendesse com o demónio do *Programa*, nem o *Programa* se entendesse comigo, fui enchendo a hora como pude, mas no fim, porque acho que preguei um estenderete real, atirou-me a bomba o demónio do *Velho*:

– Tem dito!⁵⁸

Entretanto, como era propenso à benevolência por feitio, e a pensar sempre bem dos outros, e que era ele que se enganava – no dia seguinte chamou-me outra vez também de cara, porque lhe tinham dito (contou-me depois) que eu não era de todo um mau estudante...

Não contava eu com aquela surpresa, demais a mais fora da tradição do *Velho*, e não tinha, por conseguinte, pegado em livro! Estava o que se chama *em branco* – *in albis* – e não sabia sequer de que se tratava! Mas, chamado, pus-me de pé, está claro, e rompi a arengar por ali fora, às apalpadelas, sem saber o que estava a dizer!

Qual não foi, porém, o meu pasmo, no fim da hora, quando o *Velho*, que me pareceu sempre estar distraído, mas a mirar-me com certo interesse, e até com certo carinho, me disse assim muito satisfeito;

– Muito bem! Tem dito muito bem! E a má impressão que me ficou da sua lição de ontem (*acrescentou!*) varreu-se toda do meu espírito!

Bonito! Reconsiderara! Na véspera fora ele que se tinha estendido! Coitado do *Velho*!

...E caso é que me não tornou a chamar até ao fim do ano, e, no acto, como gostasse muito da minha dissertação para

⁵⁸ Ao Saraiva das Forças, que tinha uma tal especialidade de *lições más*, que as péssimas dos outros ainda eram óptimas ao pé das dele, a esse dizia-lhe o *Velho* no fim: «Teve dito!»

Finanças, de que o Assis, por lhe lisonjear com os meus os seus sentimentos de amor do povo, lhe leu ao ouvido algumas páginas, pouco lhe faltou para me atirar beijos, aos pulos em cima da cátedra; e disparate que eu lhe dissesse, ou mesmo heresia, tinha logo da banda dele, a aceitá-lo, a perdoá-lo, a defendê-lo, o seu mais doce e enternecido aplauso:

– Muito bem! Muito bem! Tem dito muito bem!

Está claro que passei *nemine*, porque depois não andei mal em Finanças, ao Assis, numa maçada sobre o real-d’água⁵⁹ e em Direito Administrativo, como o Laranjo costumasse frigir os rapazes depois da hora com perguntas vagas fora do ponto, quando começou a esfoguetear-me – «Donde constam as deliberações dos corpos administrativos?» –, desarme-i-o logo com esta resposta, que eu temperei, quanto possível, de ironia, e que impossibilitou de continuar, porque se pôs a rir;

– *Provavelmente...* das actas!

– Estou satisfeito!

Ficaram todos satisfeitos!

A aula do *Velho* não era de arruaças, como a do Pedro Penedo ou a do Seco⁶⁰, mas não era também das mais

⁵⁹ Não sem bem se é «d’água», se «de água», se «da água». Estudámos isso, mas não me lembro...

⁶⁰ Na aula do Seco era um pagode real! Para esse ninguém estudava palavra! – e a pouca-vergonha chegou a tal ponto que a maior parte do curso entrava com o bedel, quando o bedel ia marcar as faltas, e saía atrás do bedel! Quando muito, ficavam na aula dois ou três, para ser, enfim, chamado algum, e o Seco, coitado, não arengar às paredes Direito Penal; e uma vez que ficaram na aula quase todos, acho que porque chovia, o Seco esteve sempre muito anito, e no fim foi perguntar ao bedel «se os seus rapazes estariam zangados com ele!»

À sabatina, chamava *à sorte*, tirando as bugalhas de dentro de uma urna de cartão, forrada de veludo vermelho; mas como uma vez um dos rapazes tivesse surripiado da urna a bugalha com o número dele, e o Seco, por batota, lesse esse número em vez de ler o que estava na bola, levanta-se o rapaz e diz-lhe assim:

– Não pode ser!

sossegadas! Os rapazes tinham-no na conta de um pai-avô, severo, sim, mas cheio de bondade – e às vezes, por brincadeira, faziam-lhe a sua partida! Um dia, enquanto preleccionava sobre hipotecas, um, da *coelheira*, que era o nome da bancada de cima (a aula era em anfiteatro), pôs-se a trautear não sei que moda...

Parou o *Velho* com a prelecção; e carregando, debaixo da mesa, no botão da campainha eléctrica, chamou o bedel com muita pressa. Mas quando o bedel entrou (o velho e gotoso Pinto), o curso parecia de estátuas! Ninguém se mexia; o silêncio era absoluto! O que não obstou a que o bom do *Velho*, ingénua até à santidade, mandasse o bedel percorrer as bancadas – «a ver em qual se cantara!...»⁶¹

À porta da aula, em certos dias de lição difícil, cada um que entrava *farpeava-o*: isto é, crivavam-no de «dispensas», que ele recebia com ar compungido! Eram cartões uns atrás dos outros, pedindo escusa da lição: – «O n.º tantos, *Fulano de tal*,

– Não pode ser?! – acode o Seco muito atrapalhado.

– Não, senhor! (*Mostrando a bugalha:*) Esse número tenho-o eu aqui!

⁶¹ Esta faz-me lembrar outra, com um discípulo que nós tínhamos, chamado Miguel Dias, que era doido por música, e levava o tempo a tocar violão e a cantar o fado dos *Dez Mandamentos*. Um dia – por sinal, de muito vento – preleccionava o *Velho* sobre hipotecas; e o Miguel, que afagava entre os lábios um diapasão de metal, sem querer soprou-lhe de rijo – e voou pela sala um lindíssimo *lá!*

Imagine-se o que foi pelo curso, e a cara do *Velho* e a do Miguel! Momentos depois, num bilhetinho a lápis pelas bancadas, o Alfredo da Cunha comemorava o facto:

*Quando inda há pouco, num rugir violento,
Bramia o vento com furor insano,
Alguém viu o Miguel, com atenção,
Pressuroso sacar do diapasão
Para saber se o vento
Tinha voz de tenor ou de soprano!*

pede dispensa a V. Ex^a» – «*O n.º tantos, Fulano de tal, pede dispensa a V. Ex^a*».

Uma vez, como o meu condiscípulo Costa Macedo não soubesse a lição, não estivesse também para meter dispensa e não pudesse faltar por já «estar tapado»⁶², viu-se em apuros e enganou o *Velho*! Chamado, redarguiu o poela com ar ofendido, como quem se dói duma inconfidência:

– Peço perdão! Mas eu pedi dispensa a V. Ex^a!

O *Velho* todo se atarantou:

– Não a encontro... Mas não está cá... – dizia ele, muito aflito, percorrendo o «baralho».

Senão quando, larga das bancadas o Costa Macedo, muito depressa, finge que apanha em baixo qualquer coisa que estivesse no chão, e, trepando à cátedra do *Velho*, a correr, ali mesmo lhe mete a farpa:

– Está aqui! E que V. Ex^a deixou-a cair!

Lapsos, tinha muitos e muito pitorescos.

Por exemplo: a explicar matéria de casamento, à mulher chamava-lhe *marida* e outra vez, querendo dizer o inverso de *patrono*, fez o feminino e saiu-lhe *patrona*! Como o advogado se chama *patrono*, à ré chamou-lhe... *patrona*!

Mas tudo isto vem para o seguinte. Certo dia de Inverno, no meu 3.º ano, era dia de muita «cólica» e de muita chuva! No céu, uma tempestade medonha, de fazer ir abaixo a torre da Universidade, e, na aula do *Velho*, pior do que isso – uma repetição!

O vento zenia lá fora, desabrido e através das grandes janelas rasgadas, de que as lufadas faziam matracas, viam-se as árvores do parque torcerem-se e retorcerem-se, ramalhando!

Fora chamado à lição o padre Lopes, que era um dos

⁶² No meu tempo, faltas *não justificadas* podiam-se dar quatro em todo o ano; mas uma falta a uma *repetição* valia por três! «Estar tapado» é ter já dado as tais quatro faltas.

melhores tipos do nosso curso. E impertérrito, sem dar pela fúria dos elementos, seguia na exposição como um papagaio – citando de cor, uns atrás dos outros, sobre impedimentos do matrimónio, trechos e trechos do Concílio de Trento, em latim!

Parecia inspirado o padre Lopes! E como ele pertencia à ala dos *músicos*, embora fosse dos mais afinados, até os *ursos*, entre os quais o padre Coelho, que está agora no Porto vigário-geral, e o Silva Cordeiro, estavam varados de tanta sabença!⁶³

⁶³ O padre *Coelho* e o Silva *Cordeiro* eram dois «ursos reais» do curso! Lembro-me que uma vez foram chamados ambos a uma sabatina – e de tal modo se pegaram os dois que o Alfredo da Cunha fez esta décima:

*Santo Deus! Um caso assim
Ninguém torna mais a ver!
Quem havia de dizer
Que um fado mau e ruim
Viria tornar por fim
Em assanhados rivais,
Ferozes como chacaís,
Qual deles mais desordeiro,
Um coelho e um cordeiro
– Inocentes animais?!*

O meu curso ainda tinha outros *ursos*, mas esses eram *ursos menores*. A um (já morreu), que ninguém soube porque o classificaram, fez o Pedro Gaivão esta quadra:

*Um lente tonto e casmurro,
Por fazer pirraça ao curso,
Quis de ti fazer um urso:
– De ti, que nasceste burro!*

E a outro, chamado F. Pinto, que foi uma vez chamado e se estendeu, mas que quis fingir que sabia da poda, cantou-o nesta sextilha o Alfredo da Cunha:

*O Pinto é urso matreiro,
O Pinto é pinto batido...*

Foi então que pelas bancadas da aula circularam estas duas quadras – caligrafia do Costa Macedo e da lavra dele:

*Enquanto o vento lá fora
Valsa em danados galopes
Sentindo picar-lhe a espora
Canta a lição padre Lopes.*

*Pasma-se o padre Coelho,
De neve veste-se a terra,
E o crânio calvo do Velho
Parece um queijo da serra!*

*Julgo, porém, que não minto
Sustentando que a lição
Mostrou a todos que o Pinto
Não é pinto... é patacão!*

E ainda me lembro desta, a um *urso* chamado Camelo:

*Ó Camelo, pois que és urso
De que te aproveita sê-lo?
Pra seres animal no curso
Não te basta ser Camelo?!*

AS FOGUEIRAS DO S. JOÃO

No tempo em que eu andava em Coimbra, ainda as fogueiras do S. João eram coisa capaz de se ver!

Duas noites de patuscada, como não havia outras na roda do ano! Dançava-se desde o anoitecer até de manhã, quase sem despegar, e tudo aquilo eram danças do povo, as mais delas obrigadas a abraços, e algumas até a beijinhos!

Dá-me um abraço!

Isso é que eu não faço!

Dá-me um beijinho...

Ai, eu dou, eu dou...

De modo que andava a cachopa numa roda-viva nos braços dos estudantes, e os estudantes numa roda-viva nos braços da cachopada, e voava o tempo e as pernas voavam, parece que sem a gente dar fé! As duas por três começavam os galos a cantar, e entrava o céu, lá em cima, a querer fazer-se da cor do leite

Agora, parece que vai aquilo tudo por água a baixo! Deram as tricanas em meter na dança coisas de sala, marcadas em francês, e até se diz que já encomendam versos para o S. João, como os carteiros para as boas-festas!

Adeus, fogueiras!

Como tudo o que é de Coimbra – bom e mau – se não parece com mais coisa nenhuma, as tricanas de Coimbra são também *elas sós*, e, por conseguinte, incomparáveis!

Como andam sempre muito *afinadinhas*, desde os pés à cabeça, vão-se os olhos a olhar para elas, e fica a gente a dizer consigo que nunca viu mulheres assim... Sua chinelinha de biqueira, em que só lhes cabe metade do pé; sua meia branca,

ou às riscas, muito esticada; saia de chita, das cores mais claras, deixando ver os tornozelos e acima dos tornozelos duas polegadas de perna; aquele aventalinho muito pequenino, que é mais um chique do que outra coisa; o chambre de chita clara, aberto no peito em decote quadrado; e então o xaile de barras, ou a capoteira, passando por baixo do braço direito e lançado (com elegância que se não descreve, mas que os estudantes copiaram para as suas capas) por cima do ombro esquerdo!

Ao alto de tudo isto, uma cara quase sempre bonita, e espirrando sempre vivacidade; e naqueles braços, naquelas pernas, naquele busto, quando gesticulam, quando marcham, quando estão paradas, qualquer coisa que deve ser a própria graça – como só artistas a apreciam!

São as tricanas!

Nas fogueiras, então, o caso era falado! Como o S. João era a festa delas, porque o santo é casamenteiro, não havia nenhuma que não tivesse para essas duas noites ao menos um aventalinho novo! Quando não era tudo em folha, desde os pés até à cabeça – a ponto de parecer também outro, ao menos por uma graça nova, o lindo palminho de cara!

– Mas que linda vens, ó Joaquinha!

– Quer-me pra noiva, Sr. Doutor?

E que linda noiva ela daria!

Bem! Mas as fogueiras eram assim: espetavam-se na rua, em círculo, meia dúzia de mastros pintados; um mais alto, ao centro, largava festões para o topo dos mais; enfeitavam-se depois todos os postes com flores e cordas de hera; iam festões de uns para os outros, com balões venezianos em toda a roda; no do meio pregavam-se três candeeiros novos de petróleo, armados dos indispensáveis reflectores – e com mais enfeite, menos enfeite, a *fogueira* ficava armada!

Encostados ao mastro grande, abancavam de ranchada os tocadores, quase todos aforrados. E, mal a guitarra começava a

zaranzar, que é como quem diz, a contar das suas às raparigas, entravam logo a dizer com ela, como excelentes vizinhos, a viola, os ferrinhos, o harmónio e as castanholas – e tudo aquilo ia direito aos calcanhares da tricanada, aos braços, às pernas, às cabeças, e rompiam todas a dançar e a saracotear-se, a cantar e a fazer gaifonas, qual delas com mais *salero*:

Que noite serena!
Que lindo luar!
Que linda barquinha
Eu vejo no mar!

E ouvia-se então, constantemente, a voz de um *marmanhão*, marcando, como se fosse um besouro, às voltas e reviravoltas:

– E virou!
– E vá de volta!
– E lá vai uma!
– Chegadinho!
– Ainda outra!
– E vai mais outra!

Assim até pela manhã!

Pela manhã, roda-forte e de braço dado para a Fonte do Castanheiro, num arrabalde onde as *fogueiras* todas se juntavam!

E quando o Sol vinha a romper, como se quisesse também entrar na pândega, aí vinha tudo, outra vez, de restolhada! – nem cansados, nem saciados!

A estudantada, está claro, entrava na função quase desde o princípio. Os primeiros compassos eram por cerimónia para os futricas.⁶⁴

⁶⁴ *Futrica* é todo o morador de Coimbra que não é estudante; *filhote* é o futrica natural de Coimbra.

Mas logo que entravam a aquecer as raparigas, e o corpo a pedir-lhes folia, elas mesmas desafiavam:

*O meu amor é estudante,
Quintanista de Direito,
Quando passa para a aula
Parece um amor-perfeito.*

*A capa do estudante
E um jardim de flores,
Toda cheia de remendos,
Cada um de várias cores.*

*O meu amor é estudante,
Estudante de Latim.
Se ele se chegar a formar,
Ninguém tenha dó de mim.*

*Amor como o de estudante
Não há outro, não há, não,
Leva toda a nossa vida,
Rouba o nosso coração!*

*O meu amor é estudante,
Anda a formar-se em Direito,
Em outras leis está ele*

*Já formado no meu peito.
Meu amor anda no estudo,
Já tomou grau de doutor,
Acabada a formatura,
Toma capelo em amor.*

*Eu vim a Coimbra ao estudo
Com tenções de me formar,
Apenas vi os teus olhos,
Nunca mais pude estudar.*

*Ó cidade de Coimbra,
Arrasada sejas tu
Com beijinhos e abraços:
Não te quero mal nenhũa!*

Às duas por três, por conseguinte, já se não viam na fogueira senão estudantes! Capa ao ombro, gorro à banda ou cabeleira à viração – e toca!

– Mexe-te, rapariga!

– Anda-me, filha, com esse corpinho!

Entravam os futricas a «dar sorte» com a brincadeira; algum, mais atrevido, já chamava *sacas de carvão* aos estudantes; e o marmanjão da guitarra, que se queria ter na conta, ele só, de galo da capoeira, cacarejava de lá aquela quadra:

*O amor do estudante
Não dura mais que uma hora.
Toca o sino, vai prà aula,
Vêm as férias, vai-se embora.*

Ou esta:

*As tricanas todo o ano
Vão plantar os seus amores
Lá no jardim do engano:
No coração dos doutores.*

Ou esta:

*Campos verdes de Coimbra
Cheios de canaviais,
Quem se fia em estudantes
O que recebe são ais!*

Mas bem se importavam elas com isso, as raparigas! E se acontecia haver bordoadas, as tricanas eram logo todas pelos estudantes, e os estudantes é que venciam!

– Ande-me com ele, Sr. Doutor! Parta-me a cara a esse *felistresco*! Ora, uma vez, calhou estar eu de ponto no S. João e ter uma fogueira à porta de casa! Pensam que requeri ao reitor, como fazem os *ursos*, que mandasse retirar a fogueira?! Isso requeria eu! O ponto era bravo e muito comprido, mas deixei folgar a cachopada! E indo de encontro a todas as praxes, e correndo até todos os riscos – visto que um estudante, naquelas quarenta e oito horas de *oratório*, nem à janela podia assomar! –, meia-noite a bater no relógio da Universidade, e eu, ligeiro como um gamo, a pegar na capa e a saltar para a rua! Espevitei o candeeiro muito espevitado; abri as portas das janelas para fingir que estava a estudar; contra o meu uso, mas à cautela, enfiei o gorro até ao nariz; e, embuçando-me muito bem embuçado, galguei a escada e meti-me na dança!

– E virou!

Mas eu a meter-me na dança, e uma desordem a armar-se logo ali, não sei como, entre futricas e estudantes!

Gritavam em fúria mais de cem vozes:

– A eles!

– Vamos a estes futricas!

– Parte-se a cara a esta cambada!

– A eles, rapazes!

E já ia ferir-se a terrível batalha, e eu já me tinha

desembuçado para o que desse e viesse, quando o tocador, que era um sapateiro chamado Alexandre, muito bexigoso, alto que parecia uma torre, e todo ele muito pimponaço, trepa a um banco, de guitarra no ar, e, em voz que se ouviu na Baixa, acalma as ondas com este discurso – que tem mais graça, diga-se, do que verdade:

– Futricas! Futricas! – Como se houvesse em Coimbra algum futrica... que não fosse filho de estudante!⁶⁵

⁶⁵ Estes conflitos com os futricas ainda no meu tempo eram muito frequentes – e lembro-me que a minha estreia como *advogado*, ainda eu andava no 5.º ano, foi a defender no tribunal de Coimbra uns estudantes, acusados de terem esmurrado uns filhotes na estrada da Beira. Por sinal que esse conflito ia sendo gravíssimo, porque, tendo-se depois generalizado entre a Academia toda e a futricada, a cavalaria saiu para a rua, e, numa carga ao Arco de Almedina, eu cheguei a ver estudantes debaixo das patas dos cavalos e futricas marinharem pelas paredes das casas – como se fossem gatos!

«A CASAQUEIDA»

No tempo em que eu andava em Coimbra, fui companheiro de casa, no 1.º ano, nos Palácios Confusos, de um rapaz chamado Boavida, alentejano. Ele a esse tempo ainda era caloiro, e teria o muito dezassete anos. O cochicho que nós habitávamos tinha só lugar para dois inquilinos. Era ele, no quarto de baixo, e eu só, no andar de cima. Havia uma cozinha que nunca serviu e uma sala de jantar que nunca teve mesa – porque eu ia comer à casa contígua, de que eram veteranos o Cortês Machado, o Malebranche e o António Veloso de Araújo; e o Boavida, esse, comia não sei onde, numa *república* de alentejanos obrigada a *açorda* todos os dias, *república* de que fazia parte, como veterano, um alferes chamado Elói.

O Boavida era um rapazinho comedido e muito metido consigo. Tinha cara de bom mocinho, um pouco tímido e quase seráfico – e usava luneta de ouro com cordão! Adivinha-se que fora interno de algum colégio de jesuítas, talvez de São Fiel; e quem fez dele um bacharel em Direito errou-lhe decerto a vocação! Hoje está no Alentejo, gordo, casado e rico – e então, já se vê, tudo menos bacharel!

Antes que me esqueça, vou já contando. Este Boavida tinha uma mania muito curiosa. Livros que apanhasse com ilustrações, ou revistas ilustradas de todos os países, e em todas as línguas, comprava tudo – só para se divertir a ver os *bonecos*! De modo que chegou a ter uma colecção formidável de todas essas coisas, e o quarto dele era muito visitado, e parecia o quarto dalgum distribuidor de fascículos!

Ora uma noite, ia eu a entrar para casa, quando me encontrei à porta com o Eduardo de Araújo, que vinha do quarto do Boavida. O Eduardo de Araújo era um tipo de boémio muito singular, que me dava a ideia, não sei porquê, de

andar sempre meio a dormir; e o que dizia, sempre coisas engraçadíssimas, saía-lhe lá de dentro como por de mais, parece que espreguiçando-se, mas sempre chispando ironia! Era brasileiro e fazia versos muito bonitos – mas, porque eram todos dum vivo lirismo, e as suas composições nunca iam além de duas ou três quadras, lembrava-me eu se o Araújo traria no peito a alma de algum sabiá da sua terra, melancólico por se ver desterrado tão longe, a estudar Direito!

– Olé, tu por aqui?! – disse-lhe eu.

– É verdade. Venho do quarto do Boavida. Mas sabes? – acrescentou ele na sua voz descansada –, notei uma coisa...

– ?

– ...Que no quarto do Boavida é tudo *ilustrado*, menos ele!

Mas siga a história.

No meu tempo, ainda a quase totalidade dos estudantes andava sempre de capa e batina. O gorro era já raro pelas costas abaixo, ou caído em cima da orelha. A maior parte andava em cabelo; alguns traziam um pequeno boné preto como os de viagem, e as batinas já não eram as antigas *lobas*, que chegavam ao meio das canelas, mas umas batininhas que só chegavam aos joelhos (mais um casaco afogado do que outra coisa) – e a respeito de meia preta e volta de padre, só nos actos, e a volta às vezes era de papel, e as meias de algum teólogo!

Ainda assim, já por lá começavam a aparecer os janotas, a que nós chamávamos os *polainudos*, que em saindo da aula se vestiam à futrica e iam para a Baixa de luvas amarelas e charuto! Esses tinham o seu Olimpo no Café Lusitano, da Calçada, de um José Lúcio que era barítono, ou à porta da ourivesaria do Abílio, ou da Havanesa – e o resto, a plebe, passava as tardes a flamar pela Baixa, no Cais a ver as tricanas, ou a passear pela estrada da Beira. Eu e os da minha trupe

fazíamos estação no Anda a Roda, perto de Santa Cruz, à porta ou num cubículo lá para dentro, a dizer versos e a beber cerveja: António Fogaça, Santos Melo, Solano de Abreu, Francisco Bastos, Pinto da Rocha, Silvestre Falcão, Eduardo Vale, o Pontes, Costa Macedo, Silva Cordeiro, Costa Santos, Eugénio Sanches da Gama, Eugénio de Castro, Guedes de Amorim, Tito Vespasiano Castelo Branco, Lopo de Castro, António de Matos Magalhães, António Horta, Bráulio Caldas, Bernardo Lucas, Carlos Braga, Forbes Costa, Armelim Júnior, Ângelo Ferreira, Eduardo Carvalho, Lemos Macedo, Vasques de Mesquita, Alberto Armada, José Ferrão, Bernardino Zagalo, Gusmão Júnior, Crispiniano da Costa, Pires de Lima, Abel Aníbal de Azevedo, João Baptista da Cunha de Eça Costa e Almeida, Acácio Guimarães, Alfredo da Cunha, etc., etc.

A esse tempo não havia ainda muito onde passar as noites, e a regra era recolher-se quase tudo ao toque da «Cabra», às seis em ponto, e depois da Páscoa às sete. Teatros havia dois, o Académico e o de D. Luís, quase sempre fechados; e o Circo, que ficava na Sofia, ao pé do Gasómetro, ainda era mais raro do que os outros dois!

Sociedades havia duas: uma ao Arco de Almedina, que dava de quando em quando uns salsifrés, a que eram admitidos os estudantes *ricos* ou que o pareciam, e onde por isso nunca pus o pé, e o Clube dos Lentes, à Sé Velha... – pavorosa estância de que todos fugiam, e onde raros, só os aristocratas, eram admitidos em noite de festa! A mim, nem que me pagassem punha lá os pés!

Ora quis o Demónio, não sei por que artes, que o Boavida se lembrasse de ir uma noite ao Clube dos Lentes, acho que a uma *soirée* de Entrudo. Mas não quis ir de capa e batina! E, combinado com o seu amigo Afonsinho, outro *enfant gâté* como ele, e que era o Pólux daquele Castor, resolve-se o Afonsinho a ir de pajem, todo polvilhado, e ele, Boavida, de

casaca!

De casaca, o Boavida!

Ora casaca foi coisa que eu nunca vi em Coimbra (salvo nos da charamela da Sala dos Capelos), pois que os próprios lentes, nas solenidades, vestem-se todos doutoralmente: envergam a capa e batina, põem o capelo por cima dos ombros, a borla não sei em que mão – e eles lá vão, graves, empertigados, solenes, tanto monta para a Universidade como para a festa da Rainha Santa a pegar nas borlas de algum pendão!

De casaca, fora da Universidade, só vi o Rosalino Cândido, que, tendo-se munido desse *traste* para figurar no centenário de Camões no grupo da imprensa, nunca mais a tornou a despir – e andava de casaca a toda a hora do dia e da noite, e sempre em corpo bem feito!

Deu, portanto, muito nas vistas, é claro, a casaca do Boavida – e o mesmo foi que não o tornarem a largar! Daí por diante, ninguém passava à porta do Boavida que lhe não pedisse a casaca; e de noite faziam-se trupes para lha ir pedir:

– Ó Boavida, dá cá a casaca!

– Dá cá a casaca, ó Boavida!

Isto naquela voz de máscaras ou de falsete, que é de ir aos arames o mais fleumático!

O Boavida viu-se, pois, e desejou-se! Além de lhe não largarem a porta – «O Boavida, dá cá a casaca!» –, não era senhor de olhar para uma parede que não visse diante uma casaca pintada! Havia-as de todos os tamanhos: desde a casaca para *xexé*, minúscula, até à casaca para um Adamastor – hiperbólica! -

E por baixo, escrito a *crayon* que se não apagava: «O Boavida, dá cá a casaca!»

Iam dando em doido com o pobre rapaz – e *rondelets* à casaca foram às dezenas, todas da graça deste, que me parece

que é do António Feijó:

*Boavida, Boavida!
Basta já de cascarrão;
Lança a casca indefinida
Nas asas da viração,
Boavida, Boavida!*

*Uma casaca que tem
Pintada pelas esquinas?
Responde depressa... hem?
Porque é que assim te apeginas,
Uma casaca que tem?*

*Inda se outra coisa fora,
Qualquer expressão velhaca,
Tinhas razão, mas agora
Encavacar pra casaca...
Inda se outra coisa fora...*

*Tu e o pajem favorito
Ficaram embasbacados;
Mas isto não é bonito,
Não vale andarem zangados,
Tu e o pajem favorito,*

*Nos lábios do Afonsinho
Depõe um ósculo ardente
E adormece de mansinho
Aliviado, contente,
Nos lábios do Afonsinho!*

Boavida, Boavida,

*Basta já de cascarrão;
Lança a casca indefinida
Nas asas da viração,
Boavida, Boavida!*

Até que, para cúmulo da troça, aparece uma vez à Porta Férrea, vendida a vintém, *A Casaqueida*, um poema completo em oitava rima, anónimo, causticante, e vazado, inda por cima, nos moldes clássicos d'*Os Lusíadas*! O autor da epopeia soube-se depois quem era. Era o Pinto da Rocha, brasileiro, que é hoje, no Rio, deputado não sei por onde.

Cá está o poema:⁶⁶

A CASA QUEIDA

(Epopéia)

*Os Abreus e os Paixões assinalados*⁶⁷
Que em capas e batinas elegantes

⁶⁶ *A Casaqueida* tem um *acto adicional* na 8.^a página: quatro quadras, paródia ao *Quê dê a chave*, mas que, por serem um pouco livres, iriam melhor no alçapão deste livro, se o tivesse! Todo o livro devia ter o seu, e até o Sr. Teófilo de Braga arranjou um... para o *Campo de Flores*! As *Criptinas*!

⁶⁷ O Abreu era José Maria Mendes de Abreu, que tinha então loja de alfaiate na Calçada, defronte do livreiro Melquíades, à direita, quase ao chegar à Portagem. É um dos mais honrados homens que tenho conhecido e hoje um dos mais simpáticos e acreditados comerciantes da Lusa Atenas.

O Paixão, muito regenerador e de bigode e pêra, morava, e acho que ainda mora, ao pé da Universidade naquele quarteirão onde ficava, à esquina da Rua do Borralho, a taberninha da Tia Maria Camela (no Céu esteja a fazer peixe frito!), que morreu no meu 2.º ano, em Fevereiro, morte que as *sebentas* comemoraram saindo esse dia todas de luto! Mas o alfaiate *da moda* era então o Barata, ao fundo de Quebra-Costas que, se tem vindo para Lisboa, chegava com certeza a ministro de Estado, porque tinha uma figura de conselheiro – ultra-imponente!

*Já foram no estrangeiro premiados
E ganharam medalhas e diamantes;⁶⁸
E, apesar dos calotes malcriados,
São mestres, poderosos, deslumbrantes,
Valem menos, talvez, que uma cavaca
Comparados co'o autor da tal casaca.⁶⁹*

*Termine dos pelintras pés-de-banco⁷⁰
A fama do banquete em que pensaram,
Exalem da Revista o extremo arranco
As paródias terríveis que a troçaram;
Que eu exponho à bexiga em verso manco
A semiputa veste que pintaram;⁷¹
Cesse tudo o que a troça antiga canta
Que a célebre casaca se alevanta.*

*Estavas, Boavida, em doce enleio,
Bebendo da sebenta o puro mel
Que o Pacheco te deu em mês e meio⁷²
Por setecentos réis em mau papel,
No saudoso Choupal em casto anseio
Esgotando da taça o amargo fel
E repetindo aos ecos do caminho
O adocicado nome do Afonsinho.*

Doutros bonitos pajens e crianças

⁶⁸ *Diamantes...* Piada ao Paixão, que embirrava que lhe pedissem o diamante...

⁶⁹ Provavelmente, o Barata...

⁷⁰ *Pés-de-banco* são os estudantes do 3.º ano.

⁷¹ Veste de segundanista.

⁷² O Pacheco era o dono duma litografia da Rua das Cozinhas, onde se imprimiam as sebentas. Ainda havia outra: a do Manuel do Marco da Feira, vulgo *Manuel das Barbas*.

*Os olhos feiticeiros esqueceste,
E no entanto por dar-te mais esp'ranças
Noutro palmo de cara te prendeste.
Apresentá-lo ao mundo te abalanças
Como prenda do Céu que recebeste,
E a gente toda enfim que te apegina
A casaca pedir-te determina.*

*– Traziam-na os malvados e os tiranos
Aí pelas paredes desenhada,
Como outrora os trocistas desumanos
A naifa do Araújo celebrada;
E tu, chorando os teus fatais enganos
Com soluços na voz entrecortada,
Suplicavas com ar tristonho e sonso
Compaixão prà casaca e pró Afonso.*

*– No vasto azul as ventas espetando
A procurar no céu trinta mil réis,
As ventas, porque as mãos iam buscando
Nos bolsos da casaca os infíeis
Baguinhos com que a dita hás-de ir pagando
Ao remendão cruel entre os cruéis,
Tristemente buscavas pelo espaço
Santo que te valesse em tal... andaço.*

*Mas porque a troça enorme pressentisse,
Ou porque seja então melhor dotado
De valentia ou de pulso, ou porque visse
O seu futuro atroz no céu pintado,
Ou porque enfim também lhe não fugisse
O seu mimoso Afonso alvo e doirado,
O Boavida eleva-se iracundo,*

Ameaçando a terra, o mar e o mundo.

*E o povo de Coimbra ao saber tal,
Por amizade alguns, muitos por troça,
Todos pelo prodígio colossal,
Em grande multidão compacta e grossa,
Aclamavam nas ruas, imortal,
Em berreiro que pouco a pouco engrossa,
A casaca ondeando com a aragem
E os cabelos frisados do seu pajem.*

*Havia já três dias que findara
O triunfo ideal do Boavida;
E a trombeta da fama, que lançara
O seu nome esquecido em tanta lida,
A sua voz de todo já calara,
Quando, oh! desgraça triste e perseguida!
A casaca que os ares escurece
Pintada nas paredes aparece.*

*– Tão tenebrosa vinha e tão borrada,
Que pôs em todos nós um grande medo;
Terrível o Paixão de longe brada
Que o gigante conhece pelo dedo,
E o punho cerrando em sanha irada
Desta arte, aos sábios fala do segredo:
– «Explicai, ó doutores de barraca,
Que mistérios são estes da casaca!»*

*– «Oh! tu que de alfaiate tens o jeito
E que tiveste a glória da medalha,⁷³*

⁷³ É o Barata! O Barata alfaiate obtivera, com efeito, uma medalha na Exposição Industrial de Coimbra.

*Que devias trazer sempre no peito,
Como prémio às belezas da toalha
(Lhe diz a sábia gente em grave respeito),
Oh, tu, cuja tesoura tão bem talha,
Tu não podes saber quanta má vida
Faz passar a casaca ao Boavida!*

*O César pensador⁷⁴ já procurou
A origem da casaca decantada,
E concluiu por fim do que buscou
Que essa mesma casaca fora usada
Pio grande Rosalino, que a deixou
Numa casa de prego pendurada.
No prego tanta traça e tanto dano!
Na rua tanta troça e tanto engano!»*

.....

«— *Os muros de Coimbra a sorte escura*

⁷⁴ Este César Pensador não passou do 4.º ano de Direito, depois de ficar *chumbado* umas poucas de vezes em todos os anos! A Faculdade embirrou com ele, deu-lhe o grau e mandou-o embora, com aviso de que quantas vezes viesse ao 5.º ano, para se *formar*, quantas vezes o reprovavam, e que o melhor, portanto, era ir-se para Penafiel, advogar. Foi, e lá advoga — e por sinal que, tendo uma vez de defender um réu, lembrou-se, por *chicana*, de alegar a embriaguez do homem, que aliás nem vinho bebia! A páginas tantas do seu *discurso*, o réu, já farto de se ver tratado de bêbado pelo César, levanta-se do *mocho* e diz-lhe assim, furioso:

— Bêbado estaria o senhor, que tal está a festa?! Eu nem vinho bebo!

Não perde o César as estribeiras, e volta-se para o júri e apostrofa — apontando para o desgraçado:

— Estava bêbado, Srs. Jurados... e *ainda está!*

A figura do César, careca e quase sem barba, e uns olhos tão azuis que quase são brancos, e sem sobrancelhas, essa não se descreve! No colégio chamávamos-lhe o *crocas*, e era um namorador de mil demónios!

*De tão negra casaca memoraram
E por lembrança vil, com tinta impura
As abas da casaca apresentaram,
Um nome lhe puseram qu'inda dura.
E que as facas terríveis não raspavam.
Ora vede que triste e que sombrio
É casacas comprar de tal feitio!»*

«UM HOMEM NÃO É DE PAU»!

No tempo em que eu andava em Coimbra, as mesadas dos estudantes não eram já o que eram noutros tempos, em que *uma moeda*, pelos modos, chegava para tudo e ainda sobrava!

Mas não eram também coisa de maior, e eu, por exemplo, com dez mil réis que recebia de meu pai todos os meses, num vale de correio que chegava pontualmente no dia⁷⁵, governava-

⁷⁵ Esta frase – «Dá Deus o frio conforme a roupa» – faz-me lembrar o que dizia um pobre lá em Coimbra:

– Sim, isso é verdade, Se a roupa é muita, o frio é pouco; se a roupa é pouca, o frio é muito.

Só os «pobres de Coimbra», do meu tempo, davam um volume! E estão agora a lembrar-me uns poucos: o *Senhora-Menina*, porque chamava assim a todas as mulheres a quem pedia esmola, ainda que fossem velhas; o *Rabino*, que era uma figura de mendigo shakespeariana; o *Merzendó*, muito parecido com o Sagasta; o *Cobra-Ladrão*, que ia aos ares se lhe diziam que «roubara as pratas da Sé», e não havia impropério que não vomitasse, mas que tinha os seus *assinantes*, isto é, estudantes que a troco de um copinho de genebra lhe podiam chamar *Cobra*, e até *Cobra-Ladrão*, as vezes que quisessem... mas só enquanto bebia a genebra; o *Newton*, outro que dizia de cor todo o binómio de Newton, sem lhe falhar uma palavra, e era cego, e andava de barretina por ter sido soldado; o *Pitonó*, grande sebastianista, que vendia «reportórios novos» (*pitó-nó*, como ele dizia); o *Jinó*, do nome do general Junot, porque não se lhe podia dizer: «Foge, Jinó, que aí vêm os franceses!»; o outro que tocava sanfona, parecido com o Pedro Penedo e ao qual, por isso, chamávamos *César Serro* e que a meia légua de distância já vinha com a mão engatilhada para um cumprimento que era sempre por estas palavras pegadas: «Como está passou bem? muito bem muito obrigado como vai também?», e só sabia estas duas quadras:

*Se vires um homem de pernas mui altas,
Olhos em guerra e cara de mau,
Prostai-vos por terra, beijai-lhe as sandálias,
E Pedro Penedo da Rocha Calhau.*

Não haverá por 'í quem merque

me!

De casa, quando vinha das férias grandes, nunca saí com mais de doze libras; e com esse dinheiro fazia a viagem, que era ainda assim de mais de cem léguas; pagava a matrícula quando chegava a Coimbra; pagava uma prestação da renda da casa – e chegava-me ainda para as despesas do mês, e... sobejava! «Dá Deus o frio conforme a roupa» – e as necessidades consoante o dinheiro!

Também as despesas do mês não eram tamanhas que não pudesse a gente governar-se – e governar-se com honra e vergonha; e até se dava o caso de que eram exactamente os estudantes *ricos*, isto é, os que, pelos modos, recebiam de mesada trinta mil réis e daí para cima (o que para nós outros era fabuloso!) os que mais atrasados andavam em contas! Todas as casas de prego os conheciam: o Bolson, jurista de alto coturno, tinha-lhes a todos conta aberta – e alquilador havia, e dono de botequim, que partiu pelo espinhaço com tais fregueses!

Não acontecia assim com os *remediados*! Esses

(Gritava um homem na Feira)
Vassouras da Bigodeira
Do Bernardo de Albuquerque?

E então o imortal *Horta*, que tinha entrada de graça em todos os teatros, e era um Pândego de marca maior!

Este lembrou-se uma vez de pintar de verde unta galinha, e foi mostrá-la à Figueira, dentro duma gaiola, dizendo aos da Figueira que era um papagaio; e uma noite que eu o encontrei na Baixa, perto da Ana dos Ossos, prostrado como se estivesse bêbado, disse-me assim quando eu fui *acudir*:

– O Sr. Doutor, deixe! Isto é a ver se os polícias me levam às costas.

E levaram – e quando chegou ao limiar da esquadra, pensando os polícias que o «pobre Horta» – coitado! – estava com «um acidente», o Horta perfilou-se muito perfilado, e disse-lhes assim muito cortês:

– Quanto é a *corrida*, ó camaradas?!

governavam-se! Em regra, arranchavam todos em *república*, em qualquer rua do Bairro Alto, em cujo topo fica a Universidade; e eles e uma criada, em geral «já de certa idade», lá se arranjavam de portas adentro – e arranjavam-se bem: almocinho sempre de garfo, metendo os seus ovos e o seu bife, café com leite e pão com manteiga, ou chá! Ao jantar, a bela da sopa, o belo do cozido, os seus croquetes ou coisa parecida, um regalado «prato de meio», frutas à sobremesa, queijo, café – e Baco sempre presidindo, e a Alegria!

Tudo isto, por seis a oito mil réis por mês, cada um! Pagavam cada um oito tostões à criada, dois tostões cada um à servente que fazia os recados externos e seis vinténs ao engraxador – quase sempre um aprendiz de sapateiro que, às seis da manhã, e às vezes antes, já estava à porta do nosso quarto, rente à qual, da banda de fora, púnhamos o calçado todas as noites.

O resto eram «extraordinários»! Assinava-se a sebenta à razão de sete tostões cada uma (três: 2\$100), pagava-se à lavadeira e à engomadeira, e chegava ainda para as meias solas – e para o mais que era preciso!

Tudo dependia, em regra, do *bolsa*. *Bolsa* chamam em Coimbra ao estudante que dirige a fazenda da *república* – e é, já se vê, um por mês. O *bolsa* recebe o dinheiro e governa a casa. Todas as noites, depois do chá, a criada segue-o ao seu quarto, e aí, defronte do candeeiro amarelo de latão, de três bicos, e em cima da sebenta aberta, desdobra-se o mapa das despesas, com tantas casas quantos os dias do mês, e a indicação, na margem esquerda, dos géneros de consumo normal – e a ladainha começa:

– Pão...

Responde a criada:

– Tanto.

– Azeite...

– Tanto.

– Carne

– Tanto.

E assim até ao fim, e se há género novo, ainda não incluído em tabela, inscreve-se no fundo desta. Soma-se depois a despesa, deduz-se do dinheiro entregue na véspera, dá-se mais para o dia seguinte, e... «Boa noite, Sr. Doutor, estimo que passe bem a noite!»

A Maria Gorda, essa, dizia-me sempre, com aquela cara muito branca, muito sadia e muito risonha, que Deus lhe deu:

– Adeuzinho, Sr. Doutor! Sonhe comigo, que não lhe custa nada!

E que sonhasse! A Maria Gorda era quase matrona e tinha um filho, o Artur, que já andava no ofício.

(Aquele Artur fora algum *sonho* da Maria Gorda – mas em certos dias era o seu *pesadelo*! Zupava nele como em centeio verde.)

Ora pois! Já estão a ver que, se o *bolsa* era económico, isto é, se não se metia muito pelos *petiscos*, seis mil réis chegavam e sobejavam; mas se alguma coisa, no último do mês, crescia do dinheiro entregue, o resto não era restituído – isso ainda que o *bolsa* fosse o modelo da economia! Reduzia-se a vinho do Porto, ou, se chegava, a uma garrafita de champanhe – e «Viva a Maria Gorda!»

Na minha *república*, quando fazia de *bolsa* o Nunes da Silva, que é agora juiz de Direito e faz umas sentenças muito *historiadas*, era infalível a bancarrota!⁷⁶ As duas por três,

⁷⁶ A minha *república* compunha-se dos seguintes: eu; o Nunes da Silva, chamado também o *Silva das Moças*; o Eduardo Carvalho, que está agora juiz e é um jurisconsulto de nomeada; o João Baptista Rebelo de Sousa, da Ponte da Barca, leitor assíduo e entusiasta do *Espectro da Granja* e agora juiz tia minha terra; o Rocha Peixoto, primo deste, e que era ainda caloiro, e se formou em Medicina; o António Joaquim Marques de Figueiredo, que foi delegado em Chaves e cujas promoções foram lidas na

metia-nos ao jantar mais este *prato*:

– Rapazes, esportulem-se!

Morria-se por petiscos – e... nós também!

A noite era sempre canja!⁷⁷

De resto, havia-os por lá que viviam com muito menos dinheiro: eram os subsidiados da Filantrópica. Com seis mil réis governavam a vida – e eu mesmo, quando meu pai me não

Câmara dos Deputados e eram alegríssimas; e então o António Sérgio Carneiro, a quem chamávamos o *Grilo*, por ser miudinho e falar muito, e também o *Libaninho*, porque sabia de cor os diálogos d’*O Crime do Padre Amaro*, em que entrava o Libaninho, e está agora delegado na Carvazeda. A todos se refere este fado do Eduardo Carvalho, a que nós chamávamos o *Fado da República*:

MOTE

O Trindade bota artigos

O Libaninho dá sorte,

O Sousa esfola inimigos,

Figueiredo faz um corte.

Agarradinho à pena

Por essas noites de Inverno

Escuras como um Inferno,

Como a profunda geena,

O Trindade – oh! Deus, que cena! –

Deixa à mesa os seus amigos,

Nos jornais faz uns pascigos

Em crônicas e mais petas;

E, guisando quatro tretas,

O Trindade bota artigos.

Ai! pobre Grilo fadado

Pra todas as calinadas,

Vou cantar tuas piadas,

Não fiques encavacado...

Pra ires aparelhado

Terás outro de igual porte

quis dar mesada por ter ficado reprovado no 1.º ano, tive diante de mim, com ânimos de o resolver, o problema de viver sem mesada! Também se faz disso – e fi-lo eu, e nunca tive tanto dinheiro na minha vida!

Foi o caso que, tendo eu estudado a valer no 1.º ano, vou a acto e reprovaram-me! Eu era um *anónimo* no meu curso, e quando me chamaram à lição estávamos quase no fim do ano! Plos modos, *não* fizeram *juízo* – porque precisavam do tempo para o fazer doutros e para o *refazer*!

– *Esse Bicho lá do Norte*
Teu colega na tolice.
Ai, não sei bem quem me disse:
O Libaninho dá sorte.

Com gestos de deputado
E com frases de orador,
O Sousa conservador
Ajudante nomeado
Deixo o Silva embasbacado,
Eduardo e mais amigos
Que desconhecem os perigos,
As tramóias da política;
E com a faca da crítica
O Sousa esfola inimigos.

Lendo sebatas do Praça
Junto à solitária banca,
Figueiredo diz: «Que graça!
São seis horas de retranca...
Quem te dera c'uma tranca,
Sebenteiro de má morte!»
E em cólicas brada forte
contra o Seco e contra o Pito,
E se o Costa não apita
Figueiredo faz um corte...

⁷⁷ Este luxo da canja saiu-nos *caro* uma vez; porque o *Saraiva das Forças*, nosso vizinho, teve artes de despejar na panela de lata... uma limonada de citrato de magnésia! Ou outra droga de efeitos análogos!

Vou a acto e chumbaram-me – e eu saio do acto, e vou pela Imprensa da Universidade, e na Imprensa da Universidade deixo o manuscrito dum livro sobre a cadeira cujo lente (soube-o depois) fora o da iniciativa da minha *raposa*.

Ainda estou a ver com que lágrimas nos olhou o Dr. Abílio Augusto da Fonseca Pinto, administrador da Imprensa, e escritor de mão-cheia, recebeu das minhas mãos o manuscrito

– Eu desejava isso impresso quanto antes – disse-lhe eu.

Resposta dele, que foi depois tão meu amigo como se fosse meu pai:

– A vapor!

Passado um mês, t livro estava impresso; eu passava pela porta do lente que me reprovava e deixava-lhe um exemplar – e no mesmo dia partia para férias...

Em férias, meu pai, que morria por mim, quase me não deu palavra; e no fim, como quer que me visse de mala pronta, perguntou-me «para onde era a viagem...»

– Para Coimbra! – respondi-lhe eu.

– ...Para o Brasil, para Africa, ou para onde quiser... Não será com dinheiro meu, que é também de seus irmãos.

Respondi:

– Basta-me a sua bênção.

E parti só com a sua bênção – para Coimbra, distante mais de cem léguas.

Em Coimbra, contou-me logo por um caixeiro da livraria do Cabral que os ventos tinham mudado! Plos modos, os lentes haviam *lamentado*, em cavaco nessa livraria, a minha *raposa*!

«Tinham-se enganado... Fora um engano... Coisas que acontecem...»

Coisas que acontecem!

...Mas chega o primeiro dia de aula, e o meu feroz carrasco *chama-me de cara*...

Levantei-me e dei a lição... – e ao cabo de cinco minutos

diz-me ele *generosamente*:

– Estou satis'eito (ele não dizia *satisfeito*, com todas as letras). Estou satis'eito! O Sr. Fulano tem a sua frequência feita.

Queria dizer que não me tornava a chamar... Criara fama, podia-me deitar a dormir! Resposta minha:

– Muito obrigado. Mas farei eu a lição para o curso. (Quer dizer, faria eu a sebenta, velaria eu enquanto os outros poderiam dormir.)

E fiz a lição para o curso; e ainda dava três tostões por dia a um copista, porque eu nunca me ajeitei a escrever em papel de sebentas, e tive dinheiro a rodos pelo ano fora (350 de cada condiscípulo e eram 107 condiscípulos) –e o meu livro, a cinco tostões, vendia-se como canela, demais a mais desde que o meu Herodes dissera assim no último dia de aula:

– Serei benévolo nos actos com os meus ouvintes, como costume. (Este *como costume* é que para alguns era o diabo!) Adquiram o Livro do seu condiscípulo, o Sr. Fulano (era o meu livro!), pois com ele me contento –e sejam felizes

Por portas travessas, mandavam-me pedir que leccionasse nas férias de ponto este e aquele... – alguns que tinham fraca frequência, e como quer que eu tivesse de fazer acto quando um desses, até o meu ponto, que era fácil, passou para esse, e o dele, que era difícil, passou para mim⁷⁸...

Desta vez não fiquei reprovado! Eu e o meu condiscípulo – ambos *nemine*!

Tive, pois, dinheiro a rodos, todo o santo ano; e tanto que, açulado de inveja, o meu copista, a quem eu dava o que

⁷⁸ Lembro-me perfeitamente: o ponto era: *Direitos absolutos; Monogenismo e poligenismo*. A 1ª parte era para mim, por ser o 1.º da turma; e a 2ª, para o meu condiscípulo. Mas como, petos modos, a 1ª era fácil e a 2ª difícil... – foi a minha casa um lente de Matemática, protector do outro, dizer-me que estudasse eu *Monogenismo e poligenismo* deixasse para o nutro *Direitos absolutos*... E assim se fez!

me pedira, e que era o usual, um dia *fez greve* – e disse-me que «só por cinco tostões copiava a sebenta»!

Disse-lhe que sim. Mas vai no fim, apanho-me com a sebenta copiada, dou-lhe os cinco tostões, e aí nos engalfinhámos ambos – nessa água-furtada do Terreiro da Péla, esquina da Rua dos Militares, onde era o meu quarto, até um de nós rugir a quebrado!

Era ele!

Era ele, que, aliás, nos dias em que eu recebia o meu *rico dinheiro*, arranchava com quantos apareciam – e enquanto havia dinheiro havia o que eles queriam!

Não coalhei nunca cinco-réis – e, lá na terra, meu pai, de arrependido que estava, andava aflito!

Eu, regaladíssimo!

Já se vê, pois, que em Coimbra vive-se como se quer! A fatiota é sempre a mesma. Eu, por exemplo, enverguei uma batina no dia em que cheguei a Coimbra, pus-lhe por cima uma capa – e capa e batina foram elas, que me fizeram a formatura!

Ora mas tudo isto vem para um caso! O qual caso, lido um destes dias num jornal, andava foragido da minha memória, e até dos meus papéis velhos!

Reza ele que o pai de certo estudante, espantado com os *extraordinários* que lhe fazia o filho, escreveu para Coimbra a pedir-lhe contas! Queria o rol da despesa todos os meses: «Ao menos, que demónio!, pra saber em que se vai embora tanto dinheiro!»

Obediente, prega-lhe o filho a conta seguinte, pra começar:

Quarto e comida	18\$000
Roupa lavada	1\$800
Cosida e engomada	1\$200
Sapateiro e alfaiate	7\$000

Papel, estampilhas, etc.	2\$000
Barba e cabelo	\$500
<i>Um homem não é de pau</i>	<u>90\$000</u>
Soma réis	120\$500

A RÉCITA DOS QUINTANISTAS

No tempo em que eu andava em Coimbra, ainda a «récita dos quintanistas» (chamada também «de despedida») era coisa de se lhe tirar o chapéu! Mais ou menos, as peças ainda cheiravam todas à *Fábia* – a imortal *Fábia* de Francisco Palha, que é a avó de todas as farsas engraçadas que têm feito rir, há meio século, as plateias da Lusa Atenas!

Agora, parece que já por lá se não fazem peças assim; e até o Teatro Académico já não existe, e, em vez dele, que foi arrasado para se fazer outro, ou, melhor, *para se não fazer outro*, vê-se defronte do monumento a Camões, que a minha geração ali erigiu, um terreiro atulhado de pedras – que dá à gente vontade de chorar!

Hic Troja fuit!

Foi ali o Teatro Académico!

Materialmente, o Teatro Académico, que fazia parte do edifício do Clube, não tinha nada de notável. Era uma plateia regular, com uma ordem de frisas e duas de camarotes – tudo liso, sem ornatos, e tudo pintado de branco! O palco era um casarão enorme; os camarins, uns verdadeiros cubículos; e a casa chamada dos «adereços», «da arrecadação», ou «guarda-roupa», toda *ilustrada* pelas paredes, e com muitos nomes e muitas datas, metia medo pelo que lá continha!

Mas, em noites de festa, tudo aquilo parece que o tocava uma varinha mágica; e o teatro, enfeitado de flores e iluminado a gás – e decorado com as pastas dos quintanistas se a récita era «de despedida» –, metia um vistão como nenhum outro! E se por ali passava alguma notabilidade da cena portuguesa ou europeia – e passaram todas! – ou algum artista de fama (isto quando se quebrou a praxe de só lá representarem estudantes, que faziam mesmo os papéis de mulheres), o cochicho onde lhe

armavam o camarim parecia logo um cantinho do Céu, o palco era um Olimpo, e cá em baixo, na plateia, o entusiasmo de cada rapaz uma granada prestes a rebentar, desatando-se, quando rebentava, em chuva de estrelas!⁷⁹

E ovação ali feita não esquecia mais a quem a recebia; e, se era mulher, além da chuva de flores dos finais do acto e dos intervalos, e do diploma de sócio de mérito da Academia Dramática entregue numa linda pasta, e com um discurso ainda mais lindo, tinha, à saída do teatro, a fazerem-lhe de tapete, as capas dos estudantes, vivas e palmas que eram um delírio – e a acompanhá-la até ao hotel, uma ovação que não despegava, a guarda de honra de toda a Academia, com música a tocar o *Hino Académico*, e archotes à roda da carruagem, e vivas e

⁷⁹ A primeira vez que Taborda representou no Teatro Académico, representou porque os rapazes o *raptaram* quando passava para Lisboa, de volta do Porto, onde fora representar! Tinha ideia que o *rapto* se dera em Condeixa; mas, consultado por mim o grande actor, numa carta que lhe escrevi, respondeu-me com a seguinte:

Não foi em Condeixa que se deu o rapto, foi no Sardão, onde mudava o gado a mala-posta e onde uns poucos de académicos me esperavam na volta do Porto, onde tinha ido entrar num espectáculo em benefício dum colega, e me convidaram a meter-me com eles num carro que os tinha levado e fizeram seguir para Coimbra, onde já tinham anunciado que eu tomaria parte numa récita, pois era véspera de feriado. E quem resiste a académicos, quando eles tratam como me trataram a mim? Passada também a minha mata para o carro deles, lá fomos, uns de carro, outros a cavalo, até à casa onde alguns deles estavam hospedados, que era a caça do Olímpio Nicolau Rui Fernandes, director da Imprensa da Universidade.

Passsei um telegrama para Lisboa dizendo que só ali estaria um dia mais tarde.

À noite fiz duas cenas cómicas e eles fizeram o resto do espectáculo.

Já lá vão quarenta e três ou quarenta e quatro anos! Lembro-me ainda com saudades desse belo tempo. – Creia-me, etc. – F. Alves da Silva Taborda.

hurras!

Ora aquelas peças do 5º ano tinham todas um carácter muito especial – muito académico e muito coimbrão. Fora dali, seriam todas irrepresentáveis, pela razão de que fora de Coimbra não haveria ninguém que as entendesse!

Cada peça nascia assim: com um ano ou mais de antecedência, encarregava-se dela, por eleição, o mais reputado «piadista» do curso; este agregava a si os «subpiadistas», os poetas e os literatos, e, arrebanhado tudo quanto podia dar uma caricatura, ou inspirar um epigrama – pessoas, coisas ou acontecimentos –, arranjava-se um arcabouço qualquer para servir de manequim da farsa!

O manequim vinha, em geral, do guarda-roupa da História, ou do guarda-roupa da Literatura – e depois era só vesti-lo *à época*, mediante os aderecistas da casa, e armá-lo em ar de paródia: isto é, meter-lhe para dentro factos e episódios da vida de Coimbra até as costuras lhe rebentarem, e fazê-lo por fora muito grotesco! Saía sempre um grande estafermo, está claro, mas um estafermo engraçadíssimo!

Logo no arranjo da peça, está bem de ver, aproveitavam-se todas as vocações. Havia tal que tinha voz e gesto de imperador? Metia-se na peça um imperador, o mais barbaças e o mais tirano que fosse possível! Havia outro que era menor da marca? Estava na conta para um papel de anão! Aquele era namorado? Dava-se-lhe logo um papel de galã, ou distribuía-se-lhe um poeta lírico! Os que eram bonitos faziam de mulher (e D. Pedro V, que assistiu a uma récita, tomou o Oliveira Vale por mulher *a valer*), os feiarrões faziam de conspiradores, os pimpões de arruaceiros, etc., etc., etc.!

De modo que todas as vocações eram aproveitadas, e todos os tipos⁸⁰ e vinha a sair daquilo tudo, aí por fins de Abril,

⁸⁰ Os próprios defeitos eram aproveitados! Para um Ferreira Guimarães que está agora juiz, e que não era capaz de pronunciar os *cc*, fez-

princípios de Maio, um mistifório de morrer a rir! Mas o caso é que cada qual segundo a sua telha, e em papel segundo o seu feitio, davam todos, no palco, uns actores de primeira ordem!

Os lentes, em regra, eram o «bode expiatório» dessas peças – e em geral a vida da Universidade! E como os lentes tinham de assistir por delicadeza, porque eram todos convidados, e até, para os do 5.º ano, se enfeitava o camarote da frente – acontecia que os pobres doutores estavam afinal também em cena e faziam (mas esses sem caracterização, *ao natural*) parte da peça!

Logo que começavam as aulas, em Outubro, começavam logo também os ensaios – e iam de enfiada pelo ano fora! Como se não estudava nada para o 5.º ano, porque também isso era da praxe, o toque da «Cabra» às seis da noite, ou às sete nos dias compridos, era o sinal da reunião. Em vez de ir para casa agarrar-se à sebenta, cada qual tomava para o teatro; o primeiro

se-lhe um papel cheio de *cc* – e até esta quadra para ele cantar, num coro de conspiradores:

*A nossa conspiração
Debaixo destes arcanos
Parece uma decisão
Do conselho de decanos.*

Quadra que ele dizia assim, *pegando-se* ao chegar aos *cc*:

*A nossa onspiração
Debaixo destes aranos
Parece uma decisão
Do onselho de deanos.*

Lembro-me que numa assembleia geral para celebrar a proeza do major Quilinan, o José Botelho, sempre original, saiu-se com esta:

– Mas afinal quem era esse major?! Um tipo que bateu num velho!

Interrupção do Ferreira Guimarães, furioso:

– Pois sim! Mas vá-lhe lá dizer isso... na *ara*!

que chegava acendia o gás, que era um bico que fazia labareda, arrumado ao buraco do ponto – e aí começava a cavaqueira, que as mais das vezes impedia o ensaio e se prolongava pela noite fora!

A meio do ano começavam os ensaios da música; chegava a meio do ano o 2.º acto; e aí por Abril, quando o *ponto* vinha já perto e se pensava já em imprimir os cartazes, aparecia uma noite o 3.º acto, com o 3.º acto o resto da música – e já os ensaios não eram possíveis, com o palco atravancado pelos cenógrafos, pintando o cenário de afogadilho!

Mas no dia aprazado fazia-se a récita, porque três dias antes ninguém se deitava; e quando o pano, às oito e meia, subia majestosamente, o curso todo estava no palco, de capa e batina, e cantava em coro o *Hino da Despedida* – com as noivas nos camarotes, e as primas, e as mães, chorando todas de enternecidas!

Seguia a récita entre gargalhadas; recitavam os poetas, nos intervalos, de alguma frisa; e por alturas do 3.º acto, que rompia sempre às três da manhã, já não havia dois que se entendessem – e o champanhe, lá dentro, estoirava como se fossem granadas!

Depois da récita era a ceia – mas na ceia, as mais das vezes, já havia mais lágrimas que gargalhadas!...

*Pois que o fogo deste dia
Talvez que na vida inteira
Seja a aurora derradeira
Da nossa imensa alegria*

como no *Hino da Despedida*, no meu ano, dizia o Costa Macedo! Ora, das récitas do meu tempo, lembram-me três além da minha – e, por tradição, outras conheço anteriores e algumas que vieram depois.

Das anteriores, lembro-me de ter ouvido falar, por exemplo, da do curso de António Cândido, intitulada *Fígados de Tigre*, original de Francisco Gomes de Amorim, e em que fazia de Tigre um coxo chamado Holbeche, que aparecia com umas grandes barbaças; de galã, o José Cabral, que está agora na instrução Pública, e de Tântalo um Albino Cordeiro, de Penacova, que passava a peça metido num tanque, morto de sede, e o tanque à sombra duma bananeira carregada de bananas; e ele, coitado – morto de fome!

Ingénua dos *Fígados de Tigre*, fazendo de Tomásia, o poeta das *Crepusculares*, Macedo Papança, hoje conde de Monsaraz, que todos se lembram que fez «um papelão», com seus ares, demais a mais, de imitador de Paladini, que esse ano estivera em Coimbra! Até Camilo Castelo Branco, que assistia à récita do camarote chamado «dos conselheiros», ofereceu um brinde à *exímia atriz* – e esse brinde, por sinal, era o volume de René Ménard, *L'Histoire des Beaux-Arts*, encadernado em percalina azul, e no princípio levava esta quadra, original de Camilo:

Destes reis da Etiópia, Arábia e Ásia
Detesto cordialmente a realeza;
Mas dobro o joelho a ti, loira princesa,
*Doida cocote, lúbrica Tomásia.*⁸¹

⁸¹ Ora mas o que poucos sabem é que esta quadra é a primeira de um soneto que Camilo enviou, depois, de São Miguel de Ceide, a Macedo Papança, acompanhado de uma carta muito interessante. Carta e soneto são inéditos, e aqui se estampam:

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. – Agradeço a V. Ex.^a lembrar-se deste seu admirador, em anos já tão frios e incapazes de admirações pelas formosas coisas da poesia.

Tem V. Ex.^a o condão de ser bom e amorável no meio dos seus satanismos métricos.

Outra. A peça do curso de Gonçalves Crespo. Essa chamava-se *Extravagâncias Extraordinárias ou as Profecias do Bandarra*, e diziam os cartazes que era feita «por dois irmãos siameses» – e estes dois irmãos siameses (um preto e outro branco!) vinham a ser o Gonçalves Crespo e o António de Melo, hoje conde de Sabugosa!

Desta, sei que o 1.º acto passava-se em Lavarrabos, onde

Os da escola de V. Ex^a, por via de regra, alinham todas as consoantes perversas que podem, e nem sempre respeitam Deus mais do que a gramática. Quando falo na escola, não comparo V. Ex^a como idealista aos filhos da ideia Nova, que conversam as ondinas do Tejo e o mau colares do Xijank, Os seus versos, meu caro poeta, são sentimentos; e se, às vezes, parecem banalidades, isso demonstra que V. Ex^a está nos vinte anos e é sanguíneo.

Se a crítica dos velhos quiser aplicar-lhe a lanceta, ria-se V. Ex^a das cantáridas com que eles se ungem para o sacrifício da castidade.

Lembrou-me agora que tinha aqui na capa de uma brochura escrito o soneto do qual lhe dei a primeira quadra naquela alegre noite dos Fígados. Aí o tem inteiro na página seguinte. Se tiver um arquivo de frioleiras, ponha-o lá.

De V. Ex^a

Adm.^{or} e Cr.^{do} afectuoso e Obg.^{do}

Camilo Castelo Branco

A ANTÓNIO DE MACEDO PAPANÇA

*Destes reis da Etiópia, Arábia e Ásia
Detesto cordialmente a realeza;
Mas dobro o joelho a ti, loira princesa,
Doida cocote, lúbrica Tomásia.*

*Não lembras de Romeu a doce amásia;
Mas fazes recordar certa Teresa
Que, em banzés de Paris, mantinha acesa
A lascívia que faz arder Aspásia.*

uma companhia ambulante aparecia a representar melodramas, e que um destes chamava-se *Caracala*, sendo o papel do figurão romano representado na primeira noite por Gonçalves Crespo e na segunda por um dos maiores pândegos que têm andado em Coimbra, hoje conselheiro e ex-governador civil de Vila Real, José Pinto Dá Mesquita Gouveia!

Pelos modos, este Caracala bebia os ares por uma rapariga muito bonita, que era nem mais nem menos do que o Pereira e Cunha, o pai incógnito de todos os códigos administrativos que têm vindo a estes remos há bons vinte anos, hoje par do Reino; e como o seu fito era seduzi-la, a rapariga punha-lhe o amor à prova de grandes dificuldades, e tudo era, por lhe escapar, pedir-lhe impossíveis! Uma vez disse-lhe que queria já para ali uma ária de trombone; e como quer que houvesse no curso um que imitava um trombone maravilhosamente, foi só pedir por boca:

– Salta aqui, Portocarrero, uma ária de trombone!

Do nome todo deste Portocarrero já me não lembro, mas sei que lhe chamavam em Coimbra o *Mê-Menino* – assim como me lembro que o papel de Bandarra era feito pelo Moreira Feio; e que havia outro, um Soeiro Cerdeira, que assobiava de pássaro divinamente! Por sinal que, engasgando-se a meio de um trilo, caíam todos num grande susto:

– Que terá?! Que não terá?!

Respondia o Cerdeira:

Tenho um bicho cá por dentro

*Quem te pôs nesses olhos requebrados
O dardo cupidíneo com que feres
Uns peitos já senis e encouraçados?*

*Tu és hermafrodita quando queres;
E na farsa dos Fígados Danados
És mulher mais mulher do que as mulheres.*

Que me rói e vai roendo!
Quanto mais o bicho cresce
Mais a dor me vai crescendo!

Era a solitária! A qual solitária lhe era logo extraída mesmo no palco e levada de presente ao Dr. Lourenço, lente de Medicina!

Para o curso do Álvaro Possolo, quem fez a peça foi o José de Azevedo Castelo-Branco, não obstante ser de Medicina, e a peça chamava-se *A Torre de Bugalhos*, e fazia de bobo o Vicente Pindela; de rainha, o Miguel Horta, agora juiz das execuções fiscais; de príncipe, o José Petiz, transmontano; e de rei, o João Damasceno, que foi secretário-geral em Portalegre e tinha um ceptro que era uma grande moca dourada. E a do curso do Amónio Centeno, *Belbuzina ou Pele do Diabo*, foi feita pelo Coelho de Carvalho, e metia um ministério em que o papel de Rodrigues Sampaio era feito pelo Francisco Júlio de Sousa Pinto, que foi juiz em Coruche e o é agora, se me não engano, em Vila Nova de Ourém.

Nesta havia um *Coro das Sebentas* muito engraçado, feito pelo Barbosa de Magalhães e cantado pela rapaziada do curso, de que faziam parte: Augusto Eduardo Nunes, actual arcebispo de Évora; José de Alpoim; o Catanho de Meneses, advogado em Lisboa; Araújo e Gama, que está agora lente de Teologia; o Ezequiel Prego, hoje visconde de Sousa Prego e secretário da Legação de Madrid; o Bernardo Cana, agora conde de Cana, o Rodrigues Lima, etc., etc.

As sebatas entravam no palco três a três, e eram quinze, porque eram três de cada ano; e a de Direito Natural, por exemplo, cantava Isto – piada ao lente da cadeira, que era o Calisto:

Eu sou o metafísico Direito

*Chamado pelo Ferrer – natural:
Em ciência nada dou que tenha jeito,
Mas... a botar discurso não vou mal.*

A de Direito Romano troçava o lente, que era o Bernardo de Albuquerque, mas dessa não me lembram senão estes dois versos:

*Sou velho e estou cansado, bolorento,
.....
.....
Digesto e Institutas, Waldeck e as Pandectas!*

E a de Direito Civil troçava o Pedro; e as do 2.º ano os respectivos lentes, que eram o Pina Abranches, em Economia Política, o Sanches da Gama, em Direito Civil, e o José Brás, em Direito Público:

*Senhor's, eu cá por mim sou triste e misantropo!
Chamam-me Economia e dão-me canelão!
Vamos, vamos daqui, que eu quero ver se topo
Algum José Garnier... mas em segunda mão!*

*Filho de Demolombe, irmão de Duranton,
Primo de Marcadé, sobrinho de Rogron,
Eu ando agora a ver se o Código Civil
Tem vírgula de mais, ou tem de menos til!*

*Ahrens é o meu ideal, e a Carta tudo encerra
Com esses dois bordões é que vou dando trela.
Mas Carta com manteiga, à mesa ali do Serra,⁸²*

⁸² O Serra era um restaurante nos baixos do Clube Académico, servido, no meu tempo, por uma rapariga muito bonita. Era um regalo jantar

E Ahrens com sável frito em casa da Camela!

E com o Garcia, que regia no 3.º ano Direito Administrativo e levava o ano com o Positivismo do Comte, era esta:

*Quem sou ninguém o diz porque ninguém o sabe:
Sou a ciência infusa, a ciência do Littré,
Que a tudo se apropria, em toda a parte cabe
E que explica bem que o que é não é o que é!*

As quadras: ao Jardim, que regia Direito Civil, e ao Mendonça Cortês, que regia Finanças, já me não lembram, e deviam ser boas; mas a que se referia ao Chaves, que no 4.º ano regia Direito Eclesiástico Geral, era assim:

*Eu que sinto no peito o casto amor latino
E gosto de varrer o pó das catedrais,
Vou tentar traduzir em verso alexandrino
O compêndio do Shenkl e as Falsas Decretais!*

Já me não lembra também a quadra ao Troni e ao Pita, que regeram nesse ano Teoria do Processo; mas da quadra ao Fernandes Vaz, que regia Direito Comercial, essa era assim:

*Nasci em 33; e sou no mundo inteiro
Direito Comercial às turras com o Forjaz!
Mas aliei-me agora ao Hintze Ribeiro
E hei-de conseguir dar mais um passo... atrás!*

Devia ser ótima a quadra ao Seco, que regia no 5.º ano

ali, senão pelo que nos servia – menos por ela, que tinha nos olhos encantadores!

Direito Penal; e da dedicada ao Aires de Gouveia, agora bispo de Betsaida, e que ensinava Direito Eclesiástico Português, por mais que faça só me lembra isto:

Visitei

.....

.....

Assaz vos dissertei e ao ponto me revento.

E da quadra ao Pais da Silva, que era o lente de Prática do Processo e carregava as prelecções de sabedoria, só me acodem os dois últimos versos:

.....

.....

A correr e de cor, cito e recito

Leis, decretos, acórdãos, portarias!

Está claro que havia os *coros* – e desses lembram-me dois:

Passa bem, litografia!

Saúde e pintos, Pacheco!

Soou a hora da redenção,

*A deus Pacheco, adeus Paixão!*⁸³

Das récitas posteriores ao meu tempo, duas merecem menção: *Ó Fábria Que Foste Fábria*, de António Cabral, e a *Fonte de Sabedoria*, de Ângelo Ferreira e Carlos Braga. A peça de António Cabral era uma restauração da *Fábria*, e muito

⁸³ Pacheco era o dono da sebentaria da Rua das Cozinhas; Paixão era o alfaiate Paixão.

engraçada; e no intervalo do 1.º para o 2.º acto, lembro-me que um telegrama foi entregue ao António Cabral, e que o telegrama rezava assim:

*F. Palha, por seu mal
Tão pertinho já da cova,
Saúda António Cabral,
Novo autor da Fábria nova.*

Eram as palmas do velho Francisco Palha, coitado, que tinha de morrer pouco depois.⁸⁴

⁸⁴ A *Fábria* era o salvatério! Curso que não tivesse peça original, representava *a Fábria*; e até o próprio curso de João Penha, que tinha boémios de primeira ordem, levou *a Fábria*! «Casa de ferreiro, espeto de pau!»

Mas *a Fábria*, nesse ano, metia os melhores bocados de música de todas as óperas, *coto* versos de João Penha e Guerra Junqueiro, e a partitura era do quintanista Tojeiro, que regia *a* orquestra. Fizeram então de bailarinos o Francisco Maria Veiga (o «Juiz Veiga!» que tinha ao tempo vinte anos e meio) e o Vitorino Peres, agora advogado em Penela, ambos baixinhos; e de bailarina, o maior trangalhadaças que havia no curso – um Veloso, muito alto, que era de Faro.

Por sinal que as danças não tinham sido ensaiadas; e quando o imperador, *a* páginas tantas do 3.º acto, pedia os bailados, aí surdiam os três dos bastidores – e agora os vereis! Cada um saltava o mais que podia e como queria – os dançarmos de pandeireta e de castanholas a bailarina; e no fim, o Veiga e o Peres caíam «de joelhos em terra» à boca do palco, e, em cima deles, muito dengosa e desajeitada, a bailarina! Eram ovações estrepitosas – e o «bailado» repetia-se sempre!

Ensaíador, esse ano, o D. Afonso de Serpa, actual marquês de Gouveia. Principais intérpretes: Pessanha; Neto Parra (que imitava com *a* boca uma infinidade de pássaros e de quadrúpedes e também vários instrumentos, incluindo *a* gaita-de-foles!); João Taborda de Magalhães, que fez o papel de César; Cupertino; etc., etc. Dum dueto de Parra e Cupertino, extasiados ouvindo ao longe a voz da mulher amada, esta quadra de João Penha:

A peça do Ângelo Ferreira e do Carlos Braga, conquanto *charge* a um condiscípulo, tinha também graça e não ofendia. Era feito pelo Cristiano de Sousa o papel de Mefistófeles, que foi, disse ele, «a revelação da sua vocação para o palco»), onde hoje está *de profissão*; havia um Brasileiro, que era feito pelo Magalhães Bastos, do Porto; um Salviano, por um rapaz de Vila do Conde; presidia a uma assembleia geral o Leite Braga, a quem chamavam em Coimbra o «Grande Ideia»; discursava o *Succi Conimbricense*, encarnado no Armelim Júnior; e faziam os papéis de mulheres o Beco e o Urculu!

Das récitas do meu tempo, dessas lembram-me três, além da minha. Uma em 1881, *Três Sábios no 99º Paralelo Norte*, original do Domingos Ramos, que está hoje juiz não sei onde, e música soberba de João Arroio, que era também quem regia a orquestra. Recordo-me que fazia de barítono o Álvaro de Bettencourt, de tenor o Domingos Ramos, e que fazia de Malebranche o Alfredo Mota, imitando um pobre condiscípulo, meu companheiro de casa, que endoideceu anos depois, no Porto, com a monomania da perseguição! E doutros me lembro: do Alves Ferreira, que foi auditor administrativo em Santarém, e que fazia de Helena de Tróia; do Júlio Pessanha, um colosso, que foi delegado em Viseu e é agora juiz, que entre as figuras de Retórica fazia a Espontaneidade; e o

Que música tão bela!
Eriçam-se os cabelos!
Excede a charamela
Da Sala dos Capelos!

Vá entre parênteses: esta charamela que toca nas festas de capelo, e também nos *anos grandes* no intervalo dos «argumentos», é soprada por chameleiros – todos de casaca! Conta-se que o Barjona velho, que estava uma vez a presidir a umas «teses» de Medicina, aborrecido com as asneiras do arguente e depois com as do candidato, com um murro tombou a ampulheta que tinha diante, e fechou o chorrilho desta maneira: «Postas asneiras, seguem-se asneiras. Toque lá a música!»

Cornélio da Silva, tabelião e advogado em Lisboa, que fazia de Pai da Pátria, e então do Abel Xavier Teixeira de Magalhães, que fazia o papel de Retórica. A este davam-lhe corda e começava um discurso; e, de repente, acabada a corda, ficava-se a meio de uma palavra!

A outra récita, em 1880, foi com as *Pupilas de D. Beltrão*, original de Gonçalves de Freitas e música de Pinheiro de Aragão, um rapaz de artilharia, e doutro também militar, Dias da Costa.

Em 1882, com a *Positiva*, de Luís de Magalhães, em que o Henriques da Silva, hoje lente de Direito, fazia de *Fausto*, despediu-se o curso de João Arroio. O Fausto representava a Metafísica; mas a Positiva saía uma grande velhaca – e às duas por três acabava tudo numa pouca-vergonha!

A peça era muito interessante, e exorbitava dos velhos moldes das suas antepassadas, e tinha uma *intenção filosófica*: assinalar a mudança que se operara no espírito da Academia – metafísico outrora, agora positivista! Pum!

Honni soit qui mal y pense...

A minha, em 1885, teve lugar nos dias 21, 23 e 24 de Março, com *O Segredo do Mandarin*, original do Solano de Abreu, com versos de Alfredo da Cunha, e no dia 20 de Maio, com o «charivari em três actos» *A roda do Prego*, original também do Solano de Abreu.

Do hino final d'*O Segredo do Mandarin* – hino feito na aula por Alfredo da Cunha enquanto o Diabo esfrega um olho – lembrem-me agora estas duas quadras:

Irra! Acabou-se a maçada!
Terra perversa e ruim,
Terra do vil mandarin,
Alma mater da estopada!

*Girando enfim sobre os gonzos
Da prisão as negras portas,
Nossas almas semimortas
Ei-las livres destes bonzos!*

Os bonzos eram os lentes; a *alma mater* da estopada, Coimbra; a tal prisão, a Universidade! Quanto às «nossas almas semimortas», decerto não as havia mais radiosas, nem mais vivas, em toda a redondeza do globo terráqueo!

No último acto, lembro-me que eram repetidas mais de cem vezes estas duas quintilhas do Santos Melo, *Última Balada*, que o grande boémio cantava à guitarra deliciosamente, «olhos cerrados e cabeça à banda» (como eu digo n’*Os Meus Amores*), aquela cabeça doida de cabelos revoltos, que a Morte vergou tão cedo!

*Canta ao largo a viola branda e grata,
Choram mágoas os doidos bandolins...
– Vibra em coro a divina serenata
Que a nossa alma atravessa e arrebatada,
Como chuva de lírios e jasmins*

*A natureza inteira treme ansiosa
Ao ouvir a suavíssima guitarra
E morre no horizonte d’ouro e rosa,
Como queixume de oração radiosa,
A extrema voz duma canção bizarra!*

N’*O Segredo do Mandarin*, o papel de protagonista era feito pelo Rafael Correia, a quem nós chamávamos o *Avô do Curso* e também o *Pater Anchises* e o *Homem Terciário* ou *Pré-Histórico*, porque nos apareceu no 1.º ano quase um velho e já meio trôpego, e era uma figura que deixaria a perder de

vista a de Quasimodo.⁸⁵ A este Rafael fizemos-lhe o centenário, em que o Alfredo da Cunha recitou a *Rafaeleida*, um poema em trezentos versos, e o *Avô do Curso* foi coroado com uma réstia de alhos, numa sala da Couraça dos Apóstolos, expressamente decorada para a solenidade com o trem de cozinha de três *repúblicas* e a roupa velha que se pôde apanhar, e muitas colchas, e muitos lençóis; e quanto à «plástica» desse Rafael, cantou-a nestes versos o Adelino Barbosa, e figura até no *António Maria*, onde o lápis de Bordalo Pinheiro – que o viu no centenário de Camões (1881) – o caricaturou com inteira verdade:

*Quando o Rafael Correia
Veio lá da sua aldeia
Estudar para a Lusa Atenas
Teria dado apenas
Dois ou três passos na rua
Quando foi visto por Sua*

⁸⁵ Esta ida de Rafael para Coimbra, tanto *a* desoras *da* sua vida, tem uma história de amor muito interessante. Há-de ser contada noutro livro – com o epílogo triste que foi *a* loucura dele! Anos depois apareceu à porta do Solano de Abreu, em Abrantes, a pedir esmola, descalço e coberto de farrapos, porque era um mendigo; e nos jornais, ao mesmo tempo, este anúncio de um sacerdote da Beira, irmão do pobre Rafael, arrancava lágrimas a todos nós:

O padre Manuel Rodrigues Correia – Oliveirinha, Beira Alta – pede aos que tenham algum indício a dar-lhe de seu irmão o Dr. Rafael Rodrigues Correia, mediano de estatura, de quarenta e quatro anos de idade, e que tapa os olhos e os ouvidos logo que veja alguém, lhe escrevam com a direcção indicada e tomem as providências necessárias, pois se responsabiliza por todas as despesas que fizerem.

Mas isto não vem para este livro, que é alegre. Ficará para outro livro triste – o livro triste da boémia de Coimbra que chora também lágrimas de fel...

*Muito Digna Reverência
O prior de Santo António,
Que disse logo: «Ó Demónio!
Que diabo vejo eu?!...»
E correu, correu, correu,
A visitar as capelas,
A ver se de alguma delas
Fugiria algum judeu!»⁸⁶*

Das récitas posteriores à minha, só assisti a uma (1898-1899): *Um Credor em Bolandas*, original de «uma multidão de homens de génio», como se assinavam os autores, que eram: António Macieira, agora advogado em Lisboa; Alexandre de Albuquerque, o *Xandre*, advogado em Estarreja; Mário Esteves, no Porto; Pereira Barata, médico; Belarmino de Abreu, também médico; e Veridiano Gonçalves, advogado no Porto.

Era uma beleza, nesta peça, *a Canção da Despedida*, original de Mário Esteves, e música, lindíssima, de Alberto Rego, de Medicina. Dizia assim a *Canção*:

VOZ

As nossas capas, rotas, velhinhas,

⁸⁶ Intérpretes d'*O Segredo do Mandarin*: Eduardo de Castro, Júlio de Lemos, Baltasar Brito, Toscano Barbosa, Rebelo Barbosa (que faziam papéis de mulher), José Figueiredo, Ramos, Alexandre Silva, Luís Mendes, Costa Macedo, Francisco Mesquita, Agostinho Rego, Guedes de Amorim, Sebastião Horta, Santos Meio, eu (que fazia um papel de jornalista!), Vicente Gomes, Solano de Abreu, Fernandes Pinto, Rolão Preto, José Paçô Vieira, Pereira Osório, Rafael Correia, José Sola, Luís Martins, Júlio de Castro, Noberto, Cardoso Pimentel, Domingos Amorim, Abel Garção, José Maria de Almeida; e dizia o cartaz: «Há também uma dama que deve desmaiar em camarote de 2ª ordem; desta parte do programa será encarregado o sistema nervoso de Pedro Gaivão.»

*Todas de negro tremem no ar...
São andorinhas, são andorinhas
Que se preparam para emigrar.*

CORO

*Noites serenas com serenatas
E a Lua branca nos altos céus,
Lindos rimances, doces volatas,
Vida a desoras, adeus, adeus!*

VOZ

*As nossas pastas foram bordadas
Por mãos de fadas: ou Noiva ou Mãe,
E as pobrezinhas, abandonadas,
Choram de mágoa, tristes também.*

CORO

*Depois das aulas, todos com elas
Toca prà Baixa para as mostrar...
E das janelas, lindas donzelas
Por trás dos vidros, a suspirar...*

VOZ

*Nas noites lindas, que travessuras
Por essas ruas, pela cidade...
Eram tolices, eram loucuras,
Que se desculpam co'a nossa idade.*

CORO

*Das nossas terras vinham também
Compridas cartas dos nossos Velhos:
Não gastes muito. Porta-te bem...»
a gente ria desses conselhos.*

VOZ

*Chegou, Amigos, a despedida,
Esvai-se tudo como num fumo:
Agora vamos mudar de vida,
Agora vamos mudar de rumo.*

CORO

*Talvez no mundo, nosso inimigo,
Algum descanso lá nos espere:
Talvez nos braços dalgum Amigo,
Talvez nos braços duma Mulher.*

Ora mas no ano do *Pássaro*, em 1883, quem havia de fazer a peça senão ele? Encomendada por unanimidade do curso, foi dito e feito, e saiu-lhe, como era de esperar, obra de truz! Chamava-se *Dom Quixote* e era uma opereta – e por sinal que na noite da segunda representação (que é sempre em benefício dos estudantes pobres) fizeram-lhe como ao *Parnaso* de Luís de Camões: roubaram-lha!

O que vinha a ser esse *Dom Quixote*, que era em prosa e verso, já me não lembra bem; mas lembro-me que o galã da peça, o Bacharel, namorava uma sopeira chamada Stela, a qual, por artes de berliques e berloques, vinha a casar com o rei da peça – sendo o Bacharel, à conta, aferrolhado numa prisão!

Não sei em que acto, via-se a prisão e, por dentro das

grades, muito desolado e em mangas de camisa, o Bacharel! Senão quando, eis que passa a rainha Stela: e o Bacharel; por a comover, declamava-lhe o seguinte soneto – paródia àquele de Camões, *Alma minha gentil que te partiste*:

*Stela minha gentil que me rachaste
Em dois o coração de meio a meio,
Tu lá fora a flamar de bolsa quente,
E eu aqui sem dez-réis – belo contraste!*

*Se lá no régio assento onde trepaste
Memória dum pelintra se consente,
Não te esqueças mandar pela servente
Os três mil réis que ao monte me picaste!*

*Mas se vês que não deve merecer
Paga dum cão o triste que se chora
Já com receio de não mais os ver,*

*Oh! roga ao Rei me solte sem demora:
Tão cedo eu possa em juízo requerer,
Tão cedo te pespego uma penhora!⁸⁷*

⁸⁷ Na segunda noite, variavam assim os dois tercetos:

*Mas se vês que não deve apoquentar-te
Com lamúrias o triste que se chora
De não poder o tombo desancar-te,*

*Dize-me não! – que nessa mesma hora
Mando ao Bolson comprar um bacamarte.
– Porque eu quero com um tiro atirar com os miolos fora!*

Comentário de Sancho Pança, aterrado com tamanho verso:

Ó Deus! como aquela mente é vária!

Um verso do tamanho da minha solitária!

Ao que o outro replicava, aparando uma rima em *osa*:

Assim também na Fábria aquele Tarquínio
No excesso de paixão falou em prosa!

ALHO, ALHO, ALHO!

No tempo em que eu andava em Coimbra, já a osga do Martins de Carvalho contra os estudantes era coisa mais que notável! O redactor do *Conimbricense* era o melhor e o mais honrado homem de todo este mundo; mas em lhe tocando na «arca santa» de Coimbra, ou fosse desancado a desoras algum filhote, dos que lá chamam *futricas*, ou fazendo em qualquer coisa algum estrago (nos bancos da estrada da Beira, nos candeeiros da iluminação, na tabuleta de alguma loja, no letreiro de alguma rua ⁸⁸, em qualquer coisa, enfim, onde mão atrevida causasse dano), era contar que, se o *vândalo* era estudante, estava perdido: no primeiro número do *Conimbricense*, o menos que o Joaquim Martins de Carvalho pedia era a cabeça dos díscolos (e isto logo em «artigo de fundo»!), e, no seu ódio aos «sacas de carvão», como alguns chamam aos estudantes, não estava lá com meias medidas: metia na culpa a Academia toda e esbravejava no jornal números a fio!

Os rapazes, está claro, azoavam com a história, e, se não pagavam ao jornalista na mesma moeda, isto é, em artigos inflamados em qualquer jornal, desforravam-se dele por todas as forma – e principalmente pela caricatura!

Demais a mais, o bom e venerando jornalista apresentava um tipo que, por não ser já desta época, era quase estranho; e à sua barba de «passa-piolho», como em Coimbra não havia outra, acresciam estas *agravantes*: a cartola, que não era precisamente no rigor da moda e fora a mesma toda a sua vida; a gravata e os colarinhos, puro 1820; a niza de pano azul, com

⁸⁸ Ao letreiro da Couraça dos Apóstolos apagaram uma noite as quatro primeiras letras da palavra *Apóstolos* – e ficou *Couraça dos tolos*; ao Arco do, Bispo também apagaram as duas primeiras letras da palavra *Arco*, do o fizeram outra vogal, etc., etc.!

abas para dar e vender; e então certo tique nervoso que lhe agitava a cabeça em movimentos bruscos, sobretudo se estava zangado! Sozinho, principalmente quando ia na rua, tinha o ar de todos os pensadores, pesado e brusco, e, sendo muito míope, não cumprimentava e não correspondia quase a cumprimentos. Depois – óculos e bota de cano!

Mas a principal razão por que os rapazes não engraçavam com ele, é porque os rapazes viam na veneranda pessoa do jornalista (demais a mais cheio de autoridade, e que todo o País muito respeitava) qualquer coisa como um representante do pátrio poder – vindo daí que muitas das suas catilinárias não só encontravam eco nos pais de família e nos outros jornais, mas até no poder judicial, no governador civil, no conselho de decanos e na polícia!

Joaquim Martins de Carvalho, em suma – eis o Inimigo!

Demais a mais, os artigos eram todos assinados com o nome por extenso – em versaletes, como ele usava; e porque assinava tudo quanto escrevia, artigos, simples notícias e até ligeiras erratas, o jornal era ele e mais ninguém: o *Conimbricense* era só ele!

Os rapazes, portanto, não o poupavam, nem ele tão-pouco poupava os rapazes! Lá se lhe mandavam um livro, ou se o iam consultar sobre qualquer coisa, principalmente história contemporânea, todo ele era elogios ao livro no *Conimbricense*, ou serviços e obséquios, dentro de casa, ao consulente! Como tinha uma livraria enorme, que lhe forrava todo o interior do prédio e lhe chegava à porta da rua, e sabia de cor toda a livraria, e mais três do tamanho daquela, consultá-lo era dar com a verdade sem mais trabalho – e acontecia até que quem uma vez lhe falasse, estudante que fosse, ficava a gostar dele para toda a vida!

Mas teimoso como ele não havia segundo! Teimou em desancar a Academia – e essa balda morreu com ele!

...Ora mas uma vez fizeram os rapazes não sei o quê – daquelas coisas que em geral não prestam para nada, mas que para ele eram *casus belli* e lhe incendiavam a prosa no *Conimbricense!* Tolice feita, artigo escrito – e com um título que não era lá qualquer coisa, e furioso de princípio a fim! O título era «Anarquia» – e naquele corpo 10 do *Conimbricense* alastrava-se por umas poucas de colunas, e deitava chispas, o demónio do artigo!

Os rapazes leram e deixaram passar...

Vai senão quando, no outro número – outro artigo! Chamava-se ainda «Anarquia», e mais furioso ainda do que o primeiro!

Os rapazes já conversavam a respeito do artigo...

Mas quando no outro número lhes vem terceiro, e ainda com o diabo do título –então começaram os rapazes! Não havia nenhum que passando pela rua onde era o jornal – e que se chamava então das Figueirinhas e hoje Martins de Carvalho – lhe não gritasse logo cá da rua:

– Ó Martins de Carvalho, dá cá a *Anarquia!*

E atrás desses, logo outros:

– Ó Martins de Carvalho, larga a *Anarquia!*

...Ora este é um dos *fracos* dos filhos de Coimbra! Não se lhes pode pedir coisa nenhuma! Ao Sá, por exemplo, um alfaiate que havia na Rua dos Lóios, bastava os estudantes pedirem-lhe o olho: – «O Sá, dá cá o olho!» – (Porque ele uma vez vazou com um pau o olho dum cão) para o homem sair para a rua com a família toda e esgotar, em coro com a mulher e com os filhos, e às vezes com os oficiais, o vocabulário dos impropérios!

Outro, o Paixão, também alfaiate, ia aos arames se lhe pediam o diamante – «O Paixão, dá cá o diamante!» – e agora vai aos ares se lhe pedem o voto, a ele que, sendo mais regenerador que trinta Fontes, e um galopim de alto lá com ele,

agora não pode votar, não sei porquê...

Outro, um boticário que havia em Quebra-Costas, quebrava os frascos e atirava com as drogas – se lhe pediam... oxigénio em pó!

Outro, que vendia não sei o quê, e tinha na vitrina a palavra «Acessórios», e o nome assim indicado: «Fulano H. de Tal», ficava furioso se lhe pediam os acessórios: «Ó Sr. Fulano *Hidrogénio* de Tal, vende-nos os acessórios?»

O Temido, que foi regedor de Santiago e tinha uma boa mercearia na Praça Velha, quase à esquina da Rua das Solas, perdia a cabeça se lhe iam a tabuleta da loja – *Loja de víveres* – de modo a dizer-se *viveres*: «Loja de viveres...»

E outro, que vendia ferragens na Calçada e se alumiaava ainda com candeeiro de azeite, era temível se lhe diziam da porta:

– Então quando chega esse gás?...

Outro não podia tolerar que lhe perguntassem por onde se subia para o 1.º andar, porque a casa, encostada a uma ladeira íngreme, que era a Rua do Corpo de Deus, ficava desse lado sem 1.º andar, ou o 1º, visto da rua inferior, era o 2.º... E, perto deste, outro dava o cavacão se lhe atravessam a loja em diagonal! Como a loja era de esquina (uma loja de panos) e tinha portas para ambos os lados, os rapazes, em vez de dobrarem a esquina, metiam pela loja, muito corteses: «Dá licença? Por aqui é mais perto.»

E outro, que tinha um nariz muito comprido, e era sapateiro, esse entrava em fúrias de cão danado se lhe paravam defronte da porta e lhe perguntavam – pondo os dedos na ponta do nariz, como a desviá-lo para abrir caminho:

– Pode-se passar?!

Etc., etc., etc.

E até defronte do quartel, na Sofia, um que vendia piões dava o cavacão se lhos pediam com um gesto – o gesto de

quem os apara!

Este inventei-o eu! Não falando já naquela mulher da Rua da Louça, que vendia pratos, e que ia aos arames se lhe diziam assim:

– Tem pratos covos?

– Tenho, sim, senhor.

– E chatos?

Filhote de Coimbra, imagine-se, pois, o cascarrão do Martins de Carvalho, quando via os rapazes não lhe largarem a porta:

– O Martins de Carvalho, dá cá a *Anarquia!*

Ao *pedido* ainda respondeu com mais dois artigos; mas, ao terceiro da segunda dose, já não podia mais – porque os rapazes, como ele, não desistiam!

Chega-se, pois, à janela uma vez, e diz assim aos arruaceiros:

– Isto até aqui tem ido com a pena, ouviram, seus malcriados?! Mas daqui por diante vai a marmeleiro!

...Durante três dias, moita!, nem pio à porta do Martins de Carvalho. Mas quando o Martins de Carvalho se supunha já livre da *scie*, os rapazes, combinados, saem-lhe com esta:

Seriam oito horas da noite e descem à Baixa a dez de fundo, formando dois pelotões enormes, cada um dos quais não teria menos de quinhentos rapazes! Enquanto se não viram na Calçada, em plena Baixa, não deram pio; mas, uma vez na Calçada, verificou-se que o primeiro pelotão levava à frente um figurão qualquer, estudante, fingindo de Martins de Carvalho – e o de trás, outro estudante também, fingindo de Rosalino!

E aí rompe num momento dado o pelotão da frente, em tom de ladainha, num coro de quinhentas vozes:

*Alho, alho, alho,
Martins de Carvalho!*

E num clamor de outras -tantas vozes, respondeu logo o pelotão de trás:

*Fino, fino, fino,
Cá o Rosalino!*

O resto supõe-se, o efeito daquela ladainha-monstro, cantada de noite pelas ruas da Baixa! Equivalente, só aquele célebre «grito das nove», que atirou a terra um comissário de polícia, o Ferrão, e que se cifrou em vociferarem às nove da noite todos os estudantes (cada um da sua janela, e durante três noites!) os impropérios que lhes lembraram – produzindo nos ares tamanho abalo, e clamor tão grande por esses espaços, que chegou a vir gente dos arredores, pensando que se arrasara a cidade!⁸⁹

Ora mas com Joaquim Martins de Carvalho a coisa não tinha mais valor, nem pior, do que uma *peça* de netos turbulentos, para arreliares um avô rabugento; mas, ainda não satisfeitos, fizeram-lhe depois o «centenário»; e entre a colaboração do jornal comemorativo que então publicaram, houve um estudante que escreveu isto – alusivo à vida intensamente laboriosa do jornalista:

*Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho
É Joaquim, é Martins, é Carvalho...*

⁸⁹ Este Ferrão foi martirizado pelos rapazes – mas os rapazes também viram uma bruxa com ele! Na minha coleção de *documentos* alusivos a essa «campanha do Ferrão» tenho alguns que são muito engraçados. Entre eles há também «caricaturas»; mas essas de tal modo feitas que, mesmo sem cabeça (porque o Ferrão tinha-a *perdido*!) – eram do Ferrão, sem tirar nem pôr!

A «CABRA»!

No tempo em que eu andava em Coimbra, inda a proeza dos que roubaram uma noite o badalo à «Cabra» era por lá muito falada! Eu até morei na casa onde o badalo esteve escondido, e era, e ainda é, a chamada «Casa da ilha» – uma casota isolada, na confluência das Ruas da Trindade e dos Militares, e onde morou também Tomás Ribeiro. Por sinal que na janela do meu quarto, que dava para as escadinhas, ainda lá estava a canivete o nome do autor do *D. Jaime* – e o meu lá ficou também.

Ora, dos mil sinos que há em Coimbra, não conheceríamos nós o som de nenhum; mas o da «Cabra», que, nas vésperas de aula às seis da tarde e nos dias de aula às sete da manhã, se alastrava sobre Coimbra e diziam que se ouvia em Tentúgal, não havia ninguém que o não conhecesse! Novato que chegava a Coimbra, antes de se matricular já conhecia a «Cabra» – porque ou lha mostravam cá de baixo, apontando para a torre da Universidade, ou então, quando soavam os «quartos» onde ela entrava em coro com os outros sinos, ensinavam-lhe logo a conhecer-lhe a voz:

– Ouves? É aquela!

Um dos outros sinos, que tocava por alto em dias de capelo, era o «Cabra»; mas esse, coitado, não tem lenda, nem os outros – porque lenda só a tem a «Cabra»!

A gente, mesmo depois de formado, ouve a «Cabra» – e eu ainda a ouço até a dormir; mas, como tudo em Coimbra é original, *in rebus Universitatis* principalmente, o som da «Cabra» não se parecia com outro, e, ainda que quisesse compará-lo, não tinha com quê!

Berregava o sino como berregam as cabras? Talvez! E como as cabras berregam mais quando chamam plos filhos, e

ela berregava a chamar por nós, a quem a Universidade apelida de seus filhos – *dilectissimi filii* –, o nome, com ser uma alcunha, era bem posto, como todas as alcunhas que põem os rapazes!

Está claro que sendo a «Cabra» que nos lembrava as lições, e nos dizia à noite que nos recolhêssemos, e de manhã cedo que nos levantássemos, a «Cabra» era odiada; mas ódios de rapazes são fogachos, e a boa da «Cabra» ria-se deles – e nós mesmos, afinal, quando às vezes ela nos dava um feriado, queríamos-lhe como se fosse avó de nós todos!

Mas, outras vezes, pregava-nos também a sua pirraça; e nunca me há-de esquecer que, um dia, esperando nós um feriado e contando com ele como coisa certa, pusemo-nos todos, à noitinha, de ouvido à coca das seis horas, a ver se a «Cabra» tocava... Começou o relógio a bater as horas; e deu uma... e deu duas... e deu seis... – e não tocou! Foi um berreiro que atordoou Coimbra – «Hurra! Feriado geral amanhã! Hurra!» –, e eu, duma janela da Rua das Covas, onde era a redacção da *Porta Férrea*, lembro-me que tais vivas dei à Cristina que me foram à rua as pobres lunetas, e por um triz que não vou atrás delas! Mas vai senão quando, e inda as lunetas iam no ar, eis que o demónio da «Cabra» começa de lá: *Dlen, dlen! Dlen, dlen!*

Ouviu-as duras dessa vez, a «Cabra!» E esse malvado que era o cabreiro, um feiarrão natural de Moncorvo, oito dias não saiu à rua – ameaçado de tarefa mortal!

Já se vê por aqui o que era a «Cabra!» No meio dum pagode de estalo; duma cavaqueira amena; dum colóquio com alguma tricana na estrada da Beira, ou no Choupal, se a coisa ia a mais – ela lá vinha, o demónio, às seis em ponto, a enxotar para casa a rapaziada! Alguns não faziam caso dela, já no meu tempo, e deixavam-na badalar como se fosse no vácuo; mas a maioria, ainda assim, os *ursos* principalmente, recolhia-se logo;

e aceso à banca de pinho o candeeiro clássico de latão amarelo, de três bicos, acabada a trova da «Cabra», começavam *as tristes* (assim chamadas as horas de estudo), que iam às vezes por essa noite fora!

De manhã, às sete, a maior parte nem ouvia a «Cabra»; ou, se a ouvia algum que tinha o sono mais leve, esse rogava-lhe logo a sua praga, e, voltando-se para o outro lado, continuava a dormir, porque as aulas eram só às dez, com um quarto de espera – dez e um quarto.⁹⁰

Vamos lá então à história do roubo do badalo. Os motivos é escusado dizê-los: roubar o badalo à «Cabra» era mais do que deixar sem voz a Universidade – era arrancar a língua ao Inimigo!

Foi pois o caso que três estudantes de Direito, todos eles pândegos de truz e valentões como os que o são, assentaram um dia em arranjar um feriado.⁹¹

– Como?

⁹⁰ No meu tempo, as aulas de Direito começavam todas às dez e um quarto e acabavam à uma hora da tarde. Da uma às três passeava-se, em geral, pelo Jardim Botânico e pelos arrabaldes; às três, geralmente, Jantava-se; e depois de jantar ia-se para a Baixa, até à noitinha. Nas quintas-feiras não havia aulas na Faculdade de Direito, salvo nas *semanas machas*, isto é, que metiam pelo meio algum dia santo ou algum dia de feriado oficial. Há anos para cá, os cursos de Direito têm aumentado desmesuradamente, e as aulas acabam às três horas porque os cursos estão desdobrados em turmas; e uma vez que o relógio da torre se esqueceu de bater as horas, e eram já três e um quarto e o bedel não abria a porta, passou pelas bancadas esta *circular*:

*Saibam todas estas gentes
Dentro das quais eu me acho
Que o relógio está borracho,
Ou anda feito com os lentes...*

*Já são quase quatro horas,
E o grande malandro – nentes!*

– Rouba-se o badalo à «Cabra!»

Qual deles foi o da lembrança, não sei; mas logo que lhes eu diga os nomes fica-se sabendo que qualquer deles era capaz da lembrança – e qualquer deles, sozinho, de a executar! Os três, juntos, seriam até capazes de mudar a torre, quanto mais o badalo da «Cabra»; e foram eles mesmos que doutra vez escalaram o muro dos Arcos do Jardim, que lembram os Arcos das Aguas Livres, e tiraram as setas ao S. Sebastião que lá estava em cima no seu nicho, alumiado por um lampião, deixando-lhe aos pés este letreiro: «Basta de tanto sofrer!»

Ora mas a empresa de roubar o badalo à «Cabra» não era tão fácil como pode parecer! A Porta Férrea fechava-se cedo; e fechada em baixo, à mesma hora, a Porta de Minerva, é de saber que a Universidade ficava mais segura que um castelo feudal, depois de subidas as pontes levadiças! Além disso, ainda havia a porta da torre, também fechada à chave – e mesmo ao pé da torre era a morada do guarda-mor, e muito perto dela... a do reitor!

Ademais, afora os perigos inerentes à empresa, havia a

⁹¹ Só os expedientes para arranjar feriados davam um livro! No meu tempo, por exemplo, o António Lagoaça, actualmente conde de Lagoaça e par do Reino, chegou a aparafusar de noite um barrote na porta do José Brás; e quando de manhã o lente quis sair de casa para iar almoçar ao Serra, e do Serra para a Universidade, onde regia esse ano Direito Comercial, viu-se entaipado, porque dormia em casa sozinho, e quando deu pela partida era já tarde!

Este Zé Brás, que era um *grande filósofo*, vi-o eu de guarda-sol aberto, numa noite de luar, a passear na Feira dos Estudantes; e outra vez montado num burro, também de noite, detrás de uma trupe que andava aos caloiros! Aquele Lagoaça foi o mesmo que uma vez, na aula, atirou pelo ar com uma bota de um discípulo, que foi cair mesmo ao pé do lente – e como o lente chamasse o bedel para que o bedel Levasse a bota, preparando-se para ver à saída qual dos rapazes ia descalço dum pé, o que ele viu foi o curso todo só com uma bota, porque a outra ia escondida debaixo da capa!

contar com os archeiros⁹² e verdeais, que ainda a esse tempo faziam rondas nocturnas pelo Bairro Alto – e sobretudo, é claro, com o rigor inquisitorial do Conselho de Decanos, que, se lhes desse com a malhoadá, não deixaria de condenar os três a alguns meses de *paternal custódia* e à perda do ano, se os não expulsasse da Universidade por toda a vida!

Mas, enfim, *audaces fortuna juvat!* E uma bela noite eis os nossos heróis a escalarem a muralha perto da Porta de Minerva, mais ágeis do que três macacos! Uma vez lá dentro – chave na fechadura da torre (uma chave falsa que eles tinham arranjado num ferro-velho e que servia que nem de encomenda!) – e mesmo às escuras, toca a subir esse caracol estreito, que parece que não tem fim! Subiram; lá cima, com todo o panorama de Coimbra, à roda, extasiado debaixo do luar, foram-se aos vergalhos da «Cabra» e serraram-nos; serrados, apagaram com mil cuidados todos os vestígios da empresa (mas não tão cautelosamente que não ficasse na torre o lenço dum, que foi depois o começo do corpo de delito quando se procurou descobrir os heróis) – e, apossados enfim do pesado badalo, desceram com o trambolho pelo mesmo caminho... e sumiram-se! Era uma vez o badalo da «cabra!»

Ora a façanha ficou anónima durante muito tempo; mas, hoje, não há razão para lhe não dizer os autores, que, além dum Adolfo Paiva Pereira Capon, que morreu em Paris há muitos anos, foram estes dois, ainda hoje vivos, e que o sejam por

⁹² O archeiro é o polícia da Universidade e tem uma farda muito vistosa! Compenetrado do espírito catedrático, ele mesmo supõe-se um figurão; e perguntando-se uma vez ao *Stúpido* (um archeiro que tinha esta alcunha) o que vinha a ser isso de *archeiro*, respondeu muito empertigado:

– *Archeiro* é como quem diz: *mais que estudante e menos que tente*.

Foi então que lhe replicou um colega:

– Ora não seja *estúpido*!

Queria dizer *estúpido* – e foi daí que lhe veio a alcunha!

muitos anos e bons:

Eduardo Segurado, bacharel formado em Direito, ex-delegado do procurador régio, ex-juiz de Direito, ex-secretário-geral em Lisboa, ex-governador civil de Lisboa, conselheiro – e actualmente juiz do Supremo Tribunal Administrativo; e Eduardo Montufar Barreiros, bacharel, formado em Direito, filho do visconde da Luz (ex-ministro das Obras Públicas, que ordenou o alargamento da antiga Rua de Coruche, hoje do Visconde da Luz) – e actualmente secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros e par do Reino!

Com tão linda fama atrás dela, a «Cabra» mereceu em todos os tempos as honras da poesia, quase sempre, valha a verdade, epigramática; e nunca me hão-de esquecer (vá para fechar!) esses famosos versos do Alfredo da Cunha, que foi meu condiscípulo e é hoje o director do *Diário de Notícias*, versos que são uma paródia tão fiel da *Partida*, de Soares de Passos, que as próprias rimas, em grande parte, são as mesmas! Cá estão eles:

*Adeusinho! Acabaram-se os dias
Em que, ó Cabra!, te ouvi desditoso.
Soa a hora feliz, grande gozo
E poder-te ao demónio mandar!
Que horrorosos, que longos que foram
Estes anos de funda amargura,
E quão cheios de alegre ventura
Nós os vamos agora passar!*

*Do Mondego estas margens virentes
Despirão os seus magos encantos,
Vão cobrir-se de gélidos mantos,
Pois de nós já não volta ninguém.
E mais frio e glacial que um gelado,*

*Tudo fica a chorar e berrando;
E nos campos o verde secando,
Chorarão os jumentos também!*

*Mas se a gente, por negro destino,
Sim, se a gente inda um dia cá volta
(Pois quem sabe onde a vida revolta
Levará juvenis bacharéis?!)
Nós fazemos, ó Cabra, hoje aqui
Juramento tremendo e funesto
D'arrancar-te o badalo, e o resto
Atirá-lo a ignotos parcéis!*

*Mas, ah! longe esta ideia sombria!
Longe a volta, o cruel desalento!
Após dias de tanto tormento,
Virão dias mais belos decerto;
Hei-de ouvir-te inda uns tempos berrar:
Mas que a alma esta esp'rança alimente
De que o dobre funéreo e plangente
De deixar de o sentir estou perto!*

*Pois se nós, por desgraça, voltarmos,
E se acaso ela tem inda vida,⁹³
Podem crer que não fica esquecida,
Dormirá um eterno dormir!
E também, se por cá te lembrar
Que há bons paus de marmelo e sobreiro
Não te esqueças, malvado «Cabreiro»,
Deste adeus que vos disse ao partir.*

⁹³ Foi uma excomunhão! A «Cabras» morreu! Físicos chamados para a consertar, nenhum lhe deu vida! Para as grandes dores, o latim e os grandes silêncios; *Requiescat in pace!*

O BOLSON DAS CONTAS LISAS

No tempo em que eu mastigava sebatas lá por Coimbra, inda impava de flamância, em plena Baixa, um comerciante chamado Bolson!

A loja dele era mesmo ao meio da Calçada, à esquerda de quem ia para o Cais; e se não era a maior de Coimbra, em tamanho, ainda assim era a mais vistosa, e só se vendiam lá artigos de luxo: fina gravataria; camisas finas de cambraia; peúgas bordadas; ligas bonitas para as raparigas; binóculos; fotografias e cosmoramas; termómetros; barómetros; maletas catitas para viagem; lunetas; *couvre-pieds* e *édredons*, etc., etc. – mas o negócio principal do Bolson, esse, diziam as más-línguas que era *surdo*, e consistia em dar dinheiro a juros aos estudantes

Não era a todos os estudantes, mas só aos ricos ou que fingiam de ricos! Os pobres, esses, remediavam-se com *a prata da casa*; mas os *polainudos*, que tinham conta aberta no Natividade dos trens, davam ceias às actrizes quando por lá apareciam; faziam passeatas ao Buçaco e deitavam tipóia nas vésperas de feriado, esses tinham todos conta no Bolson – e acho que em toda a parte, incluindo a Havanesa, onde compravam os charutos, o Lusitano, onde tomavam o café, o José Lúcio, onde se banqueteavam, etc., etc.

Eram esses, plos modos, os *fregueses* do Bolson; e rezava a fama que lhes levava couro e cabelo nos juros e que, uma vez aberta a conta nos livros do Bolson, a dívida, por pequena que fosse ao princípio, entrava a crescer por força própria, e às duas por três tomava tal velocidade – a que acrescia, *a* cada instante, a já adquirida – que não havia maneira de ter mão nela!

Houve pai que teve de acudir a Coimbra, a ver se punha um prego naquela roda de *má fortuna*: mas, como tudo aquilo

era negócio de *prego*, uns tinham de pagar e não bufavam, outros bufavam mas pagavam, e raros eram os que só bufavam – porque o Bolson, homem prático, tinha umas falinhas muito doces, capazes de adoçarem vinagre!

Ainda assim, não se livrou de morrer pobre, ao que me consta; e Isso quer dizer, afinal, que razão teve o Diabo quando não quis contas com rapazes, e que esse negócio da usura, em Coimbra, não é tão bom como pode parecer; e um Paulino, por exemplo, que passava pelo maior usurário de Coimbra, e tinha uma sobrinha muito bonita que eu conheci na Rua Larga a vender cigarros, numa lojeca que tinha dois palmos e em vez de balcão uma tábua de pinho, esse morreu Lambem pobre como Job, e outros haveria com a mesma sorte! A razão é porque os usurários de Coimbra levam muito *cão*; e, por isso, é claro, precisam de fazer como os comerciantes de modas em Lisboa, que recebem dos que pagam, à conta de ir caro o ágio, os calotes dos que vestem de graça!

Ora mas quem fosse este Bolson foi coisa que nunca se apurou com grande clareza! Era estrangeiro, o nome o indica; mas falava português correntemente, só com um acento que às vezes parecia espanhol, porque em vez de *juros*, por exemplo, dizia *xuros*. O que constava é que aparecera em Coimbra ainda rapaz, dono de um *barato-barato*, a vender agulhas e alfinetes; mas, quando eu o conheci, estava já nédio que nem um marquês, e parecia um lorde: seu fraque, sua cadeia de ouro de berloque, seu modo imponente de grande senhor, barba toda, pança e cartola! A voz é que parecia emprestada, porque tinha uma vozinha quase de fantoche; mas falava alto e falava de papo – e tinha sua laracha para o negócio.

Ora mas as lembranças são como as cerejas: puxa-se por uma e vêm umas poucas; e como a respeito de coisas de Coimbra, e daqueles tipos, a minha memória é uma série quase infinita de clichés, aí estou eu agora a ver aquilo tudo, como no

tempo em que por lá andava de capa ao ombro; e basta, por exemplo, esta simples lembrança do Bolson, e dumas coisas que quero contar a respeito dele, e que são engraçadas, para eu estar a ver, como se lá estivesse, esse pedaço de rua onde ele morava, e as suas figuras mais características: as mudas na loja defronte, sempre a balouçarem, sobre fogareiros de carvões ardentes, os caldeiros onde faziam as amêndoas; um homem antigo, logo adiante, que, a despeito das suas barbas, parecia uma virgem não sei porquê, e vendia bonecos para crianças: o Ramos da Casa Minerva, florido dono da mais florida barba que tenho visto, e muito boa pessoa; o Mendes de Abreu, o melhor e o mais honrado homem que há neste mundo; e então esses dois livreiros típicos da Lusa Atenas: um o Cabral, e outro o Melquíades!

...Este Melquíades foi aquele que se fartou de mandar bilhetes-postais a um bacharel qualquer da província, que lhe ficara a dever *uma* libra do tempo em que lá era estudante, Mas, como se lembrasse de lhe pedir *duas*, o sujeito, já farto de o aturar, respondeu-lhe noutro bilhete-postal: «Vejo que a libra que eu lhe devia deu à luz; pois, Sr. Melquiades, guarde a mãe e mande-me a filha.»

Mas o Cabral, o outro livreiro vizinho do Bolson, esse merecia que ressuscitasse o Fernão Lopes, só para ter a honra de lhe fazer a crónica! Este Cabral tinha mais importância em Coimbra do que se trouxesse o rei na barriga – porque trazia na barriga.., a Universidade! Os lentes, os de direito principalmente, faziam da livraria dele estação de cavaqueira depois de jantar; e quando, ao pôr do Sol, iam de passeio, quase sempre p'r'álm da ponte, onde ele tinha uma quinta no Almegue, o Cabral formava com eles – e qualquer coisa de lente se lhe pegara já, porque, se as suíças eram de flamante burguês e as enxúndias de quem não conhecia Minerva senão de vista, o *feitio psicológico* e a atitude eram já de lente.

Nunca me há-de esquecer que, uma vez, o Garcia marcou para a aula de Direito Administrativo, no 3.º ano, onde ensinava tudo *menos o Código*, a leitura não sei de que capítulo dum livro de Flint, *Filosofia da História na França e na Alemanha*; e que vindo à Baixa o Carlos Lobo de Ávila, a encomendar o livro ao caixeiro do Cabral – um de nariz muito comprido, e seráfico, chamado Viegas –, o Cabral, que andava para trás e para diante na livraria, de mãos atrás das costas, passeando, volta-se para o Carlos Lobo de Ávila de diz-lhe assim, muito pausado e catedrático:

– Ora o senhor não fará o favor de dizer ao Garcia *que se cinja ao Código*?⁹⁴

⁹⁴ Quando eu fui para Coimbra, e até no meu 2.º ano, este Garcia era o *ídolo* da Academia! Regia no 3.º ano Direito Administrativo; mas como ninguém lhe estudava palavra, e se lhe ia o ano com o *positivismo* de Littré e de Augusto Comte, e dava muitos feriados – uns porque chovia, outros porque fazia sol, outros porque não chovia nem fazia sol! – era um *[doto]*! Mas no meu 2.º ano o ídolo passou à categoria de *demónio*, diz-se que picado de ciúmes da popularidade do António Cândido, porque, uma vez que o Garcia foi ao Porto para arengar num comício republicano por ocasião do centenário de Pombal, e o governador civil o *não* deixou falar porque proibiu o comício, meteu-se-lhe na cabeça ser desforçado pelos rapazes de Coimbra, e disse ao governador civil que eles o vingariam – e, metendo-se no comboio, foi para a Lusa, mas os cálculos saíram-lhe errados! Ao chegar à estação não viu ninguém, porque a rapaziada àquela hora, andava para as bandas da Rua da Alegria, a festejar com música e foguetes o António Cândido, que nesse dia proferira um discurso de arromba na Sala dos Capelos em honra do Marquês de Pombal!

Não foi preciso mais nada! Como nesse ano lectivo o Garcia regia também no 2.º Direito Público, porque o grande Zé Brás tinha-se jubilado, nu fim do ano foi uma hecatombe tão formidável que houve vinte e uma reprovações e dezoito R. R., facto sem precedentes na Universidade! O Garcia reprovava tudo, o Sanches *ia com ele*, e o Pina, coitado, vingava-se em chorar – e morreu de desgosto com um ataque!

Lembro-me que no meu dia só eu passei e que os outros três ficaram reprovados; e eu passei *nemine* porque no acto joguei as últimas, contando de antemão que me reprovavam, e com «homem perdido ninguém

Mas vamos lá então a esses casos que se referem ao Bolson, cujas proezas de usurário estão sintetizadas todas nestas duas quadras – que não sei de quem são, mas que são verdadeiras:

*O Bolson das contas lisas
E dos contratos mui puros,
Já pôs à venda as camisas
De quem lhe pediu a juros.*

*Esperamos quanto antes
(E não virá longe o dia)
Ver-lhe à venda nas estantes
As peles da Academia!*

se metas»!

No 5.º ano, ainda o Garcia nos tornou a aparecer, regendo interinamente Direito Penal, pela jubilação do bom Dr. Seco; e como o Pita, lente de Eclesiástico, se lembrasse uma vez de nos marcar uma repetição, coisa que reputámos ofensiva das tradições do 5.º ano e portanto da nossa *dignidade de quintanistas*; e o Garcia, sabendo da nossa fúria, tivesse dito na secretaria que nos ia marcar uma *sabatina*, «porque esse curso», acrescentou, «já lhe tinha experimentado as esporas do 2.º ano», nós demos-lhe na aula uma pateada quando marcou a *sabatina*; fomos para a aula sem pastas e combinados em não discutir *por sermos todos da mesma opinião* – o que fizemos; e eu fui um deles porque me saiu a *sorte* para a *sabatina* – ainda lhe rufámos outra pateada, e não o cumprimentámos nem à entrada da aula nem à saída; e, por fim, fomos em massa, oficialmente, a casa do reitor, que era o Bernardo Serpa, e entregámos-lhe uma representação alegando que o lente não sabia uma palavra de Direito Penal, e que éramos com ele incompatíveis!

Resultado? O Garcia não tornou à aula, que tivemos fechada o resto do ano; e os Próprios estudantes que ele tinha em casa, hospedados, já essa noite não dormiram lá, Porque também isso foi combinado!

O caso ia estando muito sério, porque, nas assembleias que celebrámos no Clube Académico à porta fechada, houve propostas de *vias de facto*, e o Garcia esteve jogado aos dados! Mas ele sabe que fui eu um dos que lhe acudiram...

Ora mas quis o Demónio que este Bolson, que vinha sortir-se a Lisboa muitas vezes, perdesse a carteira duma vez que cá veio! Descuidou-se não sei como e perdeu a carteira, que por sinal estava recheada de notas – e dar por falta e correr à polícia, veloz que nem um gamo, foi tudo um, e apareceu na polícia sem pinga de sangue!

Não consta que oferecesse alvíssaras a quem lhe restituísse a carteira; mas o que se sabe com inteira certeza é que um dia a carteira apareceu, e que o Bolson, radiante, surgiu no comissariado para a receber!

Recebeu-a, e abriu-a sôfrego; mas vai senão quando, faz uma careta muito triste, como se não encontrasse dentro senão cotão, e murmura não sei que palavras, que pareciam ecos dalgum responsório...

Pergunta-lhe o comissário:

– Então, Sr. Bolson, falta-lhe alguma coisa?! Resposta do Bolson, inconsolável:

– Falta, Sr. Comissário! Falta! Faltam os *xuros*!

...Faltavam-lhe os juro – dos dias que trouxera perdido o seu rico dinheiro!...

Se non è vero...

Por isso não admira aquele epigrama do Dá Mesquita – José Pinto Dá Mesquita Gouveia, que foi depois governador civil de Vila Real –, quando uma vez o Bolson se lembrou de vender também santos, e pôs à porta do estabelecimento, para chamariz, um quadro que representava Nossa Senhora das Dores, com o peito alanceado de espadas, quadro que era tão bonito que o próprio Gonçalves Crespo, que não passava pela porta do Bolson havia uns poucos de meses (correspondentes, já se sabe, a juro em atraso!), veio à Baixa de máscara na cara – e de máscara se plantou diante do painel... e do Bolson, a

admirar aquela beleza!⁹⁵

Dizia assim o epigrama, cujo autor, hoje proprietário rico em Soutelo de São João da Pesqueira, se me não engano, tem epigramas engraçadíssimos:

*À porta inf'ri do Bolson
Está chorando uma pintura;
Dizem que é a Virgem pura,
Dizem que é a mãe do Cristo,
Mas eu cá não creio nisto:
— É uma vítima da usura!*⁹⁶

⁹⁵ Que as dívidas na Baixa constituíam impedimento a passear por lá demonstra-o a seguinte quadra do Dá Mesquita, feita a um estudante que, aparecendo-lhe uma vez na aula a *visitá-la*, ali se pespegou a hora toda, preferindo isso a ir passear:

*É sério, não é laracha:
Aquele atento ouvidor
Terá dívidas na Baixa
Ou quererá ser doutor?*

Queria ser doutor, e *era* até classificado no ano dele, onde nesse dia tivera um feriado. O visitante era o Tavares de Medeiros, agora advogado em Lisboa; e o não parecer conhecido do Dá Mesquita, isso não admira: muitos estudantes não conhecem, ou conhecem mal, os que frequentam os anos anteriores.

⁹⁶ Do Dá Mesquita lembro-me agora de outro epigrama, esse feito ao José Bonança, grande republicano de Lisboa que uma vez apareceu em Coimbra, a fazer não sei que magnos estudos na Biblioteca da Universidade. E uma sextilha, e alude-se nela àqueles painéis muito feios da Sala dos Capelos, que são os retratos de todos os reis de Portugal desde D. Afonso Henriques, retratos a que o conde de Raczinski chamou, sem injúria, «detestáveis»:

*Bonança chegou à Lusa!
Vem de martelo e blusa,*

*Vem implantar nova lei!
Com seus acendrados zelos
Vem deitar abaixo um rei
...Dos da Sala dos Capelos!*

Só essa geração literária da *Folha* dava um volume de epigramas! Alguns recolheu-os Gonçalves Crespo na biografia de João Penha, mas muitos ainda andam inéditos.

É muito engraçada aquela quadra do Gonçalves Crespo feita na aula, quando um dia, do lado onde ficava o padre Brito, que é hoje Bispo de Lamego, surdiu um *sussurro esquisito*, que atraiu a atenção do curso:

*Alguns dizem que foi grito,
Dizem outros que um arrote:
...Ah, maroto padre Brito,
Ah, podre Brito maroto*

E esta quintilha ao ventruado *do Patagónia*, que pregava sermões por um carro de estrume e dizia ele «que nem tanto valiam», e cujo nome de *Patagónia* lhe vinha de ter indicado uma vez todo o mapa da América, de alto a baixo, para mostrar onde ficava a Patagónia: «Fica *por aqui!*»

*Dou-te um figo de comadre,
E «firmo que não é podre,
Se me disseres se este padre
Que ora prega (oh, Santa Madre!)
É homem, ou pança, ou odre!*

E esta sextilha do João Penha ao Morais Carvalho, que tem sido ministro, e dava umas lições muito melífluas e bem compostas:

«À TABUA!»

Havia em Coimbra um lente de Botânica, já me não lembro como se chamava, muito amigo de «caçoar com a tropa». Com a tropa, é como quem diz, com os rapazes! Nas prelecções que o tal lente fazia, as piadas ferviam umas atrás

*Morais Carvalho, palavra,
Exala tanta poesia
Tua formosa oração,
Que parece obra da lavro
Da Musa que te alumio:
– D. Guiomar Torresão!*

Aquela, também do João Penha, ao vozeirão do Pinto Lambaça é muito conhecida:

*De pé diante do Brito
Dá lição Pinto Lambaça:
Parece a voz do infinito
Saindo duma cabaça!*

E esta outra, *retrato* do condiscípulo Feijó, irmão do poeta António Feijó:

*Dissolvi toucinho cru,
Deitai-lhe feijões e brócolos,
E tereis, completo e nu,
O nosso Feijó dos óculos!*

E esta, do Crespo a um condiscípulo, padre Bernardo, que dava umas lições muito desgrenhadas:

*Bernardo, quando tu oras,
Quando gritas, berras, choras,
Jesu!
Bernardo, que tens, Bernardo?
Uma lança, um prego, um dardo*

das outras, disfarçadas em frases de duplo sentido, em calembures, em trocadilhos, quando não eram ditas mesmo pelo claro – o que também sucedia!

O próprio gesto servia ao doutor como meio de arrelhar os rapazes! Assim, dizia ele todos os anos:

– Os viventes, meus senhores, dividem-se em dois grandes grupos: os *Racionais* (gesto para o peito) e os *Irracionais* (gesto para os rapazes).

De modo que já aquela piada, que era um meio de chamar *brutinhos* aos discípulos, era tradicional lá na cadeira! Chegado certo dia do ano, todos a esperavam; e o doutor, esse é que não iludia, por coisa alguma, a expectativa da rapaziada! Naquela altura do ano e do compêndio, era sabido que vinha a piada:

– Os viventes, meus senhores, dividem-se em dois grandes grupos: os *Racionais* (gesto pra cá) e os *Irracionais* (gesto pra lá).

Tal qual como na aula do Pedro, no 1.º ano de Direito! Porque o Pedro, esse também repetia todos os anos, em certa e determinada prelecção explicando o Coelho da Rocha, aquela lengalenga muito sabida:

– *E foi, meus senhores, por essa ocasião, que Duarte Nunes de Leão fez toda a compilação da nossa legislação e*

... ...?

Não me lembra onde...

E àquele estudante de Matemática, sargento, que, uma vez na aula do terrível Coelho, vendo que uns poucos se tinham estendido, pegou nos livros e fugiu, com medo *de ser* chamado e estender-se também, o Gonçalves Crespo, que estava por acaso a ver a aula, fez-lhe esta quadra:

*O sargento, flor das tropas,
Vendo arder alheias casas,
Sentiu o calor das brasas
No centro do ás de copas!*

dos assentos da Casa da Suplicação, por ordem de D. João.

Era um realejo! – e digo um realejo, porque no tempo do Pedro ainda não havia fonógrafo! O fonógrafo a aparecer, e o Pedro a jubilar-se, incompatível com todas as formas de progresso, como aquele *colega* de Filosofia, que «não acreditava» no gás de iluminação porque «luz sem torcida (dizia ele muito catedrático), isso não entendia»!

Lembro-me que para a tal prelecção do Pedro o curso do 2.º ano destacava sempre o seu piquete, de propósito para ouvir o «grande homem»!

E o Pedro a acabar a lengalenga – *«E foi, meus senhores, por essa ocasião, que Duarte Nunes de Leão fez toda a compilação da nossa legislação e dos assentos da Casa da Suplicação, por ordem de D. João»* – e os do 2.º ano a dizerem em coro, como se fossem uma matilha de cães: – *ão! – ão! – ão!*

Mas nem com o *ão! ão!* dos segundanistas, reforçado, sempre que podia ser, com os dos outros cursos que também apareciam, aquela boa alma do Pedro deixou de repetir pontualmente, como um realejo muito velho que tivesse perdido a chave da máquina, o infalível e medonho estribilho:

– *E foi, meus senhores, por essa ocasião, que Duarte Nunes de Leão fez toda a compilação da nossa legislação e dos assentos da Casa da Suplicação, por ordem de D. João.*

Pois o tal lente de Botânica era a mesma coisa: «...– os *Racionais* (gesto pra cá), os *irracionais* (gesto pra lá).»

Mas esse era por piada

Adiante.

Certo ano, tinha ele por discípulo um rapaz muito inteligente, mas muita cábula, que já me não lembro quem era. Chamou-o um dia à lição, e fê-lo ir à pedra; mas o rapaz, que não sabia palavra, pregou-lhe um estenderete real!

Ouviu-o o lente sem pestanejar... deixou-o dizer... e no

fim volta-se para o rapaz:

– Ora faça favor, apague!

O rapaz apagou com a esponja o que estava na pedra, e pôs-se a espera.

– Ora (diz-lhe o doutor) queira escrever agora aí...
(*pausa*) escrever agora aí... *tudo o que sabe da Botânica!*

...O rapaz não se atrapalhou!

Arregaça a manga muito arregaçada; com a mão esquerda apanha a capa da banda direita; pega no giz com toda a rópia; entesa-se diante da pedra; e, com a letra mais garrafal deste mundo, que enchia o quadro de lês a lês, estampa o seguinte:

BOTA

– Bem vê – volta-se ele para o professor – que já me nem cabe... NICA!

Bem. Mas a história ainda não é esta. No curso ainda havia outro discípulo que era também loiça muito fina, e esse até pediu a palavra – quando foi da tal lição dos *Racionais* e dos *Irracionais* – só para repetir diante do lente as palavras... e os gestos!

E repetiu! – «...os *Racionais* (gesto para ele), os *Irracionais* (gesto para o lente).»

O curso riu-se, mas o doutor fez que não percebeu e deixou-o dizer. Mas a páginas tantas, quando o rapaz estava a descrever não sei que caracteres das *leguminosas*, interrompe-o o lente e diz-lhe assim:

– Olhe o senhor que isso que está a dizer tem excepções.
– E logo, muito sério: – Se o senhor *for à fava*, por exemplo, lá verá, nesse legume... – mais isto, e mais aquilo, e mais assim, mais assado (uma das tais excepções)...

O rapaz ouviu e calou. Deixou correr a explicação, e a

explicação foi dar a outra coisa.

Senão quando, estava ainda o lente com a palavra, acode o rapaz:

– V. Ex^a dá licença?

– ...Diga.

– Isso também tem excepções.

– Ouvirei – torna o lente já desconfiado.

E o rapaz:

– Se V. Ex^a *for à tabua*, verá que essa planta se afasta da regra de V. Ex^a, porque...

Interrupção do lente – dando-se por pago e passando o recibo:

– Basta, basta! Diz muito bem! Já lhe cá pus PG.

«VIU BEM?»

Quando o comendador do Código Civil, o Sr. Dias Ferreira, andava no 6.º ano para se doutorar, era *veterano* do Sr. Fernando de Meto Geraldês, que foi depois marquês da Graciosa e morreu há pouco.

Este tipo do *veterano* vai hoje desaparecendo lá de Coimbra; porque, ao presente, sai-se da Universidade quase sem bigode, e dantes ia-se para lá já de barba na cara, e o *veterano* era uma entidade veneranda – um como representante, para todos os efeitos, do pátrio poder!

O pai mandava a mesada e os conselhos; e o *veterano* fiscalizava a mesada e dava contas ao pai, de quando em quando, do aproveitamento do caloiro, nome que, ainda no 1.º ano, mesmo hoje, os *novatos* não perderam de todo.

Explicava-lhe a lição, quando era preciso, e acompanhava-o de noite às vésperas de feriado – para que lhe não cortassem o cabelo, ou, como se diz em Coimbra, para que o não *esmonassem*...⁹⁷

⁹⁷ Escrevia-me um dia um velho bacharel:

Eu conservo ainda pelo veterano coimbrão um tal respeito que não me lembro dele sem lhe fazer a continência, sem me desembuçar (o desembuçar-se um estudante, ou, se leva a capa ao ombro, o erguê-la um pouco acima do ombro, ainda hoje é a continência que se faz aos lentes). Eu não sei se esta respeitável entidade (o veterano) existe ainda em Coimbra; se não existe já, se esta civilização que tudo abastarda e desnacionaliza a levou diante da sua rasoura niveladora, só tenho que lamentar os pais que têm de educar seus filhos em Coimbra, por ter desaparecido a autoridade académica que, caçoando o caloiro, lhe desenvolveu o espírito, que quando lhe cortava meio bigode o afastava de tavolagens e dos prostíbulos, que dando-lhe um grau (também já no meu tempo não havia graus. senão os que se davam na Universidade, no fim do acto do 4.º ano, com os latins e as solenidades dos estatutos!) o incitava a estudar para vir a ser também um bom veterano. Lamento os pais que, nem

Ora o Sr. Dias Ferreira, como disse, era o *veterano* do Fernando Geraldês – que tinha, pelos modos, o bom gosto de ser um grande cábula e um verdadeiro insubmisso às leis de Minerva!

Diz-lhe uma vez o Sr. Dias Ferreira:

– Prepare-se, olhe que é chamado amanhã. «Viu bem?»

E o Geraldês:

– Muito bem.

Mas, à noite, em vez de acender o candeeiro de três bicos, de latão amarelo, o novato tira-se de cuidados e pega da moca – e vai com os outros à caça dos gatos!

No meu tempo ainda era também costume ir a gente à caça dos gatos – e aqui está (digo-o agora!) quem ajudou a dar cabo daquele bichano maltês da poetisa D. Amélia Janny, e que a poetisa, diz-se, estimava muito!

O crime... prescreveu!

Andou, pois, toda a noite aos gatos, o bom do Geraldês; e quando recolheu, quase de manhã, não quis saber da sebenta, e foi para a aula *sem ver palavra!*

Fez o lente a prelecção do costume, que era a lição para o

mesmo indo com os filhos residir em Coimbra, podem substituir o veterano no que ele tinha de mestre e de protector, porque era a convivência literária com os veteranos de todas as Faculdades que imprimia ao estudante de Coimbra o tal quê que o distinguia de todos os demais estudantes do País.

Isso ainda hoje: o estudante de Coimbra não se confunde; e estou agora a lembrar-me de que fazendo eu uma vez uma viagem com o José Leite de Vasconcelos, que estudava Medicina no Pomo, e eu Direito em Coimbra, o surpreendi, uma ocasião que estávamos a merendar à borda de uma ribeira, debaixo de uns choupos, a olhar muito para mim em sei de comer:

– Que diabo estás tu a olhar? – perguntei-lhe eu.

– Cá uma coisa. Estou a ver que diabo têm vocês, os estudantes de Coimbra, que se não parecem com os das outras escolas, mesmo no tipo!...

O fenómeno dá-se, com efeito.

dia seguinte; e, no fim, já se vê, pôs-se a folhear a caderneta, a ver quem havia de chamar...

Pânico pelas bancadas! À esquerda do Sr. Geraldês ficava o seu condiscípulo Beirão – o Sr. Francisco António da Veiga Beirão, que tem sido ministro, e que era *urso*.

...Até que diz o lente lá da cadeira:

– O Sr. Fernando de Melo Geraldês.

E o Meio Geraldês acotovela com fúria o vizinho da esquerda e diz-lhe baixinho:

– Beirão! Ó Beirão! Olha que foste chamado!

Levanta-se rápido o Sr. Beirão, e prega, como era de esperar, uma lição formidável! A verdadeira lição de *urso*!

Diz-lhe o lente ao dar a hora:

– Estou satisfeitiíssimo! Tem dito muitíssimo bem!

E assenta uma lição óptima... ao Fernando de Meio Geraldês!

Vai para casa o Fernando Geraldês e conta a *história* ao Sr. Dias Ferreira.

– Oh, diabo! – diz-lhe de rábula o futuro causídico –, fez bem em me prevenir! «Vê bem?»

– Não vejo.

– Pois você verá.

E faz-se encontrado com o lente, e com a confiança de meios-colegas pergunta-lhe logo:

– Então o rapaz? Que tal andou?

O lente, pasmado:

– Optimamente! Você faz lá uma ideia?! Vou chamá-lo ainda outra vez, e hei-de ferrar-lhe um prémio no fim do ano!

O Sr. José Dias, prudente:

– Homem, isso não! Chamá-lo outra vez, isso não! (*Prudentíssimo!*) Não vá o rapaz *estragar o que fez!*

OS «VOLUNTÁRIOS»... DA ECONOMIA!

In illo tempore... E com certeza ainda hoje, havia no 2.º ano de Direito, na cadeira de Economia Política, a chamada classe dos *voluntários*. Os *voluntários* são os estudantes que, seguindo o curso de Matemática, vão à Faculdade de Direito frequentar Economia Política, visto que a Economia Política é precisa também para que aquele curso, e não sei porque não há-de ser precisa também para outros – se vão todos dar.., a ministros!

Ora os estudantes de Matemática, *voluntários* em Economia Política, afizeram-se desde tempos imemoriais a não estudar palavra para aquela cadeira, e é o mesmo que se a não tivessem! Fazem a sua *frequência de banco*, porque se a não fizessem não iam a acto, mas não estudam nem uma palavra; são uns arruaceiros terríveis na aula; e até ocupam bancada à parte – uma espécie de céu-aberto, porque não há cólicas, enquanto que os *obrigados* estão no *Inferno*!

Lá uma vez por outra, o lente, se está de veneta, lembra-se de chamar à lição um *voluntário* – e o *voluntário*, ou prega um estenderete descarado, ou apresenta um *nariz-de-cera* que não tem nada com a lição! O Dinis Moreira da Mota, por exemplo, esse fez remontar uma vez o estudo da Economia Política.., à nebulosa, dizendo coisas ultra-incríveis sobre a Economia Política aplicada ao giro dos astros! Esse deu uma *lição* fantástica!

Bem. Mas uma vez o Dr. Laranjo marcou uma lição sobre não sei quê, difícil como todos os demónios, e carregada, segundo o seu *louvável* costume, de citações! O sebenteiro viu-se em palpos-de-aranha para fazer a sebenta, e, quando a litografia da Rua das Cozinhas emitiu o indigesto guisado, já passava muito da meia-noite!

Na casa da litografia era uma arruaça medonha àquela hora, e as serventes e os estudantes rogavam pragas ao sebenteiro, à sebenta, à Economia Política e, está claro, ao Laranjo! Quando diz lá uma das serventes:

– O melhor é ir-se a gente deitar, e os senhores amanhã que metam dispensa!

Abençoada mulher que tal lembraste! Foi levada em charola para a Feira dos Estudantes, fez-se-lhe uma ovação que nem que fosse à Joana d’Arc, ou à padeira de Aljubarrota; e ela mesma, e as outras *colegas*, passaram o *moi’ d’ordre* aos que estavam ausentes!

Dito e feito! No dia seguinte, o Dr. Laranjo *foi farpeado* de rijo à porta da aula, porque ninguém passava diante dele, incluindo os *ursos*, que lhe não metesse uma dispensa! *Apanhou um geral*, como lá se costuma dizer em casos destes! Mas os *voluntários*, esses, porque nem ao incómodo se davam de meter dispensa, esses não meteram dispensa! Pareciam fortes na matéria – eles, que nem sebenta assinavam!

Entra, pois, para a aula o Dr. Laranjo, furioso, e prelecciona para o dia seguinte; e no fim, ainda furioso, rapa da pauta e chama à lição – um *voluntário!!!*

– Sr. Fulano da tal *Vieira!*

(Era um rapaz do Algarve chamado Vieira, que vivia em Coimbra com a família e que é hoje, se me não engano, tenente de engenharia.)

Levanta-se o Vieira e diz assim:

– Peço perdão! *Meti* dispensa a V. Ex^a!

– Dispensa?! – acode o Dr. Laranjo mais furioso! – Mas o seu bilhete não está aqui!

Réplica do Vieira:

– Nem admira! (*Pausa.*) Já foi há mais de quinze dias!

O GRANDE DAMÁSIO

Costumavam os lentes, lá em Coimbra, arrancar todos os dias em certos pontos, e em certas horas, para o seu bocadinho de má-língua. Hoje, parece-me que ainda é também a mesma coisa, com a diferença de que não sei onde se juntam.

Mas no meu tempo, os de Medicina, por exemplo, juntavam-se ali ao Castelo, na botica do Ferraz, e era, por sinal, o Dr. João Jacinto o que melhores piadas largava nesses cavacos! Inda eu tenho um cinzeiro que uma vez fui comprar ao Ferraz, estava o João Jacinto com a palavra, e de volta dele vários colegas. Explicava ele aos curiosos a razão por que certo sujeito de Coimbra não estivera nunca doente, e atribuía-lhe a imunidade à *matéria-prima* de que o tal sujeito era formado – de *alto a baixo*... (A *matéria-prima* de que o tal sujeito era formado, *de alto a baixo*, devo dizer baixinho que era a mesma de que se fazem os pentes, segundo a opinião de Camilo, e parece-me que do próprio João Jacinto...)

Quanto à lentalhada de Direito, essa reunia-se na livraria do Pires, à Sé Velha, onde nunca entrou sombra de estudante, e cá baixo, na Calçada, na livraria do Cabral. -

Os lentes de Teologia, tudo padres, esses formavam sínédrio noutra botica da Rua dos Coutinhos, ao pé da Misericórdia – mas eram, sem tirar nem pôr, os de linguinha mais aparada!

...Ora, na botica da Misericórdia, o primeiro que aparecia e último que se ia embora – «por causa das dúvidas...» – era o célebre Dr. Damásio, um muito rechonchudinho, com cara sempre de Páscoas, fino como um coral, e então com um olhinho sardónico muito capaz de lobrigar uma pulga no seio..., dum mistério! Um piadista de marca – afinado, pela Teologia, nas mais delicadas argúcias da má-língua...

Ora mas havia dois doutores com os quais, sobre todas as coisas deste mundo e do outro, embirrava o Dr. Damásio! Na botica da Misericórdia, a assa-fétida era uma droga quase sem cheiro, comparada com a consciência dos tais dois doutores, quando Damásio entrava a revolver-lhe as entranhas – com mãos sagradas... (O que faria se lhas revolvesse com mãos profanas!)

Bem. Teve uma vez o boticário não sei que escândalo dos dois doutores; e, mal viu nesse dia entrar de palitinho na boca o Dr. Damásio, pôs-se a bufar como uma baleia, e não houve mal que não dissesse dos dois ausentes!

Ouviu, ouviu o Dr. Damásio o boticário, sem dizer palavra; e, de mãos atrás das costas, palitinho ao canto da boca, trauteando ou assobiando não sei que moda, passeava pela botica – com ar indiferente...

Vai senão quando, arreliado já com a passeata, abre brecha na descompostura o boticário, e pergunta ao Dr. Damásio:

– Mas então?! Que diabo diz o senhor a isto?!

(O boticário queria que o teólogo lhe ajudasse à missa.)

– Homem – respondeu o Damásio –, eu o que lhe digo a isso (o que ele queria era arreliar o boticário!) *é que não é tanto como o senhor diz!*

Perde a cabeça o farmacêutico por se ver sem *acólito*, e ainda por cima contrariado, e o doutor vai-se pôr à porta a rufar nos vidros...

– Que não é tanto como eu digo?! Como, que não é tanto como eu digo?!?

E o Damásio, muito sorna, de costas voltadas e a rufar nos vidros:

– Já lhe disse! E ainda lhe digo outra vez: não é tanto como o senhor diz!

O boticário perdeu a cabeça!

Prega uma murraça no balcão de mármore e vem para o Damásio de punhos cerrados:

– Pois você – oiça! –, você que vem todos os dias para aqui dizer mal deles, você diz-me agora que não é como eu digo?!!!

E o Damásio, sempre a rufar:

– Pois disse, e repito-lhe! (*E virando-se para o boticário*). Isso a respeito *de um deles*, talvez lhe possa dizer que é justíssimo. Digo-lhe então que, *só para esse*, inda é pouco o que você diz! Mas agora a respeito *do outro*, isso há-de perdoar, mas é injustíssimo!

Esbraveja fulo o boticário, de mãos atadas à cabeça, e por fim irado:

– Mas então, a respeito de qual dos dois é que isto é injustíssimo?! Não fará o favor de me dizer?! Qual dos dois então é o mais velhaco?!

Resposta do Dr. Damásio, voltando-se e como se fosse dizer *Dominus vobiscum!*

– Isso agora... *é que eu não sei!*

«MISERERE NOBIS!»

Havia em Coimbra um velho chamado Dr. Nunes, que era lente da Universidade. Este Dr. Nunes tinha sido, por sinal, professor de D. Pedro V, e já eu não o conheci por lá. Mas era pelos modos um santo velho, muito amigo dos rapazes, deixando-os fazer na aula tudo o que eles queriam.

Estudar, nem palavra! Bem podia moer-se o Dr. Nunes a explicar-lhes Enciclopédia, que os rapazes não queriam saber de Enciclopédia; todos os dias iam para a aula completamente em branco; jogavam de porta; quando o Dr. Nunes chamava algum, este respondia: «Não vi!», e se sempre havia um que dava lição, o pândego disparatava à larga e sem se importar – fora o mais!

O mais era, por exemplo, judiaria grossa dentro da aula; espirros gerais do curso quando o Dr. Nunes fungava a sua pitada, um *atchim!* monumental que era de ir abaixo a Universidade; e tiroteios com balas de artilharia feitas de jornais velhos, de bancada para bancada, acompanhados, já se vê, do ruído do tiro – *Pum!* – *Pum!* – *Pum, pum!* Em certos momentos de silêncio, outras vezes, quando cada um lia o seu romance e o Dr. Nunes explicava Enciclopédia unicamente ao seu lenço de assoar, ouvia-se de lá um «Ai!» como de viúva, muito gemido, que era de cortar o coração!

...Atrás do ai, uma gargalhada geral!

E o Dr. Nunes, coitado... moita!

Lá ia moendo a Enciclopédia até dar o quarto; quanto à arruaça, era como se a não ouvisse.

Moita, o Dr. Nunes!

Deixar brincar os rapazes!

Quando aparecia algum *ouvinte*, o ouvinte tinha que ver com os rapazes; e outras vezes era o *bode expiatório* o próprio

bedel! Quando o bedel se punha a ver quem faltava, passando os olhos, muito devagar, pelas bancadas do curso, havia sempre meia dúzia de rapazes que se agachavam – fingindo que tinham faltado... O bedel, é claro, marcava-lhes falta, e o Dr. Nunes também. Mas no fim, quando o bedel repetia os números dos que *faltavam*, cada qual defendia-se logo:

– Não senhor! Estou aqui!

– Não senhor! Estou presente!

– *Adsum!*

– *Ecce!*

Um grande banzé!

E o bedel..., a bufar!

E o Dr. Nunes... moita!

Mas um dia, de que demónio se haviam de lembrar os rapazes? De cantar na aula uma ladainha!

E rompe o número 1:

– *Santa Virgo Virginis!*

E Logo o curso todo, em grande instrumental, uns de baixos, outros de tenores, outros de contraltos, e os restantes formando a orquestra, responde num alarido medonho:

– *Ora pro nobis!*

...E o pobre do Nunes... moita!

Mas, quando chegou ao final da ladainha, parece que o Nunes acordou, e sai-se com esta para o curso todo:

– Muito bem! Muito bem! Os senhores agora dizem *Ora pro nobis*. Pois no fim do ano, no fim do ano dirão: *Miserere nobis!*

LEÃO REI DOS ANIMAIS

Regia a cadeira de Química na Universidade um lente que, pelos modos, não era lá grande luminar da ciência! Chamava-se Leão Rei dos Animais. Apanhou quando estudante a sua *classificação* (umas distinções e não sei se algum *accessit*) e, concluída a formatura, lembrou-se de tomar capelo, e deram-lho! Mas deram-lho como lá o costumam dar às vezes: com a secreta convenção de que nunca, em sua vida, se atreveria a ir a um concurso para entrar para lente!

A Universidade, que faz às vezes coisas piores, faz também destes doutores! São uma espécie de doutores honorários, doutores decorativos ou de procissão, porque a gente encontra-os sempre nas procissões, de capelo e borla, empunhando, com solenidade, numa das mãos a borla própria, na outra, com donaire, a do pendão. Até parece que vêm de algures!

Mas como *in rebus Universitatis quod est, est*, está claro que, se um destes doutores se lembra de concorrer a alguma vaga, os de dentro escorraçam-no logo – correndo-o, desalmadamente, a *favas pretas*!

Ora o Leão pertencia a esta categoria de excomungados! Tinha capelo, porque lho haviam dado – mas só para o mostrar cá fora... O ingresso às *doutorais* da nobre Sala, esse ficara-lhe proibido – porque para lente não chegava à craveira!

Ficaram todos nisto.

...Mas qual não é o espanto do doutíssimo sinédrio, quando, uma vez, passados anos, aparece um requerimento do Leão propondo-se a uma vaga?! Muitos, riram-se; outros, ficaram furiosos! E os que ficaram furiosos entraram também a rir, quando se lembraram se aquilo seria partida...

– Ora! Isto é *partida*! Ele não vem cá!

Mas breve se convenceram de que ia, porque Leão Rei dos Animais fez constar esse firme propósito! Ou ele não fosse... Leão!

– Bem! Nesse caso, que venha! – disseram logo os outros em desafio!

E combinaram todos esta coisa redonda, *nemine discrepante*: arrumar-lhe cada um sua fava preta, o que é o mesmo que dizer: reprová-lo por unanimidade!

Bem! Soube da cabala o grande Leão, e tratou de engodar os *adversários*, os quais adversários não eram de modo algum seus inimigos. Pelo contrário, simpatizavam até com ele! Cá fora, tudo quanto quisesse: «Leão isto; Leão aquilo; tu cá, tu lá», muita festa prà festa, em suma! – agora lá dentro, o caso mudava muito de figura, e era outro e muito diferente: amigos, amigos, negócios à parte...

Que faz, por conseguinte, o Leão, quando vê o caso mal parado?! Pega em si, e, pela calada da noite, vai a casa do primeiro lente, dos que tinham de o examinar... Bate, anuncia-se com um nome trocado, entra com um grande ar de mistério, sondando os cantos – não estivesse alguém...

– Homem!! Que há?! – diz-lhe o outro, muito aflito.

O Leão pergunta com um gesto «se estavam sós, ou se havia alguém que pudesse ouvi-los...»

– Ninguém! Fala! Que diabo há?!

– Que há-de haver, homem?! – desabafou o Leão! – Aquela minha asneira! A tolice de me ir meter no concurso!

– Mas isso que diabo tem?! – respirou o outro. – Se não queres lá ir, desistes! Essa é boa!

– Ora, «desistes!» – lamentava Leão Rei dos Animais. – Isso é bom de dizer! Ora põe-te cá tu no meu lugar... (O outro figurava-se no lugar do Leão, ou o Leão assim o imaginava.) Pois aí é que bate o ponto!

– Mas que ponto, ó Leão?! – insistia o outro para lhe tirar

escrúpulos. – ias porque querias; não vais porque já não queres! E simples!

– Homem, simples é que não é! – objectava o Leão. – De simples é que não tem nada!

E chamava-o à complacência:

– Ora com franqueza! Franqueza, franquezinha! Depois de requerer, hás-de confessar que me fica mal desistir!

O colega não percebia porquê...

– Homem! Era reprovar-me a mim mesmo, não percebes?! Então antes reprovarem-me vocês, porque eu – francamente – não vos levo a mal que me reproveis!

– Mas então...?! – ia a perguntar o outro, já desorientado.

– Mas então, do mal o menos! Olha: jogo franco, cartas na mesa! Eu já sei que vocês me reprovam. Andam muito bem! Fazem o seu dever! Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele! Eu não devia lá ir! Mas, com mil diabos!, essa cabala de me botar cada um sua fava preta, de me reprovarem – *nemine discrepante* –, isso, palavra, dói que nem todos os diabos! Dói porque é uma brutalidade, afinal! E depois, anda cá, até vos fica mal a vocês todos! Hão-de dizer que deram capelo a quem o não merecia, e isso é também um desaire para a Faculdade!

– Mas então...?! – voltava o outro sem perceber ainda. – Que diabo queres tu?! -

– O que eu quero, ouve, não é que vocês me aprovem! Mas como sei que és meu amigo (e chegava-se), e eu lá com a *tropa* dos outros não me entendo (punha-lhe a mão no ombro), homem!, ao menos queria te dever a ti um grande favor!

– Se estiver na minha mão...

– Vê lá o que dizes! Se estiver na tua mão, fazes?!...

– Mas há-de ser só na minha mão... – acautelava-se o outro,

Leão Rei dos Animais anuiu:

– Pois está, e vem a ser isto: que ao menos tu, que és meu

amigo, não me botes fava preta! Já vêes que está na tua mão! – E apertava-o:

– Que diabo te custa?! Eu lá com os outros não me entendo: que me *chumbem!*, que os leve o Diabo! Mas queria ao menos ter uma fava branca!, ao menos um amigo! Com pouco me contento, pois não vêes?! Mas levo cá este capricho, então que lhe queres? E contava contigo...

E tanto insistiu no *argumento*, tanto insistiu, que o outro disse-lhe que sim – e Leão Rei dos Animais caiu-lhe nos braços!

Passado o minuto da *comoção*, torna o candidato:

– Bem!, mas agora hás-de-me dar a tua palavra de que não dizes nada! Bem vêes, era pior a emenda que o soneto! Ficava-me mal que viesse a constar que estive aqui, a pedir de esmola uma fava branca, depois da cabala que lá tramastes de me reprovar! Assim, tu não dizes nada; e como a votação é secreta, vão lá saber se foste tu o da fava branca! (*Estendendo-lhe a mão*) Palavra de honra?!

– Bem, palavra de honra! – conveyo o outro sem o menor sacrifício.

– Mas... palavra de honra?!

– Homem! Já te disse!

Abraçou-o com enternecimento o Leão, e foi-se embora – misterioso como havia entrado...

O outro foi alumiar à escada.

– Não é preciso luz, adeus! Eu cá dou com a escada.

.....
.....

...Ora mas é de saber que o Leão fez visita igual aos demais lentes, sem falhar um, e que dos demais lentes – sem falhar um! – obteve, *sob palavra de honra*, as mesmas

promessas!⁹⁸

A razão que teve o primeiro para lhe prometer a sua fava branca foi a mesma que tiveram os demais: contavam todos, e cada um, com a fava preta dos restantes! Quanto ao segredo, isso nem era preciso pedi-lo!

Resultado?!

Escapou do concurso o grande Leão – *sem uma única fava preta!*

Poucos se gabam da façanha!

Vai, pois, o Leão para a cadeira de Química, mas os rapazes não lhe estudavam palavra – e ele, coitado, nem ao respeito se sabia dar!

Nunca levava caderneta, e nem mesmo marcava faltas; e, para chamar à lição, usava do seguinte processo: punha-se a ver se algum rapaz olhava para ele – e, se algum olhava, chamava esse:

– Psiu, o senhor!

Mas, uma vez, combinaram todos não olhar; e, mal acabou o Leão a lengalenga, ferraram todos a cabeça em cima dos joelhos, como se estivessem num sono pegado.

O Leão tossiu, o Leão esgarrou, o Leão arrastou a cadeira – a ver se algum rapaz levantava o focinho. Mas nada! Estavam todos de tromba ferrada, e nenhum se resolvia a olhar. Até que, passados cinco minutos (que foram de absoluto silêncio), como houvesse um que botou para o lente o rabo do olho, o Leão, que estava à coca, gritou-lhe logo:

– Psiu, o senhor!

⁹⁸ Partida semelhante já a fez uma vez um rapaz que, vendo-se atrapalhado com má frequência, que lhe renderia ficar reprovado, pediu a cada lente quinze mil réis emprestados *por dois* dias, para fechar matrícula – «porque era pobre!» – e foi para o acto sem ter pago a nenhum! Estendeu-se como um pato; mas os lentes, para não abusarem da sua posição de credores e para que não se dissesse que reprovaram o rapaz por lhes não Pagar – aprovaram-no!

Mas o rapaz, que tornara logo a ferrar a tromba, deixou só no ar o braço direito e pôs-se com o dedo a dizer que não...

– Não... Não... Não, senhor...

Alvorou dessa vez o Leão sem ouvir ninguém – porque os rapazes, está claro, não olharam!

Ora mas uma vez foi o Luís José Dias, que é prior agora em Santa Catarina, à aula do Leão! Dois que iam com ele sentaram-se no banco dos ouvintes, mas o Luís José Dias, mais patusco, subiu os degraus do estrado onde ficava a cadeira do lente e foi repotrear-se mesmo ao pé dele, noutra cadeira que há sempre de sobresselente para algum colega que apareça, ou para o reitor.

Repimpou-se na cadeira o Luís José Dias, muito repimpado; e o Leão, que estava a explicar, sem fazer pausa nem vírgula na prelecção e sempre a olhar para o curso, mete o seguinte no tom da lição:

– A cadeira ao meu lado só pode ser ocupada por três grupos de pessoas: 1.º, pelos meus colegas; 2.º, *pelos malcriados*; 3.º...

Ia a dizer talvez: *pelo reitor*... Mas interrompe-o o Luís José Dias, recostando-se muito recostado:

– Não diga mais! Não se incomode! Eu pertenço ao 2.º grupo!

SANCHES, «O COMILÃO»

No tempo em que o João Penha andava em Coimbra, já regia a cadeira de Direito Civil, no 2.º ano, o mesmo lente que a regia no meu, e que era o Dr. Sanches da Gama.

Em Coimbra, os lentes são muito conhecidos e conhecem toda a gente. Mas, como passam o ano de casa para a Universidade e da Universidade para casa, segue-se que poucos os conhecem fora da Lusa Atenas, porque os mais deles só chegam no Verão até à Figueira, tomam uns banhitos para temperar a fibra... do braço com que deitam os *R R*, e no princípio de Outubro lá vão outra vez todos até Coimbra – continuar «aquela maçada»!

Alguns chegam à *terra*, como os rapazes, e outros até se ficam por lá: entretêm-se a ver as hortas; a dar o seu passeio com o administrador; aparecem pela botica ou por casa do padre; taramelam de política o seu bocado; e, se vão para velhos, tratam de mandar fazer uma casa nova – para se meterem nela depois de jubilados, à espera que a morte os leve!

Isto, já se vê, tem excepções. Lá aparece um outro que, logo que se apanha doutorado e a reger cadeira, diz aos livros que passem por lá muito bem; que para maçada basta a que lhe deram; que «isto de ser lente é uma piolheira sem futuro» e que Lisboa é que é terra e o mais são lérias! Esses fazem-se deputados; vão para São Bento; alguns trepam a ministros; arranjam o seu emprego para os *interregnos* do ostracismo; e só se lembram que são lentes quando ouvem dizer, no Parlamento, ou lêem nos jornais, que na Faculdade de Direito estão fechadas *tantas* cadeiras por falta de professores; que na de Medicina acontece o mesmo; na Teologia a mesma coisa; outro tanto na de Matemática; e o mesmo, sem tirar nem pôr, na de Filosofia!

Mas bem se importam eles!

Pois o Dr. Sanches da Gama era lente de Direito, e já o era quando o João Penha andava em Coimbra. Mas como pode ser que o não conhecessem, porque nunca foi deputado, e era dos tais que levavam o ano a andar e a desandar entre a estrada da Beira, onde morava, e a Universidade, onde dava aula, tenho de dizer que ele já passava, no tempo do Penha, pelo maior gastrónomo da Universidade! Era alto, gordo, alentado e possuía o bigode-e-pêra mais florente que se tem visto nas doutorais! De capa e batina, quando ia para a aula ou vinha da aula, era assim como o Falstaff da lenda – disfarçado em frade Bernardo... Como bastava olhar-lhe para a cara, para se ver que estava ali um felizão da espécie dos que trazem a felicidade no estômago, até penso que foram feitos na aula dele todos os sonetos do João Penha que falam em chouriços e em presunto – sem deixarem, todavia, de falar de amor:

*Quando há pouco a teus pés (oh, quadro lindo!)
Te disse o meu amor, em doce esmaio,
Senti volúpias dum prazer infindo.*

*Ó camenas agrícolas, cantai-o!
Ela, a minha formosa, ela fugindo
Deixou-me o coração – deixou-me o paio!*

E foi aborrecido com alguma prelecção do Sanches que o poeta do *Vinho e Fel* desabafou neste terceto:

*Dá-se esse onagro de vigor silvestre,
E os odres pandos, ó Sileno antigo:
Ensina-me na dor: só tu és mestre!*

Mas, pelos modos, o Dr. Sanches da Gama não se

limitava a comer muito: comia do bom e do melhor e mandava ir da Beira quase tudo – «nunca fiando em merceeiros»..., Deste modo, como se sortia por atacado, tinha uma despensa que era um armazém de coisas preciosas – muito mais completo, no seu género, que o Museu de História Natural, anexo à Faculdade de Filosofia, que é também de coisas mortas, sim, mas... empalhadas!

Pinga, está claro – da melhor!

Tinha além disso o doutor o melhor cozinheiro de Coimbra, o apetite mais devorador e fiel que é possível imaginar – e sabia comer! Daí aquela aparência jucunda: porque, além de fazer duas barbas, donde lhe pendia, nascida à raiz do beijo sensual, a nédia e farta pêra, as faces impavam-lhe de chorume, e parecia que pelos olhos pequenos o sangue lhe queria espirrar – o próprio e o do *roast-beef*!

Na aula era exigente! Começava por passar em claro o capítulo «Das águas», por ser, como ele dizia com alguma graça, *matéria corrente*, e caía a fundo na *posse e prescrição*, levando com elas o ano todo!

Tinha a mania de estar sempre a formular hipóteses, algumas delas bicultíssimas, e citava constantemente dois comentadores franceses cujos nomes se podem dizer mesmo a mastigar, e dão uma sensação de fartura que enche a boca e regala o estômago: Rogron; Troplong; Troplong, Rogron...

Até gorgulham!

Tinha, pois, o Dr. Sanches o ódio das dispensas. Embezerrava todo quando o *farpeavam*, que é como quem diz, quando à entrada da aula os rapazes lhe metiam o seu cartão-de-visita com as palavrinhas sacramentais: «O n.º tantos, Fulano de Tal, pede dispensa a V. Ex^a».

Mas os rapazes iam-lhe metendo sempre as suas dispensas, porque o Dr. Sanches da Gama tinha o costume de guardar só para o fim do jantar, e raras vezes para o fim duma

lição, cacarejada por qualquer discípulo, aquela frase de que era avaro fora da mesa:

– Estou satisfeito!

Fora da mesa, era raríssimo ficar satisfeito!

Ora uma vez, ou porque *andasse à corda* e não estivesse para se maçã, ou porque levasse toda a noite no Homem do Gás ou na Tia Maria Camela, em palestras e libações, chegou também a vez ao Dá Mesquita de meter a sua dispensa:

O n.º 82

JOSÉ PINTO DA MESQUITA GOUVEIA

pede dispensa a V Ex^a

Reparou o Dá Mesquita que o Sanches da Gama ficou apoplético! Mas subiu para o *galinheiro* e não se importou; e como *in rebus Universitatis quod est, est*, ficou seguro de que não era chamado à lição, porque da Porta Férrea para dentro a Praxe é tudo – e a Praxe consagrou, *ab illo tempore*, aquela maneira de cabular

Toca, portanto, a fazer versos!

Daí por um bocado, enquanto o Sanches preleccionava, lá ia, pois, de joelho em joelho, muito agachado pelas bancadas, este epigrama do Dá Mesquita, resposta à *carantonha* que lhe fizera o Sanches:

Dizem que o Sanches embirra

Que lhe vão pedir dispensa.

Forte asneira!

Imagina que lhe pedem

A despesa

Onde tem a salgadeira!

© Projecto Vercial, 2002-2006. Baseada na edição de 1902.
Actualizou-se a grafia.

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial>
